



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS

ROMÁRIO DUARTE SANCHES

**VARIAÇÃO LEXICAL NOS DADOS DO PROJETO ATLAS  
GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO AMAPÁ**

BELÉM-PA  
2015

ROMÁRIO DUARTE SANCHES

**VARIAÇÃO LEXICAL NOS DADOS DO PROJETO ATLAS  
GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO AMAPÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação do Prof. Dr. Abdelhak Razky.

Linha de pesquisa: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

BELÉM-PA  
2015

ROMÁRIO DUARTE SANCHES

**VARIAÇÃO LEXICAL NOS DADOS DO PROJETO ATLAS  
GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO AMAPÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Data: 30/ 09/ 2015

Conceito: Aprovado

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Doutor Abdelhak Razky (Orientador)  
Universidade Federal do Pará - UFPA

---

Professor Doutor Alcides Fernandes de Lima (Avaliador interno)  
Universidade Federal do Pará - UFPA

---

Professora Doutora Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva (Avaliadora externa)  
Universidade do Estado do Pará - UEPA

*A todos os informantes que participaram e  
contribuíram para realização desta pesquisa.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Isabel Duarte e Eduardo Sanches, pelo incentivo que eles têm me dado.

À professora Celeste Ribeiro por acreditar em mim e pela amizade que foi sendo construída ao longo desses anos de minha vida acadêmica.

A todos os informantes e membros do projeto ALAP que me mostraram o mundo de uma forma simples e encantadora, tornando-me mais humano e comprometido com o fazer científico.

Ao professor Razky pelas exaustivas orientações que me tem dado, e que com certeza foram determinantes para que o trabalho pudesse ser concretizado.

A todos os velhos e novos amigos que sempre estiveram comigo (Dayane, Diana, Nizilene, Maria Cristina, Monique, Rikary, Alanna, Amanda, Leydiane, Benedita, Brayna, Fernanda e Josué).

À Simone e sua família por ter me acolhido durante período do mestrado, e pelas longas e deliciosas conversas que tivemos em sua casa.

A todo grupo GeoLinTerm pela amizade e troca de conhecimento que me tem fornecido.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Pessoal Superior (CAPES) pelo apoio e incentivo à pesquisa.

## RESUMO

Este trabalho objetiva descrever, mapear e analisar a variação lexical do português brasileiro falado no Amapá, com base nos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá (ALAP). A pesquisa segue os postulados teórico-metodológicos da dialetologia pluridimensional (THUN, 2000), numa abordagem geossociolinguística (RAZKY, 2003). Ressalta-se que os dados analisados aqui, sob a perspectiva geossocial, compõem o *corpus* do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá (ALAP). Foram selecionados 10 pontos de inquéritos, sendo entrevistados quatro informantes por localidade. Os informantes se dividem em dois grupos que correspondem às variáveis sociais: sexo (masculino e feminino) e idade (18-30 anos e 50-75 anos). Para as entrevistas, foi aplicado o Questionário Semântico-Lexical do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Por meio dos dados coletados e tratados, foram selecionados 15 itens lexicais referentes a seis campos semânticos. Consideraram-se três tipos de análise para os dados: espacial (geográfica), social (variáveis idade e sexo) e comparativa (dados lexicais do ALAP com o ALiB). Este último tipo de análise buscou comparar 11 itens lexicais do projeto ALAP com os dados publicados pelo projeto ALiB. Na análise espacial (geográfica), constatou-se que no Amapá há uma forte pluralidade lexical para designar um mesmo item lexical, no entanto, não há uma delimitação geográfica restrita à realização das variantes lexicais encontradas. Em relação à análise social, observou-se que a variável faixa etária tende a gerar mais variabilidade do que a variável sexo. Sobre a comparação com os dados do ALiB, ratifica-se que a maioria dos dados encontrados no ALAP se complementam e coincidem com os dados publicados pelo ALiB.

**Palavras-chave:** ALAP. Dialetologia. Geossociolinguística. Variação Lexical.

## ABSTRACT

This paper aims to describe, map and analyze the lexical variation of the Brazilian Portuguese spoken in Amapa, based on project data Geossociolinguistic Atlas of Amapa (ALAP). The research follows the theoretical and methodological postulates of multidimensional dialectology (THUN, 2000), a geossociolinguística approach (RAZKY, 2003). The data analyzed here under the geo-social perspective, make up the corpus of the Geossociolinguistic Atlas of Amapa - ALAP. We selected 10 points surveys, and interviewed four informants by location. Informants are divided into two groups corresponding social variables: gender (male and female) and age (18-30 years and 50-75 years). For the interviews was applied Semantic-Lexical Questionnaire. Through the collected and processed data, we selected 15 lexical items related to six semantic fields. They considered three types of analysis to the data: spatial (geographical), social (variables age and sex) and comparative. The latter type of analysis aimed to compare 11 lexical items ALAP design to data released by ALiB project. Spatial analysis (geographical), it was found that in Amapa there is a strong lexical plurality to designate a same item, however, there is a restricted geographical boundaries the realization of lexical variants found. About social analysis, it was observed that the age variable tends to generate more variability that sex. About compared to ALiB data they recognize that most of the data found in ALAP complement and coincide with the data published by ALiB.

**Keywords:** ALAP. Dialectology. Geolinguistic. Lexical Variation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Carta de Salvador	26
<b>Figura 02</b> – Modelo da Dialectologia Pluridimensional	29
<b>Figura 03</b> – Carta Lexical (Sanguessuga)	32
<b>Figura 04</b> – Carta Lexical (Atiradeira)	33
<b>Figura 05</b> – Carta lexical (Rótula)	34
<b>Figura 06</b> – Carta fonética (Caro)	35
<b>Figura 07</b> – Carta Léxico-fonética (Parte terminal da inflorescência da bananeira)	36
<b>Figura 08</b> – Carta Lexical (Estrela-D'alva)	37
<b>Figura 09</b> – Carta Lexical (Lobisomem)	38
<b>Figura 10</b> – Carta Lexical (João-de-barro)	39
<b>Figura 11</b> – Carta fonética (Desvio)	40
<b>Figura 12</b> – Carta 125 (Peixes de escamas da família <i>characidae</i> )	41
<b>Figura 13</b> – Carta Lexical (Mosquito)	42
<b>Figura 14</b> – Carta Lexical (Ventania)	43
<b>Figura 15</b> – Rede de Pontos do ALAP	48
<b>Figura 16</b> – Leiaute da carta-base	52
<b>Figura 17</b> – Carta-base do ALAP (representação espacial)	53
<b>Figura 18</b> – Carta-base do ALAP (representação social)	55

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> – Realização em % para o item <i>córrego/Riacho</i>	60
<b>Gráfico 02</b> – Realização em % para o item <i>orvalho/Sereno</i>	63
<b>Gráfico 03</b> – Realização em % para o item <i>nevoeiro/cerração/neblina</i>	65
<b>Gráfico 04</b> – Realização em % para o item <i>ponta roxa no cacho da bananeira</i>	67
<b>Gráfico 05</b> – Realização em % para o item <i>galinha-d'angola</i>	70
<b>Gráfico 06</b> – Realização em % para o item <i>gambá</i>	73
<b>Gráfico 07</b> – Realização em % para o item <i>libélula</i>	75
<b>Gráfico 08</b> – Realização em % para o item <i>pernilongo</i>	78
<b>Gráfico 09</b> – Realização em % para o item <i>pessoa pouco inteligente</i>	80
<b>Gráfico 10</b> – Realização em % para o item <i>prostituta no Amapá</i>	83
<b>Gráfico 11</b> – Realização em % para o item <i>xará</i>	86
<b>Gráfico 12</b> – Realização em % para o item <i>cigarro de palha</i>	88
<b>Gráfico 13</b> – Realização em % para o item <i>cambalhota</i>	90
<b>Gráfico 14</b> – Realização em % para o item <i>papagaio de papel</i>	93
<b>Gráfico 15</b> – Realização em % para o item <i>ruge</i>	95

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01</b> – Itens Lexicais	51
<b>Tabela 02</b> – Cores para cartas lexicais, até 5 variantes (RGB)	54
<b>Tabela 03</b> – Cores para Carta Diageracional (RGB)	56
<b>Tabela 04</b> – Cores para Carta Diagenérica (RGB)	56
<b>Tabela 05</b> – Convenção de símbolos para arquivamento dos dados	56
<b>Tabela 06</b> – Transcrições fonéticas	57
<b>Tabela 07</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>córrego/riacho</i> )	60
<b>Tabela 08</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>orvalho/sereno</i> )	63
<b>Tabela 09</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade( <i>nevoeiro/cerração/neblina</i> )	65
<b>Tabela 10</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>ponta roxa no cacho da bananeira</i> )	67
<b>Tabela 11</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>galinha-d' angola</i> )	70
<b>Tabela 12</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>gambá</i> )	73
<b>Tabela 13</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>libélula</i> )	75
<b>Tabela 14</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>pernilongo</i> )	78
<b>Tabela 15</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>pessoa pouco inteligente</i> )	80
<b>Tabela 16</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>prostituta</i> )	83
<b>Tabela 17</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>xará</i> )	86
<b>Tabela 18</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>cigarro de palha</i> )	88
<b>Tabela 19</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>cambalhota</i> )	90
<b>Tabela 20</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>papagaio de papel</i> )	93
<b>Tabela 21</b> – Frequência das variantes lexicais por localidade ( <i>ruge</i> )	95
<b>Tabela 22</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>córrego/riacho</i> )	98
<b>Tabela 23</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>orvalho/sereno</i> )	102
<b>Tabela 24</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>nevoeiro/cerração/neblina</i> )	104
<b>Tabela 25</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>ponta roxa no cacho da bananeira</i> )	106

<b>Tabela 26</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>galinha-d' angola</i> )	108
<b>Tabela 27</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>gambá</i> )	110
<b>Tabela 28</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>libélula</i> )	112
<b>Tabela 29</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>pernilongo</i> )	115
<b>Tabela 30</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>pessoa pouco inteligente</i> )	117
<b>Tabela 31</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>prostituta</i> )	119
<b>Tabela 32</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>xará</i> )	120
<b>Tabela 33</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>cigarro de palha</i> )	122
<b>Tabela 34</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>cambalhota</i> )	124
<b>Tabela 35</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>papagaio de papel</i> )	126
<b>Tabela 36</b> – Distribuição por variáveis sociais ( <i>ruge</i> )	128
<b>Tabela 37</b> – Dados comparativos do item lexical ( <i>orvalho</i> )	132
<b>Tabela 38</b> – Dados comparativos do item lexical ( <i>neblina</i> )	132
<b>Tabela 39</b> – Dados comparativos do item lexical( <i>ponta roxa no cacho da bananeira</i> )	133
<b>Tabela 40</b> – Dados comparativos do item lexical( <i>galinha-d' angola</i> )	134
<b>Tabela 41</b> – Dados comparativos do item lexical ( <i>libélula</i> )	134
<b>Tabela 42</b> – Dados comparativos do item lexical ( <i>pernilongo</i> )	135
<b>Tabela 43</b> – Dados comparativos do item lexical ( <i>prostituta</i> )	136
<b>Tabela 44</b> – Dados comparativos do item lexical ( <i>cigarro de palha</i> )	136
<b>Tabela 45</b> – Dados comparativos do item lexical ( <i>cambalhota</i> )	137
<b>Tabela 46</b> – Dados comparativos do item lexical ( <i>papagaio de papel</i> )	137
<b>Tabela 47</b> – Dados comparativos do item lexical ( <i>ruge</i> )	138

## LISTA DE CARTAS LINGUÍSTICAS

<b>CARTA L01</b> – Item <i>córrego/riacho</i>	62
<b>CARTA L02</b> – Item <i>orvalho/sereno</i>	64
<b>CARTA L03</b> – Item <i>nevoeiro/cerração/neblina</i>	66
<b>CARTA L04</b> – Item <i>ponta roxa no cacho da bananeira</i>	69
<b>CARTA L05</b> – Item <i>galinha-d'angola</i>	72
<b>CARTA L06</b> – Item <i>gambá</i>	74
<b>CARTA L07</b> – Item <i>libélula</i>	77
<b>CARTA L08</b> – Item <i>pernilongo</i>	79
<b>CARTA L09</b> – Item <i>pessoa pouco inteligente</i>	82
<b>CARTA L10</b> – Item <i>prostituta</i>	85
<b>CARTA L11</b> – Item <i>xará</i>	87
<b>CARTA L12</b> – Item <i>cigarro de palha</i>	89
<b>CARTA L13</b> – Item <i>cambalhota</i>	92
<b>CARTA L14</b> – Item <i>papagaio de papel</i>	94
<b>CARTA L15</b> – Item <i>ruge</i>	97
<b>CARTA L01G</b> – Item <i>córrego/riacho</i>	100
<b>CARTA L01S</b> – Item <i>córrego/riacho</i>	101
<b>CARTA L02G</b> – Item <i>orvalho/sereno</i>	103
<b>CARTA L03G</b> – Item <i>nevoeiro/cerração/neblina</i>	105
<b>CARTA L04G</b> – Item <i>ponta roxa no cacho da bananeira</i>	107
<b>CARTA L05G</b> – Item <i>galinha-d'angola</i>	109
<b>CARTA L06G</b> – Item <i>gambá</i>	111
<b>CARTA L07G</b> – Item <i>libélula</i>	113
<b>CARTA L07S</b> – Item <i>libélula</i>	114
<b>CARTA L08G</b> – Item <i>pernilongo</i>	116
<b>CARTA L09G</b> – Item <i>pessoa pouco inteligente</i>	118

<b>CARTA L11G</b> – Item <i>xará</i>	121
<b>CARTA L12G</b> – Item <i>cigarro de palha</i>	123
<b>CARTA L13G</b> – Item <i>cambalhota</i>	125
<b>CARTA L14G</b> – Item <i>papagaio de papel</i>	127
<b>CARTA L15G</b> – Item <i>ruge</i>	129
<b>CARTA L15S</b> – Item <i>ruge</i>	130

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	15
<b>2 DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA</b>	18
2.1 BREVE HISTÓRIA DA DIALETOLOGIA E DA GEOLINGUÍSTICA	18
2.1.1 Geolinguística na Europa	20
2.1.2 Geolinguística no Brasil	22
2.2 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL	26
2.3 CLASSIFICAÇÃO DOS ATLAS LINGUÍSTICOS	30
2.3.1 Atlas Monodimensionais	30
2.3.2 Atlas Bidimensionais	34
2.3.3 Atlas Pluridimensionais	38
<b>3 METODOLOGIA</b>	43
3.1 CONTEXTO E INSTRUMENTOS DA PESQUISA	43
3.1.1 Aspectos históricos e socioculturais do Amapá	43
3.1.2 Projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá – ALAP	45
3.1.3 Rede de Pontos	46
3.1.4 Perfil dos informantes	49
3.1.5 Questionário Semântico-Lexical	49
3.1.6 Delimitação do corpus	50
3.1.7 Elaboração das Cartas Linguísticas	50
3.1.8 Procedimentos para descrição e análise dos dados	55
<b>4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE GEOSOCIAL DOS RESULTADOS</b>	58
4.1 ANÁLISE ESPACIAL	58
4.2 ANÁLISE SOCIAL	97
4.3 ANÁLISE COMPARATIVA: ALAP E ALiB	130
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	139
<b>REFERÊNCIAS</b>	141

## 1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre o espaço geográfico e os usos linguísticos dos quais o homem se utiliza, trouxeram nas últimas décadas novas reflexões e propostas metodológicas para o avanço e aprimoramento dos estudos relacionados à variação e à mudança linguística.

A dialetologia tradicional conseguiu, como ciência, mesmo que de forma intuitiva e fortuita, relacionar os usos linguísticos por meio das delimitações geográficas traçadas pelos pesquisadores da área. Como toda ciência, a dialetologia, nos fins do século XIX, começa a projetar seus princípios metodológicos que abarcaram o método da geografia linguística, hoje conhecida também como geolinguística. Por meio deste método, é possível fazer a recolha, de forma sistemática, das diferentes realidades linguísticas refletidas nos espaços geográficos.

Por muito tempo a dialetologia, acompanhada da geolinguística, priorizou o aspecto geográfico pela forte evidência da aproximação ou distanciamento com que os fenômenos linguísticos se manifestavam no espaço físico. Os primeiros resultados dos estudos geolinguísticos, sem dúvida alguma, foram os atlas linguísticos. São inúmeros os atlas constituídos pelo mundo todo, sejam estes de caráter regional, nacional ou continental.

Se antes a dialetologia tinha o *status* de *ciência da variação linguística espacial (geográfica)*, por enfatizar o espaço geográfico, atualmente, ela é concebida como *ciência geral da variação*, pois com o surgimento da sociolinguística, integrou no seu escopo metodológico a variação social.

No cenário brasileiro, observa-se que os trabalhos dialetais e geolinguísticos começam a ganhar espaços em meados do século XX, sobretudo com a elaboração dos primeiros atlas. Entretanto, a partir do lançamento do projeto nacional Atlas Linguístico do Brasil, em 1996, houve um aumento significativo de produção geolinguística na forma de atlas linguísticos.

A busca pela descrição da realidade linguística brasileira encontrou, nos aparatos teórico-metodológicos de uma geolinguística moderna, ferramentas que vão dar suporte à pesquisa de campo, ao tratamento dos dados e à análise dos resultados. O objetivo maior é mostrar essa diversidade linguística dispersa pelo imenso Brasil. São fenômenos linguísticos que podem ser estudados por diferentes vieses, dependendo do olhar do pesquisador.

Diante da enorme contribuição da geolinguística brasileira, o estudo tratado aqui, apresenta-se como um desdobramento dos avanços da metodologia geolinguística, nessas últimas décadas. Trata-se de investigar a variação lexical do português brasileiro falado no

Amapá, a partir dos dados coletados para o projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá – ALAP<sup>1</sup> que tem como objetivo descrever e mapear a variação do português brasileiro do estado do Amapá. O projeto propõe a produção de cartas diatópicas e diastráticas dos fenômenos fonético-fonológicos e semântico-lexicais.

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo principal o estudo da variação lexical no estado do Amapá. A pesquisa integra o projeto ALAP que por sua vez adota a metodologia do projeto nacional Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

A temática justifica-se pela carência de pesquisas dialetais e geolinguísticas no Amapá; por verificar fortes incidências de uma pluralidade lexical distribuída por todo o território amapaense; e pela necessidade de mapear a variação lexical no Amapá que ainda não dispõe de um atlas linguístico estadual.

O trabalho está dividido em cinco capítulos: introdução, discussão teórica, metodologia, análise dos resultados e conclusão.

No que concerne à discussão teórica, será abordado o percurso histórico da dialetologia e da geolinguística na Europa e no Brasil. Na Europa, comenta-se sobre os primeiros atlas linguísticos elaborados na Alemanha e na França, como o atlas de Wenker e de Gilliéron. Em seguida, volta-se para o contexto brasileiro, abordando desde os estudos puramente dialetais até o início da aplicação do método geolinguístico, apontando alguns atlas elaborados de caráter mono, bi e pluridimensionais. Ainda neste capítulo, são discutidas as novas tendências para os estudos geolinguísticos, como a abordagem pluridimensional dos atlas linguísticos.

Em relação ao capítulo referente à metodologia, mostram-se os principais procedimentos adotados desde a pesquisa de campo até o tratamento dos dados. A priori, aborda-se o contexto da pesquisa, situando os aspectos históricos, sociais e culturais do estado do Amapá, além de uma breve abordagem sobre o projeto ALAP. Em seguida, apresenta-se o método geolinguístico utilizado; a delimitação da rede de pontos; o questionário usado na coleta de dados assim como os 15 itens lexicais selecionados de diferentes campos semânticos; o perfil dos informantes e, por fim, apresentam-se os critérios adotados para a elaboração das cartas linguísticas e o modo pelo qual foi realizada a análise dos dados.

No capítulo concernente à análise dos resultados, são apresentadas as cartas linguísticas e a análise em si. Para isso, foram delimitados três tipos de análises: espacial, social e comparativa. A primeira busca descrever, mapear e analisar a distribuição lexical em

---

<sup>1</sup>O projeto está sob a coordenação do professor Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará – UFPA, e da professora Celeste Ribeiro da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

todos os pontos pesquisados, verificando a variação diatópica (geográfica). A segunda centra-se na análise social, a partir da distribuição lexical em correlação com os perfis dos informantes, destacando-se aqui as variáveis sociais, idade e sexo, que possibilitarão identificar a variação diageracional e diagénica. O terceiro tipo objetiva mostrar 11 itens lexicais mapeados e descritos no Atlas Linguístico do Brasil, a fim de compará-los aos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá, ressaltando os dados registrados na capital Macapá.

## 2 DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA

Para início de discussão serão apresentados, a seguir, os principais conceitos e postulados teórico-metodológicos da dialetologia e seu método geolinguístico (geografia linguística). Para tanto, propõe-se, brevemente, traçar um percurso histórico da dialetologia e da geolinguística na Europa – estritamente na Alemanha e França – e no Brasil. Em seguida, abordam-se os pressupostos metodológicos que sustentam o modelo da dialetologia pluridimensional. Por último, serão apresentados os trabalhos pioneiros em dialetologia e geolinguística no Brasil, essencialmente os que resultaram em atlas linguísticos monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais.

### 2.1 BREVE HISTÓRIA DA DIALETOLOGIA E DA GEOLINGUÍSTICA

Antes de adentrar nos percursos históricos da dialetologia e da geolinguística, consideramos necessário abordar sobre algumas concepções relativas à dialetologia e à geolinguística para fins de delimitação conceitual.

Para Ferreira e Cardoso (1994), a dialetologia é tratada como uma ciência que surgiu nos fins do século XIX e que demonstra, até os dias de hoje, um maior interesse pelos dialetos regionais, rurais e sua distribuição e intercomparação.

Dubois (2006), numa definição, ainda, de dialetologia tradicional, afirma ser uma disciplina descritiva:

O termo *dialetologia*, usado às vezes como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família. (DUBOIS, 2006, p. 185).

Nos dias atuais, as pesquisas que visam à elaboração de atlas linguísticos consideram também a linha de pensamento de Radtke e Thun (1996; 1998; 2000). Esses autores acrescentam à dialetologia tradicional ou areal, trazendo novas contribuições ao campo. Pode-se afirmar que eles “inauguram” uma nova fase aos estudos dialetais, denominada de Dialetologia Pluridimensional (DP), a qual será detalhada posteriormente.

Cardoso (2010) compartilha das novas contribuições de Radtke e Thun (1996; 1998; 2000) e aprimora a definição de dialetologia, considerando-a como um ramo dos estudos

linguísticos que assume a tarefa de identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.

Já sobre a definição de geolinguística, considera-se a parte da dialetologia que se ocupa em localizar as variações das línguas umas com relação às outras. Trata-se do estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes (DUBOIS, 2006, p. 307).

Em uma conceituação mais técnica dentro do escopo da linguística, entende-se a expressão *geografía lingüística* como:

[...]un método dialectológico y comparativo que ha llegado a tener extraordinario desarrollo en nuestra siglo, sobre todo en el campo románico, y que presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de un territoriodeterminado, o, por lo distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablantes estudiados (COSERIU, 1965, p. 29).<sup>2</sup>

A partir disso, assume-se a definição mais atual dada por Cardoso (2010, p. 198), concebendo a geolinguística como um método da dialetologia para localizar espacialmente as variações das línguas, umas em relação às outras, podendo situar socioculturalmente cada um dos falantes considerados.

No que tange ao contexto de surgimento da dialetologia como ciência e/ou campo de estudo, percebe-se que somente no final do século XVIII os dialetos se tornaram, constantemente, objeto de estudos dos filólogos. Inúmeros trabalhos de cunho dialetal foram realizados, no entanto, é a partir do século XIX que a dialetologia começa a traçar novos rumos dentro do campo dos estudos da linguagem, como afirma Mouton (1996):

En realidad, la geografía lingüística no se considera una ciencia en si, sino un método dialectológico a fines del XIX e principios del XX en un entorno muy interesado ya de antiguo por las hablas vivas, para estudiar la lengua hablada desde este nuevo enfoque. Los trabajos que hicieron después sobre esas ingentes colecciones de materiales han dado fruto espectaculares para la Lingüística, no sólo para la dialectología (MOUTON, 1996, p. 63).<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup>O método dialetológico e comparativo que tem se desenvolvido bastante em nosso século, especialmente no campo das línguas românicas, o que pressupõe o registro em mapas espaciais de um número relativamente grande de formas linguísticas (fonéticas, lexicais ou gramaticais) comprovadas por inquéritos diretos e relativos a uma rede de pontos de um dado território, ou pela distribuição das formas no espaço geográfico correspondentes às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados. (Tradução nossa)

<sup>3</sup>Na verdade, a geografia linguística não se considerada uma ciência em si, mas um método dialetológico do final do século XIX e início do XX com interesse pelas línguas vivas, por estudar a língua falada a partir desta nova abordagem. Os trabalhos realizados com essas enormes coleções de materiais têm dado frutos espetaculares para a linguística, não só para dialetologia. (Tradução nossa).

No século XIX, os estudos dialetológicos, propriamente ditos, surgem em um momento da história em que a individualidade geográfica de cada região estava resguardada, por diversos fatores que as isolavam, como a dificuldade de acesso, decorrente da frágil rede de estradas, ou ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a comunicação entre as regiões. De fato, como afirma Cardoso (2010, p. 39), muitas pesquisas dialetais nessa época, resultaram da preocupação com o resgate de dados e de documentação dos diferentes estágios da língua.

### 2.1.1 Geolinguística na Europa

No que se refere à geolinguística na Europa, Mouton (1996) destaca duas grandes obras que marcaram o início da geografia linguística: Atlas Linguístico da Alemanha e Atlas Linguístico da França. O primeiro foi realizado na Alemanha por Georg Wenker; e o segundo realizado na França por Jules Gilliéron.

De acordo com Pop (1950), o atlas de Wenker objetivou documentar a realidade dos usos linguísticos na Alemanha, reunindo dados linguísticos de 40.736 localidades, com um total de 44.251 respostas coletadas. No entanto, Wenker não se atentou para o controle sistemático de variáveis sociais. Conforme Cardoso (2010), nessa primeira tentativa de realizar um trabalho geolinguístico, observa-se a falta de controle de variáveis socioculturais dos informantes, devido às dificuldades da pesquisa de campo, uma vez que a coleta de dados foi feita por correspondência.

Apesar de toda a dificuldade que Wenker encontrou durante a realização de sua pesquisa, os poucos mapas linguísticos que conseguiu elaborar mostraram que os dialetos locais se distanciavam da língua *standard* (língua de prestígio). Os primeiros resultados só foram publicados em 1881, em Estrasburgo, constituindo o primeiro fascículo de um conjunto de seis cartas, duas fonéticas e quatro morfológicas.

Dubois (2006) mostra que a obra de Wenker foi recebida com entusiasmo, mas a lentidão com que se processou o seu desenvolvimento carregou fortes críticas, como a elaboração de apenas seis cartas em vinte anos, se comparado ao atlas da França.

Mesmo com as críticas ao trabalho de Wenker, é inegável não reconhecer seu esforço. Wenker “tem o mérito de ser o marco inicial da geografia linguística na Alemanha”. (CARDOSO, 2010, p. 42).

Em relação ao Atlas Linguístico da França (ALF) de Gilliéron, Dubois (2006, p. 305) assevera que tal atlas tinha por objetivo consolidar o estudo dos patoás galo-romanos. Gilliéron elaborou um questionário de aproximadamente 1500 frases e palavras usuais que dava o essencial dos sistemas lexicais, fonéticos, morfológicos e até mesmo sintáticos. Por meio da aplicação desse questionário, deveriam surgir os arcaísmos, os neologismos, a flexão dos pronomes, as conjugações, entre outros fenômenos.

De acordo com Dubois (2006), Jules Gilliéron, em 1887, inicia a coleta de dados para o ALF realizado com a ajuda do governo francês, de 1902 a 1910. Para execução do trabalho, Gilliéron elegeu um único inquiridor, Edmond Edmont, que para Pop (1950, p. 116), tratava-se de homem “d'une forte intelligence naturelle et d'une excellente aptitude à saisir les nuances phonétiques des sons et à les transcrire avec une exactitude étonnante”<sup>4</sup>. Edmont tinha recebido uma formação fonética, e devia percorrer 630 pontos antecipadamente fixados, e então passar dois dias e interrogar um único informante, o mais apto a responder ao questionário. Os resultados eram, em seguida, transpostos por Gilliéron num mapa do país galo-romano.

O trabalho de Gilliéron exigiu quatro anos (1897-1901) e a obra foi publicada volume por volume, aproximadamente em 1910. O Atlas Linguístico da França foi o começo, propriamente dito, da aplicação de uma geografia linguística em que tal experiência foi aproveitada por todos os demais pesquisadores dos atlas posteriores, em todos os países, no qual se procedeu a esse tipo de pesquisa.

Assim como Wenker, a obra de Gilliéron também obteve numerosas críticas. Sobretudo, feitas ao questionário utilizado para a elaboração do atlas. Alguns afirmavam que tal questionário estava incompleto, pois omitia palavras de extremo interesse para os estudos linguísticos. Outros diziam que o atlas não contemplava a dimensão social, já que não considerava as diferenças sociais, como sexo, faixa etária, profissão etc.

Para Cardoso (2010), a obra de Gilliéron, apesar de as críticas feitas por alguns filólogos/linguistas da época, colocou à tona a discussão da complexidade do fenômeno linguístico tanto na perspectiva sincrônica como diacrônica e fez do Atlas Linguístico da França o marco inicial da aplicação do método geolinguístico com rigor científico.

---

<sup>4</sup>De uma forte inteligência natural e excelente capacidade de compreender as nuances fonéticas dos sons e transcrevê-los com uma precisão incrível. (Tradução nossa)

### 2.1.2 Geolinguística no Brasil

De acordo com Jordan (1962), a geolinguística passou a ser considerada como uma área de interesse dos estudos linguísticos, na Europa Ocidental, somente no final do século XIX e início do século XX. A partir de então, expandiu-se para outros continentes, como a América Latina.

Frente a essa expansão da geolinguística, Mouton (1996) destaca alguns dos trabalhos realizados em países da América Latina, de falantes do espanhol, que culminaram em atlas linguísticos, além de comentar também o grande desafio que é a elaboração de um macroatlas da América, o Atlas Linguístico da Hispanamérica.

As repercussões que os estudos dialetais e geolinguísticos tiveram na América Latina não deixariam de fora o contexto brasileiro - território com um grande contingente populacional, expansão geográfica e onde se encontra uma enorme diversidade sociocultural e linguística.

No Brasil, Nascentes (1953) foi o primeiro a propor uma divisão dos estudos dialetais<sup>5</sup>. Tal proposta só foi aprimorada na década de 1990 por Ferreira e Cardoso (1994). As autoras dividem a história da dialetologia brasileira em três grandes fases. A primeira, data de 1826 a 1920, ano de publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral ([1920] 1976). Os trabalhos de Amaral são caracterizados como estudos voltados para o léxico. A segunda, inicia-se com a publicação de *O dialeto caipira* ([1920] 1976) até o ano de 1952 com o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952 que visava a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Já o marco da terceira fase, data do ano de 1952 com o decreto 30.643 de 20 de março de 1952. Nesta fase, segundo Ferreira e Cardoso (1994), merecem destaque especial, pelos trabalhos até então realizados e pelas contribuições dadas aos estudos da geografia linguística, os autores Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Em relação às fases descritas por Ferreira e Cardoso (1994), ratifica-se que as autoras, para a proposição de tal divisão, referem-se apenas aos trabalhos publicados até aquela época. Atualmente, dispõe-se de novas divisões para os estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil.

Ressalta-se aqui uma questão de base epistemológica que envolve a dialetologia e a geolinguística. Primeiramente, para que se possa propor uma divisão para os estudos dialetais

---

<sup>5</sup>Pode-se dividir a história dos estudos dialetológicos no Brasil em duas fases: a primeira, de 1826, ano no qual o brasileiro Borges de Barros publicou um estudo no livro de Adrian Balbi, até 1920, ano de publicação do livro *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral; a segunda, de 1920 aos nossos dias (NASCENTES, 1952, p. 181)

e geolinguísticos no Brasil é necessário discernir muito bem ciência de método, neste caso, fala-se da dialetologia, como ciência, e da geolinguística, como um método. Por meio disso, infere-se que nem todo estudo dialetal pode ser compreendido como geolinguístico, porém, ao que parece ser, todo estudo geolinguístico se caracteriza como estudo dialetal. Como exemplo de estudos dialetais, têm-se as obras de Antenor Nascente (1953), Amadeu Amaral ([1920] 1976), Mário Marroquim ([1934] 2008) e Vicente Chermont de Miranda ([1905] 1968). Esses autores trazem em suas obras um estudo inteiramente dialetal, visto que não se encontram, durante a leitura, cartas ou mapas linguísticos – instrumentos essenciais e que configuram um trabalho de cunho geolinguístico.

Frente a isso, considera-se como proposta mais atual sobre a divisão dos estudos dialetais no Brasil, a estabelecida por Mota e Cardoso (2006; 2013). Não muito diferente das divisões que foram propostas em 1994, as autoras propõem quatro fases que descrevem a história dos estudos dialetais no contexto brasileiro. A primeira fase corresponde ao período de 1826 a 1920. A segunda compreende de 1921 a 1952. A terceira segue de 1953 a 1996. E a última, quarta fase, vai de 1996 aos dias atuais. Em resumo, cada fase se caracteriza por um aspecto específico de estudo e/ou evento.

Grosso modo, a primeira fase caracteriza-se pelo predomínio da produção de obras de caráter lexicográfico. A segunda pela produção de obras de caráter monográfico, específicas de determinada região, além da produção de obras gerais sobre o português do Brasil. A terceira fase caracteriza-se, principalmente, pelo surgimento dos trabalhos geolinguísticos, com a elaboração de atlas de diferentes estados da Federação. A quarta fase refere-se aos trabalhos dialetais desenvolvidos a partir do momento em que o Projeto ALiB deu início às suas atividades (ROMANO, 2013, p. 206).

Inicialmente, foram expostas três divisões para os estudos dialetais, sendo que a mais adequada, por está mais em consonância com a realidade atual, é a divisão proposta por Mota e Cardoso (2006; 2013). Já no que tange à divisão dos estudos geolinguísticos no Brasil, corrobora-se com a proposta de Romano (2013), que sugere uma divisão em dois momentos, tendo como ponto divisor o *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. Para o referido autor, a geolinguística brasileira se divide antes e depois do Projeto ALiB.

O primeiro momento corresponde, expressivamente, aos trabalhos de caráter geolinguísticos, marcados pela elaboração de atlas linguísticos estaduais. Romano (2013) destaca a metodologia empregada por cada projeto de atlas, uma vez que não se identifica uma uniformidade metodológica. Um dos primeiros trabalhos de atlas produzidos no Brasil foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, et. al., 1963); seguido do *Esboço de um Atlas*

*Linguístico de Minas Gerais* (ZÁGARI, et. al., 1977); *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984); *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA, et. al., 1987); *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1996); e o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2002; 2011).

O segundo momento corresponde aos trabalhos desenvolvidos com base nos postulados teóricos e metodológicos projetados pelo ALiB, a partir do ano de 1996 até os dias atuais. De acordo com Romano (2013), esses trabalhos são caracterizados a partir da visão pluridimensional da variação e também pelo incentivo a projetos de atlas linguísticos orientados pelos diretores científicos do ALiB. Assim, podem ser citados o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (RAZKY, 2004); *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, et. al., 2007); *Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004); *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (ALMEIDA, 2008); e *Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás* (AUGUSTO, 2012). Os demais ainda se encontram em andamento, a saber: *Atlas Geossociolinguístico do Pará*; *Atlas Linguístico de Rondônia*; *Atlas Linguístico do Maranhão*; *Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte*; *Atlas Linguístico do Mato Grosso*; *Atlas Linguístico do Espírito Santo* e *Atlas Geossociolinguístico do Amapá*.

Com base nesse panorama geral da história, incluindo a divisão dos estudos dialetais e da geolinguística brasileira, menciona-se um dos maiores projetos já firmados no Brasil, dentro desse campo de pesquisa, trata-se do *Atlas Linguístico do Brasil - ALiB*. O momento mais importante e que deu impulso para a construção do ALiB, segundo Cardoso (2014a), foi o *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na Universidade Federal da Bahia, em 1996. Tal evento foi favorável à construção do projeto, pois reuniu pesquisadores no campo da dialetologia e da sociolinguística, contando com a presença dos autores de atlas linguísticos já publicados.

Figura 01 – Carta de Salvador

**CARTA DE SALVADOR**

Professores e Pesquisadores envolvidos com os estudos de Dialectologia no Brasil, reunidos em Salvador, Bahia, de 04 a 06 de novembro de 1996, por ocasião do Seminário Nacional *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, com a presença do Prof. Dr. Michel Contini, Diretor do Centre de Dialectologie da Université Stendhal - Grenoble, Diretor do *Atlas Linguistique Roman* e membro do Comitê do *Atlas Linguarum Europae*,

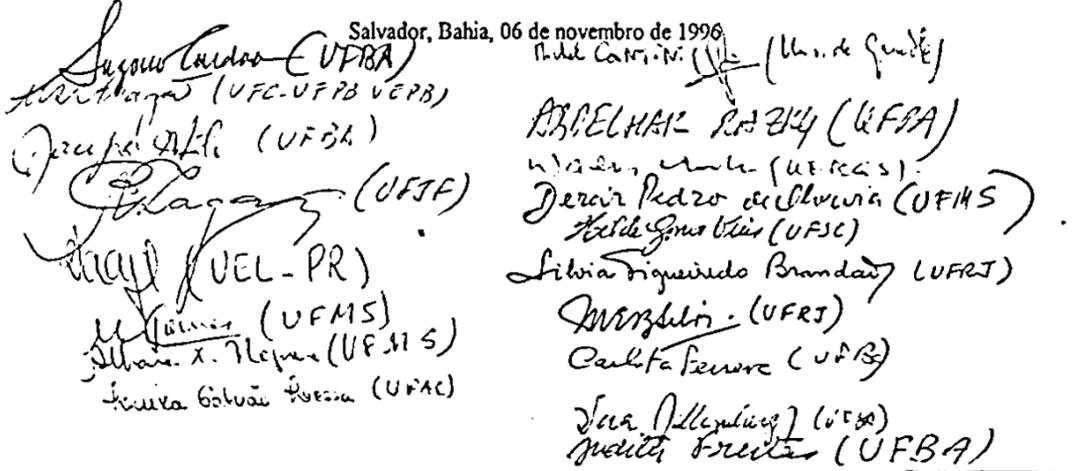
**CONSIDERANDO:**

- a importância dos estudos geolinguísticos para o conhecimento das línguas e, conseqüentemente, do português brasileiro,
- a existência no Brasil de cinco atlas regionais já publicados e de estudos para a elaboração de seis novos atlas, que se encontram em diferentes momentos de execução,
- a necessidade de desenvolver-se, no campo da geografia linguística, um trabalho orgânico e geral no território brasileiro

**RECONHECEM** que é chegado o momento de elaborar-se o ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL e para tanto

**DECIDEM** empenhar-se no desenvolvimento de ações que levem à consecução desse desiderato, constituindo um Comitê Nacional que se encarregará da implementação imediata do projeto.

Salvador, Bahia, 06 de novembro de 1996



Fonte: Extraída do Atlas Linguístico do Brasil, vol. 1 – Introdução (CARDOSO *et al.*, 2014).

Um dos objetivos elencados pelo comitê do projeto ALiB é “descrever, com base em dados empíricos, sistematicamente coletados, a realidade linguística do país (...)”. (CARDOSO, 2014). Muito antes de o projeto ter se firmado, Amaral ([1920] 1976), já sugeria estudos que contemplassem a descrição da língua falada no Brasil.

Fala-se muito num “dialeto brasileiro”, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante

dialetação, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. Nem se poderão discriminar, enquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões (AMARAL, p. 43, [1920] 1976)

Com certeza, o desejo de Amadeu Amaral vem sendo realizado, já que é possível apreciar atualmente, desde a produção de atlas regionais até as primeiras publicações do *Atlas Linguístico do Brasil*. Após 18 anos, foram publicados dois volumes (vol. I. Introdução e vol. II. Cartas Linguísticas 1). O lançamento do ALiB aconteceu no *III Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística*, realizado na Universidade Estadual de Londrina – UEL, em outubro de 2014. Em entrevista, dada à TV universitária da Universidade Federal da Bahia (TV UFBA), Jacyra Mota (2014) afirmou que ainda serão necessários cerca de 20 volumes para que todo o material coletado pelo projeto ALiB seja publicado.

## 2.2 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

A dialetologia vem avançando bastante como ciência, principalmente no aprimoramento de seu método. Os atlas de caráter pluridimensionais destacam-se pela nova abordagem com que são tratados os dados, e principalmente por sua construção metodológica. É a partir desse novo viés, sobre a dialetologia e a geolinguística, que surgem novas perspectivas, como a chamada dialetologia pluridimensional.

Desde o surgimento da sociolinguística de Labov ([1972] 2008), a geolinguística ampliou o seu campo de observação e análise, que até então se restringia ao registro da variação diatópica (geográfica), passando a controlar variáveis sociais mais complexas, tais como a variação diastrática (classe social, escolaridade, profissão), variação diafásica (estilo), variação diagenérica ou diassexual (sexo), variação diageracional (faixa etária), dentre outras.

Com a inserção dos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística, a delimitação conceitual, tanto da sociolinguística quanto da dialetologia (geolinguística), passa a ser problemática em relação a seu objeto de estudo, já que ambas estão em busca da variação.

Na verdade, definir objetivo e metas dos vários ramos da ciência da linguagem, como aliás em qualquer ciência, é sempre muito difícil porque são fluidos ou pouco nítidos esses limites, mais fluidos e pouco nítidos se tornam quando se fala de dialetologia e sociolinguística que têm – ambas – como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizado nos atos de fala (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 19).

Silva-Corvalán (1988) destaca que o aspecto diverso da língua faz com que essas duas disciplinas se confundam:

Sociolinguística e dialetologia se tem considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolinguística, a dialetologia reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade linguística. (SILVA-CORVALÁN, 1998, p. 8).

Em termos gerais, entende-se que a dialetologia e a sociolinguística são duas perspectivas de observação e análise linguística que não se opõem, mas que se encontram e se completam. Callou (2010) afirma que a metodologia da dialetologia tradicional rural (tradicional) sofreu adaptações para dar conta da análise linguística nos grandes centros urbanos, vindo esta dialetologia urbana a confundir-se com a sociolinguística.

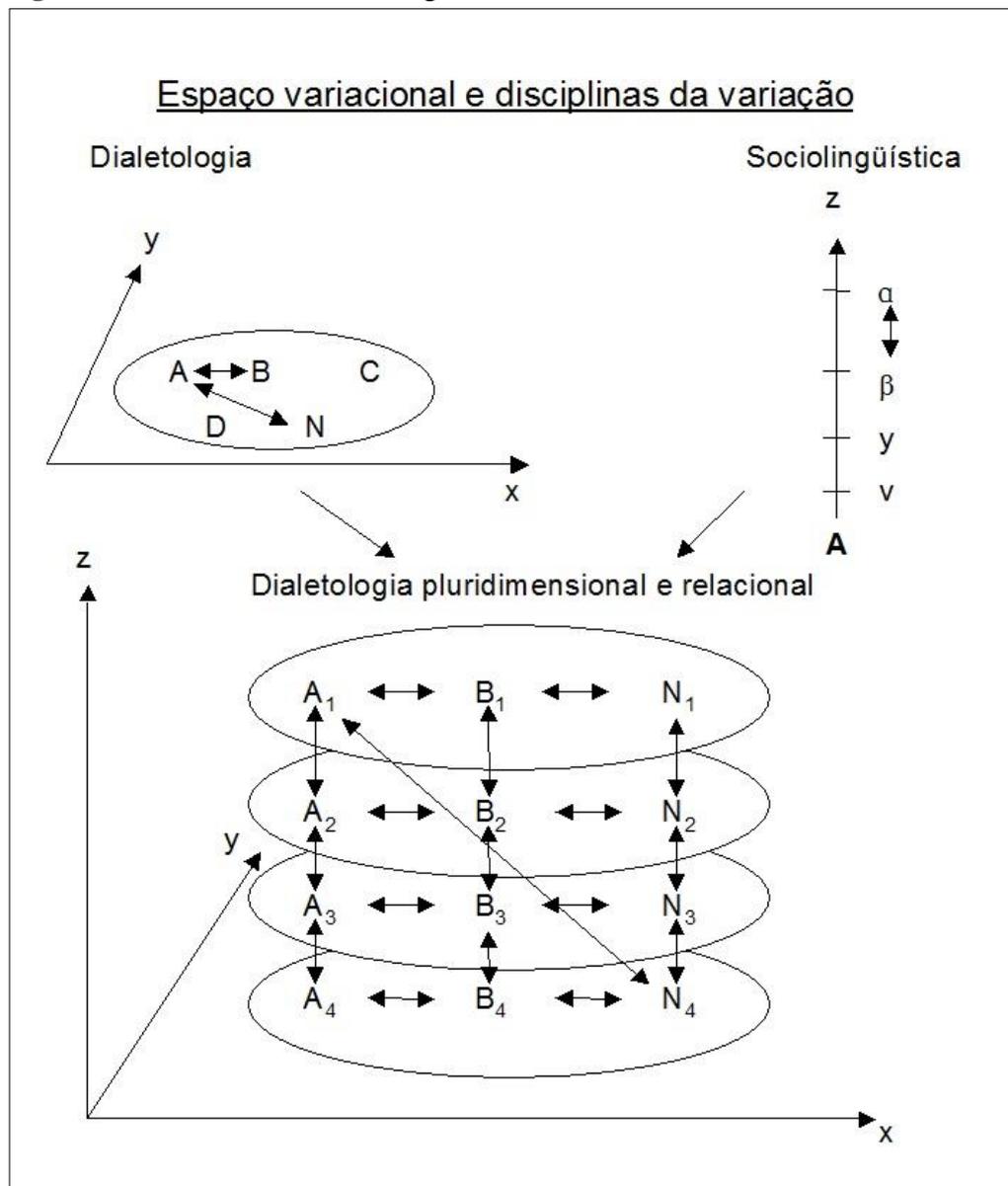
Conforme Radtke e Thun (1998), a dialetologia areal (tradicional) e a sociolinguística pura são disciplinas historicamente separadas, confundem-se com a geolinguística aprimorada chamada de *dialetologia pluridimensional*, compreendida como parte da *ciência geral da variação* e das relações entre variantes e variedades, de um lado, e falantes, de outro.

Para melhor delimitação desses dois campos, vale ressaltar a diferença entre dialetologia tradicional e dialetologia pluridimensional. A primeira representa a pesquisa por meio de atlas linguísticos que mapeiam somente o uso linguístico puro representado geograficamente. A segunda objetiva combinar o aspecto geográfico, predominante na dialetologia tradicional, com o aspecto social da língua, neste caso cita-se a interface entre a dialetologia e a sociolinguística.

Radtke e Thun (1998), quando consideram o *status* de *ciência geral da variação* à dialetologia pluridimensional, partem do princípio de que a variação deve-se estender ao espaço tridimensional, ou seja, a partir da superfície bidimensional horizontal da dialetologia e o eixo vertical da sociolinguística, há a formação do espaço variacional tridimensional da dialetologia.

Para eles, a dialetologia pluridimensional deve analisar todos os planos (níveis de a – v; zonas parciais dos níveis; pontos das respostas: A – N; fragmentos dos pontos: grupos e indivíduos e todas as relações). Sendo assim, eles acreditam que esse programa (dialetologia pluridimensional) passa a ser o mais adequado para a descrição completa e ordenada do polimorfismo linguístico e de sua relação com os falantes. Segue abaixo a ilustração do modelo de dialetologia pluridimensional descrito anteriormente.

**Figura 02** - Modelo da Dialetoologia Pluridimensional.



Fonte: Extraído do artigo de Radtke; Thun (1996).

Ressalta-se que a designação dialetoologia pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996) é também denominada de geolinguística pluridimensional (CARDOSO, 2010), geossociolinguística (RAZKY, 2003) ou sociodialetoologia (GUY, 2012).

Esse princípio *pluridimensional*, presente nas várias denominações para dialetoologia, fundamenta-se no modelo que engloba um conjunto de dimensões proposto por Thun (2000), a saber: a) diatópica; b) diastrática; c) diageracional; d) diagenérica; e) dialingual; f) diafásica; g) diarreferencial; h) diarreligiosa; i) diamésica.

Vale ressaltar que durante muito tempo, a dialetologia tradicional priorizou a distribuição geográfica dos dialetos – um dos aspectos mais recorrentes nesses tipos de pesquisa era a proposição de isoglossas, que delimitavam dialetos ou falares próprios de uma determinada região. Os primeiros atlas linguísticos publicados, produtos de pesquisas geolinguísticas (cf. capítulo 2), traziam em sua metodologia a preocupação com a dimensão geográfica, apesar de em alguns deles, como no Atlas Linguístico da França, ser possível observar as variantes sociais a partir de uma análise do perfil dos informantes. Esses atlas, porém, apresentam uma visão monodimensional da língua, uma vez que estavam focados apenas na dimensão diatópica (geográfica).

Atualmente, novos paradigmas linguísticos estão emergindo, na tentativa de explicar os fenômenos linguísticos de forma coerente e sem deixar lacunas. Como toda ciência, que precisa ser aprimorada, a dialetologia, como tal, dispõe de avanços científico-linguísticos consideráveis. De acordo com Thun (2014), a dialetologia se encontra em um novo estágio, mas que ainda precisa ser melhor explorado. O autor compreende a dialetologia por meio de três fases: a) a primeira está concentrada na dialetologia tradicional, b) a segunda, aplicada atualmente, compreende a dialetologia pluridimensional; e c) a terceira, é um aprimoramento da dialetologia pluridimensional, visando compreender a variação a partir da comunicação diagonal e simultânea entre os falantes. Para o autor, esta última fase corresponde ao modelo mais adequado para se estudar a variação, porém, é o mais complexo. Trata-se da aplicação de uma metodologia que considera o diálogo diagonal espontâneo entre os falantes, e não a aplicação de uma entrevista unilateral. Desta forma, requer que todos os participantes da conversa, sejam dois, três ou mais falantes, passem a ser considerados para que assim se possa analisar a variação em sua forma mais ampla.

Em uma entrevista, Thun (2014) faz uso da metáfora do *disco* e do *globo* para exemplificar esse novo modelo alternativo de dialetologia pluridimensional:

Eu comparo um pouco, polemicamente, com dois conceitos de mundo [...] o mundo como se fosse um disco [...]. Por exemplo, para ir daqui até o restaurante universitário eu não tenho que pensar na forma de globo do mundo porque é suficiente, eu estou numa superfície do mundo [...] necessariamente tenho que pensar que o mundo não pode ser disco, porque em nenhum momento eu vejo a borda do disco. Um globo, uma esfera, não tem borda, o disco sim. Os antigos pensavam que chegando a certo lugar da terra existia o perigo de cair lá no nada, mas nós sabemos que não é a mesma coisa com as duas dialetologias, para mim, a monodimensional é a que considera o mundo como disco, que pode fazer certas coisas, é útil, mas a minha (*pluridimensional*) é a que considera o mundo como um globo, posso fazer outras coisas, é mais complicado, não digo que o trabalho da dialetologia monodimensional seja inútil, só digo que não é completo, a minha também não é completa, porque tem muitos aspectos, mas adianta um pouco mais

[...]a minha obrigação é, eu acho, não deixar de lado esses aspectos da coexistência porque isso tem importância em muitos setores, setor social por exemplo, setor educacional, tem quem que fazer esse trabalho (THUN, 2014). (Grifo nosso).

A partir dessa concepção de Thun, que vê a língua como um *globo* e não como um *disco*, acreditamos que é possível prever novos horizontes e desdobramentos para a ciência da linguagem, assim como para a dialetologia que tende, certamente, com o passar dos anos, atingir a uma nova fase.

## 2.3 CLASSIFICAÇÃO DOS ATLAS LINGUÍSTICOS

Os atlas linguísticos produzidos no Brasil, antes e depois do projeto ALiB, tendem a ser classificados em monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais, conhecidos também por atlas de primeira geração, segunda geração e terceira geração, respectivamente. De acordo com Thun (1997), essa classificação é dada a partir das novas contribuições advindas do campo da dialetologia; e destaca-se ainda que essa divisão proposta para os atlas, consiste na intenção de caracterizar cada trabalho pela dimensão abordada e/ou pelo tratamento dado aos fenômenos linguísticos. Assim, para ilustração dessa classificação, apresentamos a seguir exemplos de alguns atlas linguísticos de aspectos monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais, com base nos trabalhos de Altino (2007), Guedes (2012), Romano (2013), Cardoso e Mota (2013).

### 2.3.1 Atlas Monodimensionais

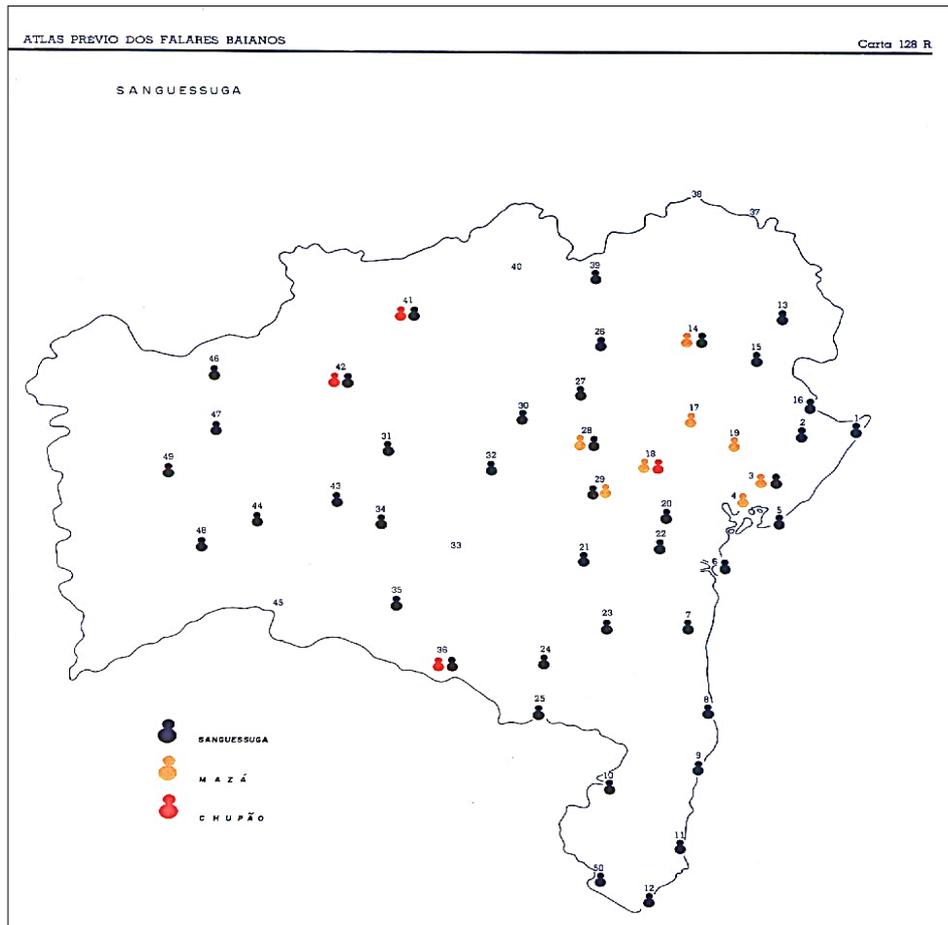
Conforme Thun (1997), os atlas monodimensionais ou de primeira geração estariam focados na dimensão espacial, pois permitem a identificação do uso da língua dentro de uma determinada área geográfica. Por isso, é característica comum desses atlas, a contemplação somente da variação diatópica. É o caso do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963); do *Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais* (1977); do *Atlas Linguístico da Paraíba* (1984) e o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (2002; 2011).

a) *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB(1963)*: o primeiro atlas linguístico brasileiro foi produzido por Nelson Rossi e colaboradores. O objetivo do atlas foi mapear o falar baiano dos anos 60, delimitando 50 pontos de inquéritos com a aplicação de um questionário de 182 questões voltadas ao campo semântico-lexical. Tal questionário foi

aplicado a um total de 100 informantes, homens e mulheres, analfabetos ou semianalfabetos, que tinham entre 39 a 69 anos, com exceção de 4 informantes de 25 anos e uma com 84 anos. O atlas constituiu-se de um conjunto de 209 cartas.

Como demonstração de um atlas monodimensional, será exposta abaixo uma carta linguística do referido atlas sobre o item *sanguessuga*.

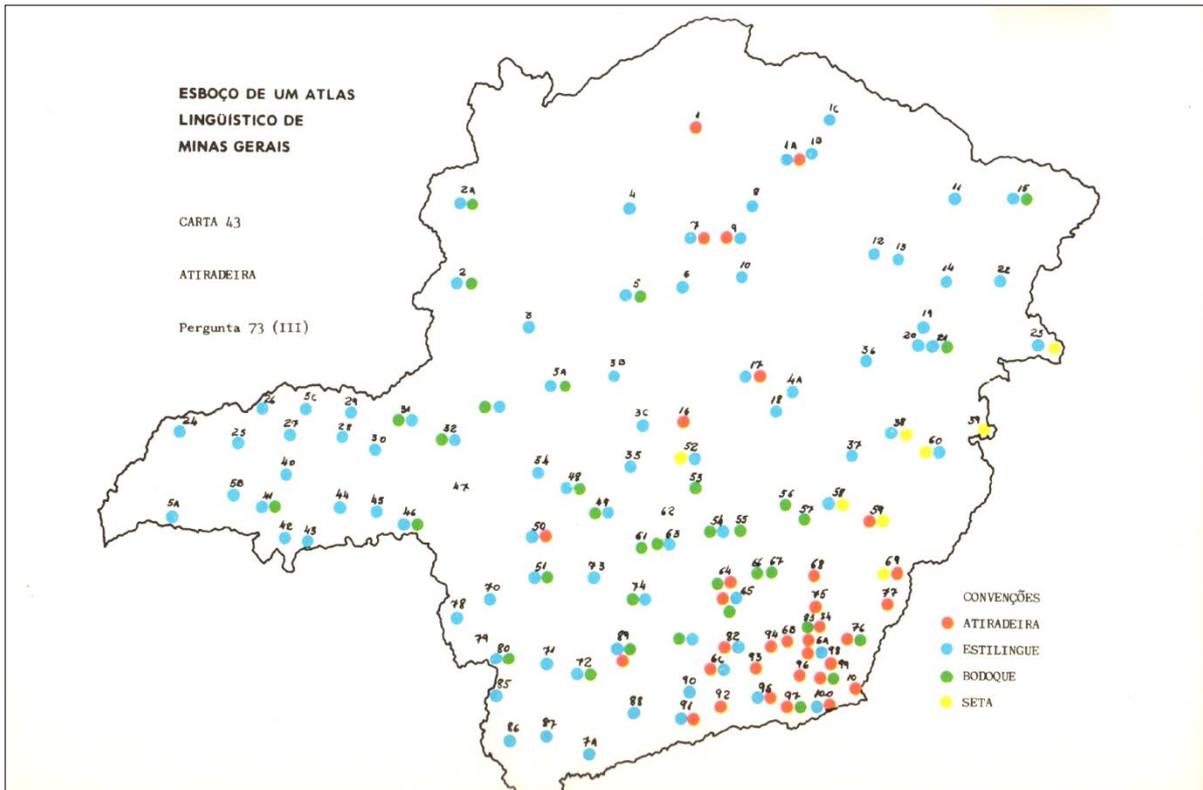
**Figura 03** – Carta Lexical (Sanguessuga)



Fonte: Atlas Prévio dos Falares Baiano (1963)

b) *Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (1977)*: este atlas foi elaborado por Mário Zágari, José Ribeiro, José Passani e Antônio Gaio. Contou com um questionário de 415 questões aplicado em 116 pontos de inquéritos, além de inquéritos indiretos aplicados a 302 localidades, via correspondência. Como resultado da pesquisa de campo, o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)*, até o momento, conta com publicação de um primeiro e único volume, contendo 73 cartas linguísticas. Abaixo o exemplo de uma carta.

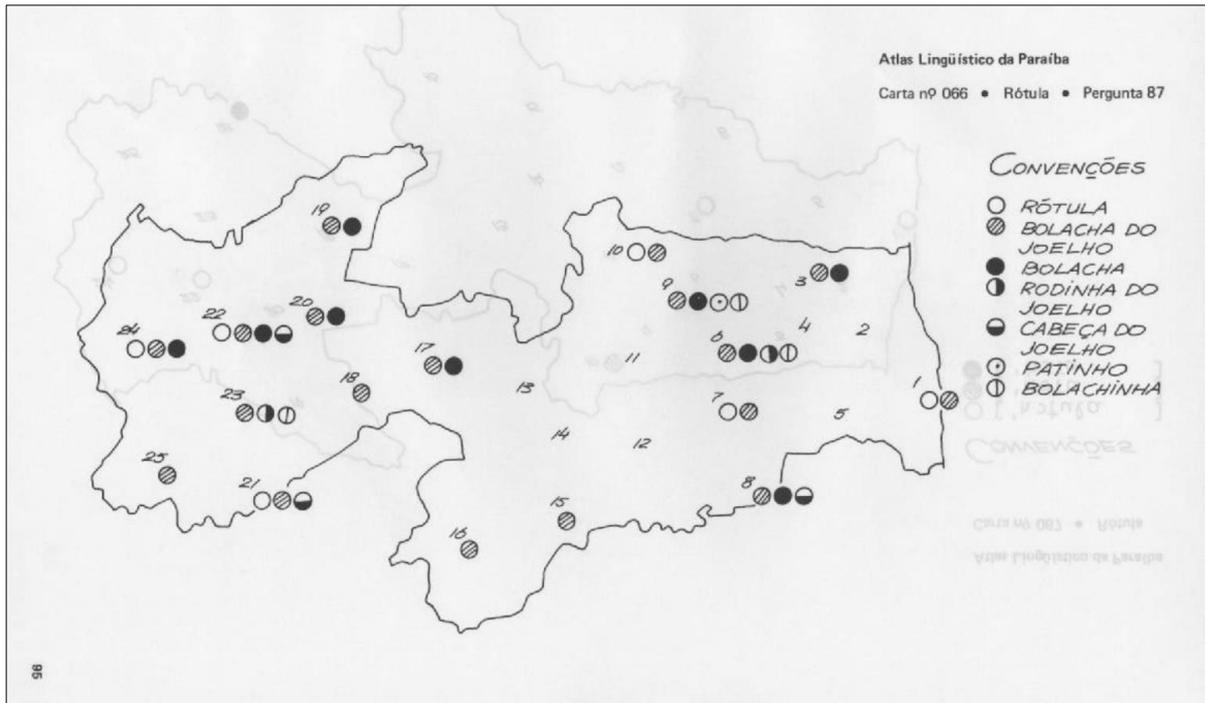
**Figura 04** – Carta Lexical (Atiradeira)



Fonte: Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais (1977)

c) *Atlas Linguístico da Paraíba (1984)*: elaborado por Socorro Aragão e Cleuza Menezes, o *Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)*, faz parte de um projeto maior “Levantamento Paradigma-Sintagmático do Léxico Paraibano”, tal atlas conta com uma rede de 25 pontos, com cerca de 3 a 10 informantes por localidade, sendo estes homens e mulheres entre 30 a 75 anos, com baixa escolaridade. Foram utilizados dois questionários, o primeiro contém 289 perguntas sobre questões gerais, o segundo, mais específico, contém 588 perguntas. Ao final apresenta-se um conjunto de 149 cartas linguísticas, entre lexicais e fonéticas. A figura 05 ilustra uma carta do referido atlas.

**Figura 05** – Carta lexical (Rótula)



Fonte: Atlas Lingüístico da Paraíba (1984)

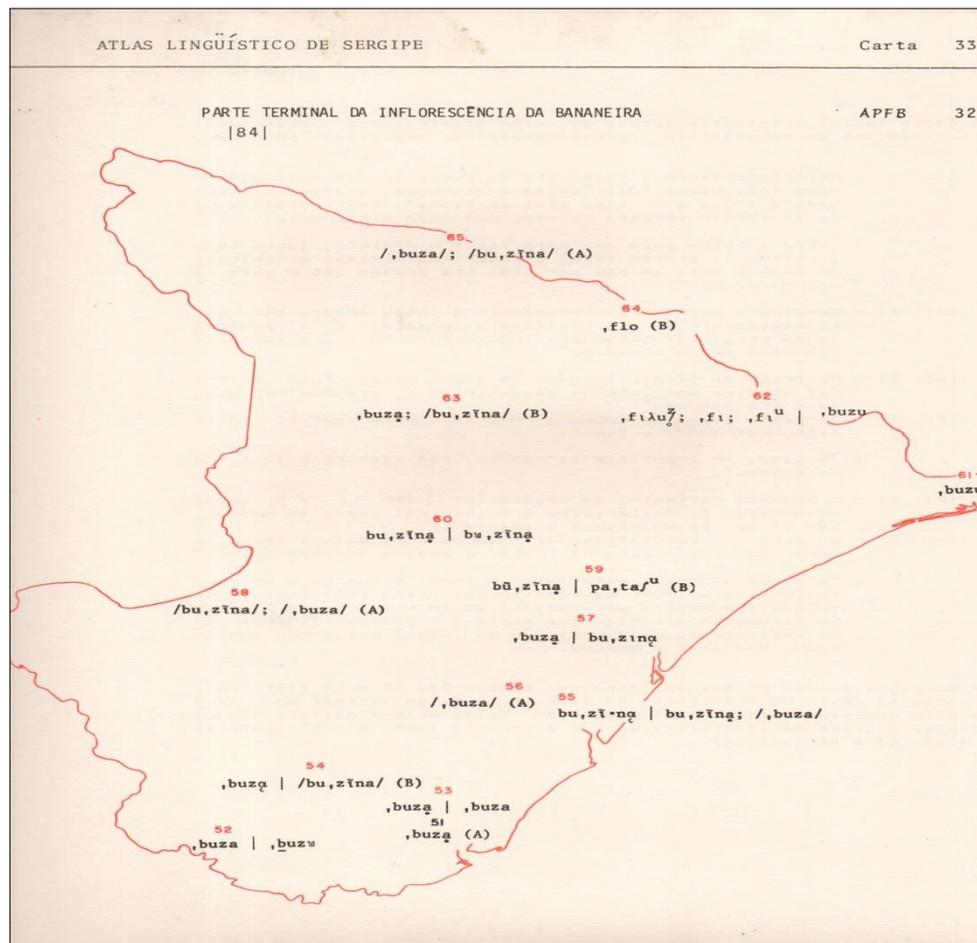
d) *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (2002; 2011): foi um projeto idealizado por Walter Koch e colaboradores, na década de 80. É considerado o primeiro e único atlas brasileiro que contempla toda uma região brasileira, região sul, respectivamente referente aos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O *ALERS* teve sua primeira publicação em 2002, e uma segunda republicação em 2011. Os pontos de inquéritos compreendem a zona urbana e rural dos três estados, totalizando 294 localidades, onde foram entrevistados um homem e uma mulher, analfabetos ou de pouca escolaridade. A seguir o exemplo de uma das cartas desse atlas.



*Sergipe* (1987); *Atlas Linguístico do Paraná* (1996); *Atlas Linguístico de Sergipe II* (2005) e o *Atlas Linguístico do Paraná II* (2007).

a) *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS* (1987): trata-se de um atlas realizado por um grupo de pesquisadoras da UFBA, orientadas por Nelson Rossi. Publicado somente em 1987, o atlas já se encontrava pronto para publicação desde 1973, que por motivos financeiros foi sendo adiado. O *ALS* é uma continuação do *Atlas Prévio dos falares Baianos*. O projeto contou inicialmente com o mesmo questionário base do *APFB*, que em seguida foi ampliado para 700 questões e aplicado a 15 pontos de inquéritos. Foram feitas entrevistas com homens e mulheres de 35 a 52 anos, analfabetos ou semianalfabetos, totalizando 30 informantes. Como resultado final, obteve-se um conjunto de 171 cartas linguísticas. A figura 07 exemplifica uma dessas cartas.

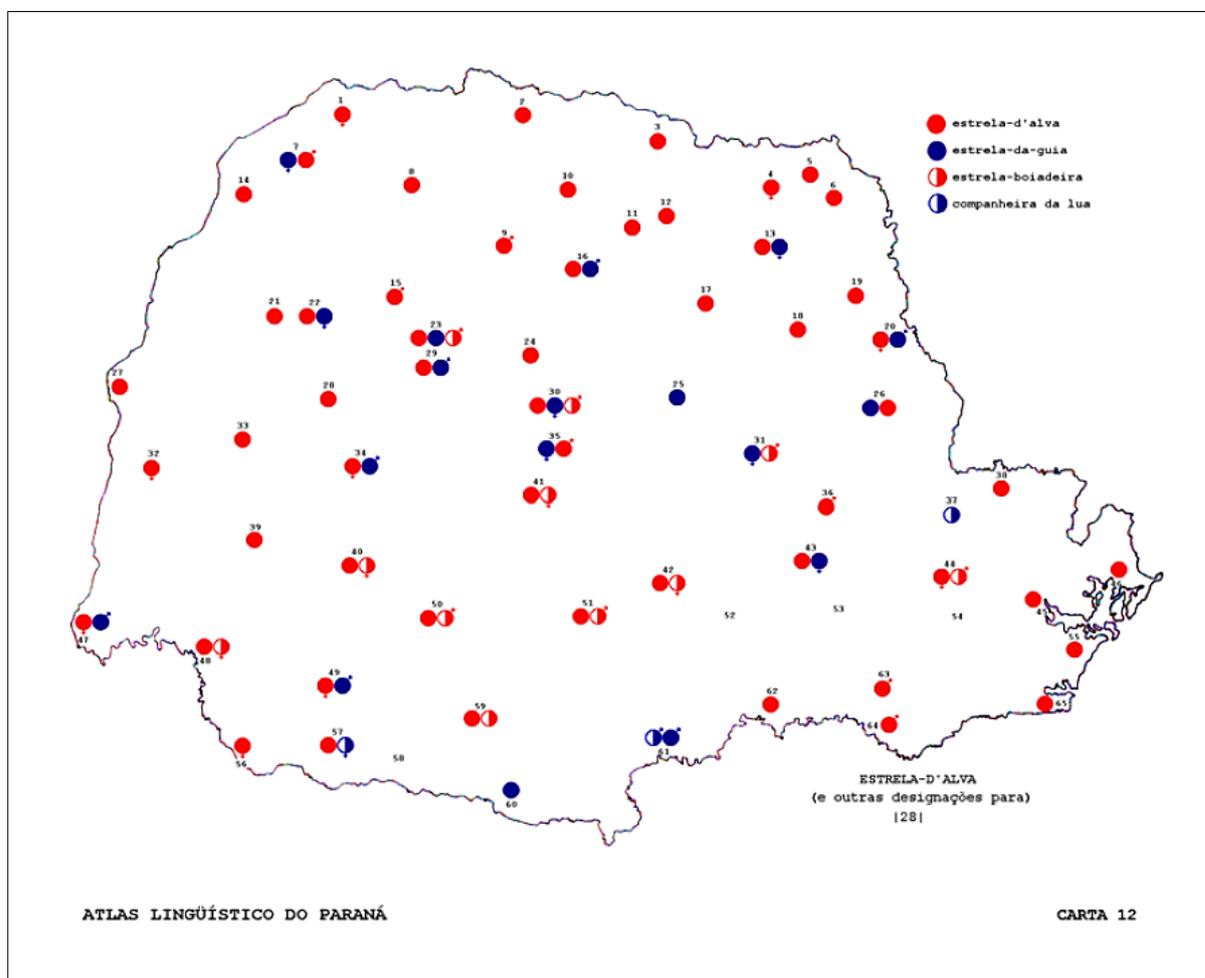
**Figura 07** – Carta Léxico-fonética (Parte terminal da inflorescência da bananeira)



Fonte: Atlas Linguístico de Sergipe (1987).

b) *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (1996)*: obra de Vanderci Aguilera, publicada em 1996, o atlas foi organizado em dois volumes. O primeiro contém informações introdutórias sobre a metodologia, descrição das localidades, apresentação das cartas e um glossário. O segundo contém um conjunto de cartas lexicais, fonéticas e de isoglossas, totalizando 92 cartas. Foram delimitadas 65 localidades e aplicado um questionário de 325 questões. O perfil dos informantes corresponde a 1 homem e 1 mulher, entre 30 a 60 anos, analfabetos ou de escolaridade baixa, sendo 2 informantes para cada localidade. Como exemplo, segue uma das cartas lexicais do ALPR.

**Figura 08** – Carta Lexical (Estrela-D’alva)

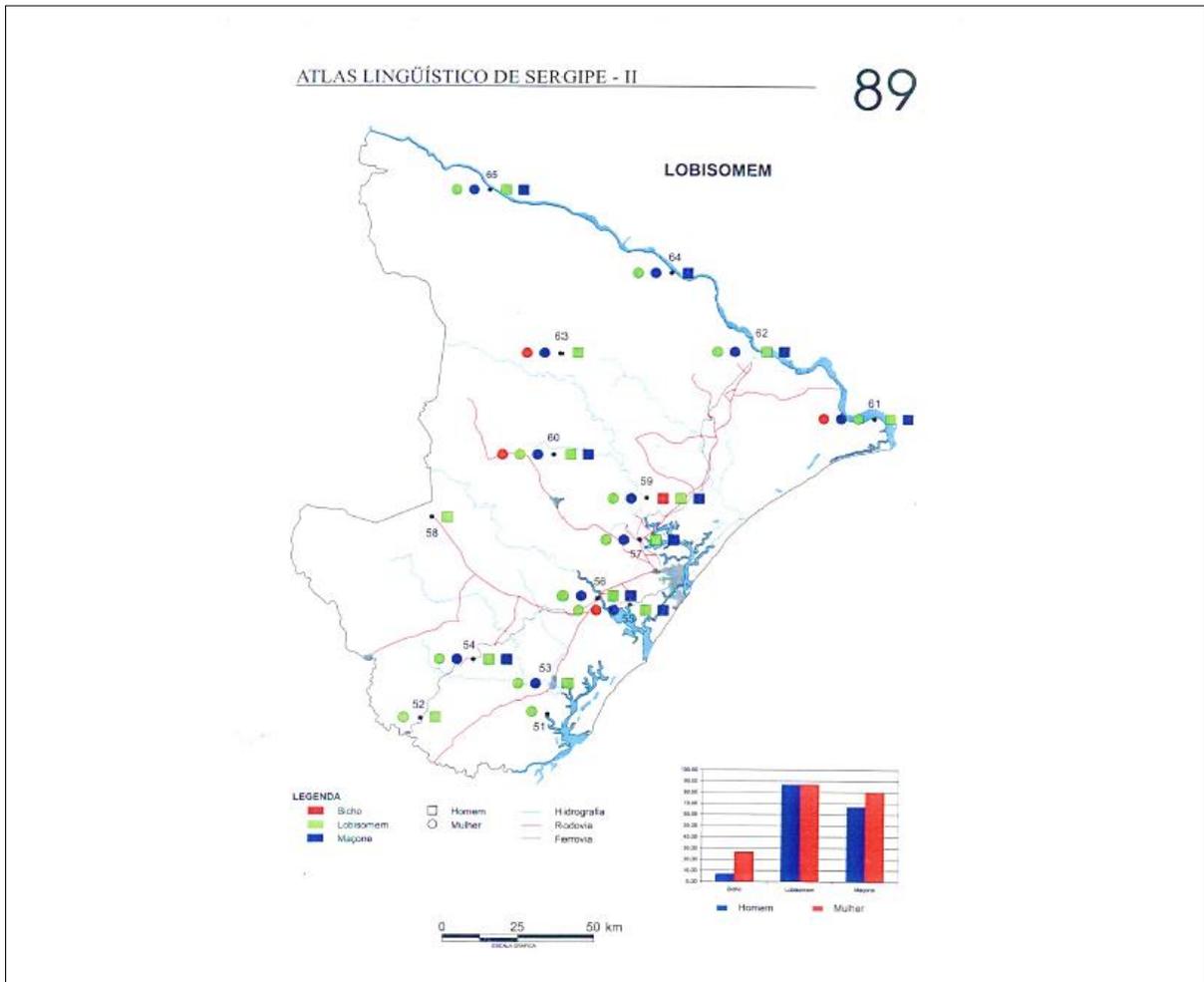


Fonte: Atlas Linguístico do Paraná (1996)

c) *Atlas Linguístico de Sergipe II - ALS II (2005)*: produzido por Suzana Cardoso, foi resultado de seu doutoramento em 2002. O segundo atlas de Sergipe foi publicado 2005, contendo dois volumes. O ALS II compreende as questões 144 a 381 que não foram contempladas e publicadas no primeiro atlas de 1987. Ele traz no primeiro volume a

apresentação do atlas, seguido da metodologia adotada e alguns comentários sobre as cartas. Já no segundo volume, encontram-se 3 cartas introdutórias e 105 relacionadas ao campo semântico-lexical. Na figura seguinte temos uma exemplificação de uma das cartas desse atlas.

**Figura 09** – Carta Lexical (Lobisomem)

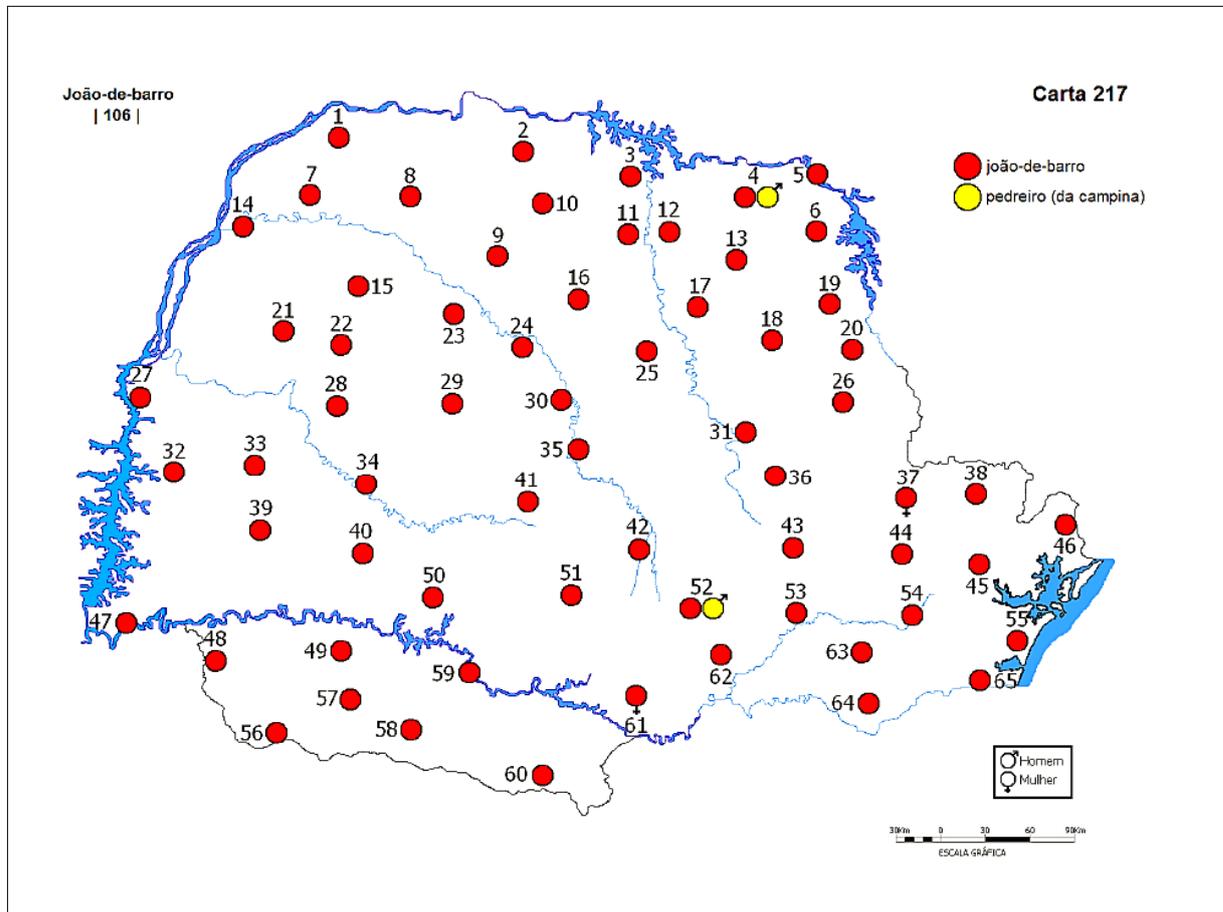


Fonte: Atlas Linguístico de Sergipe II (2005).

d) *Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR (2007)*: tese de doutorado de Fabiane Altino. Esse segundo atlas do Paraná ainda não se encontra publicado. Altino (2007) utilizou-se de dados inéditos referentes ao primeiro atlas do Paraná. A tese contém dois volumes: o primeiro com informações introdutórias e os aspectos teórico-metodológicos adotados; o segundo com 178 cartas, sendo 125 lexicais, 50 fonéticas e 2 dialetométricas. O trabalho de Altino (2007) é inovador no Brasil, pois introduz o método dialetométrico, em que há a

indicação de valores do Índice Relativo de Distância (IRD) e o Índice Relativo de Identidade (IRI). A seguir apresentamos uma carta desse atlas.

**Figura 10** – Carta Lexical (João-de-barro)



Fonte: Atlas Linguístico do Paraná II (2007).

### 2.3.3 Atlas Pluridimensionais

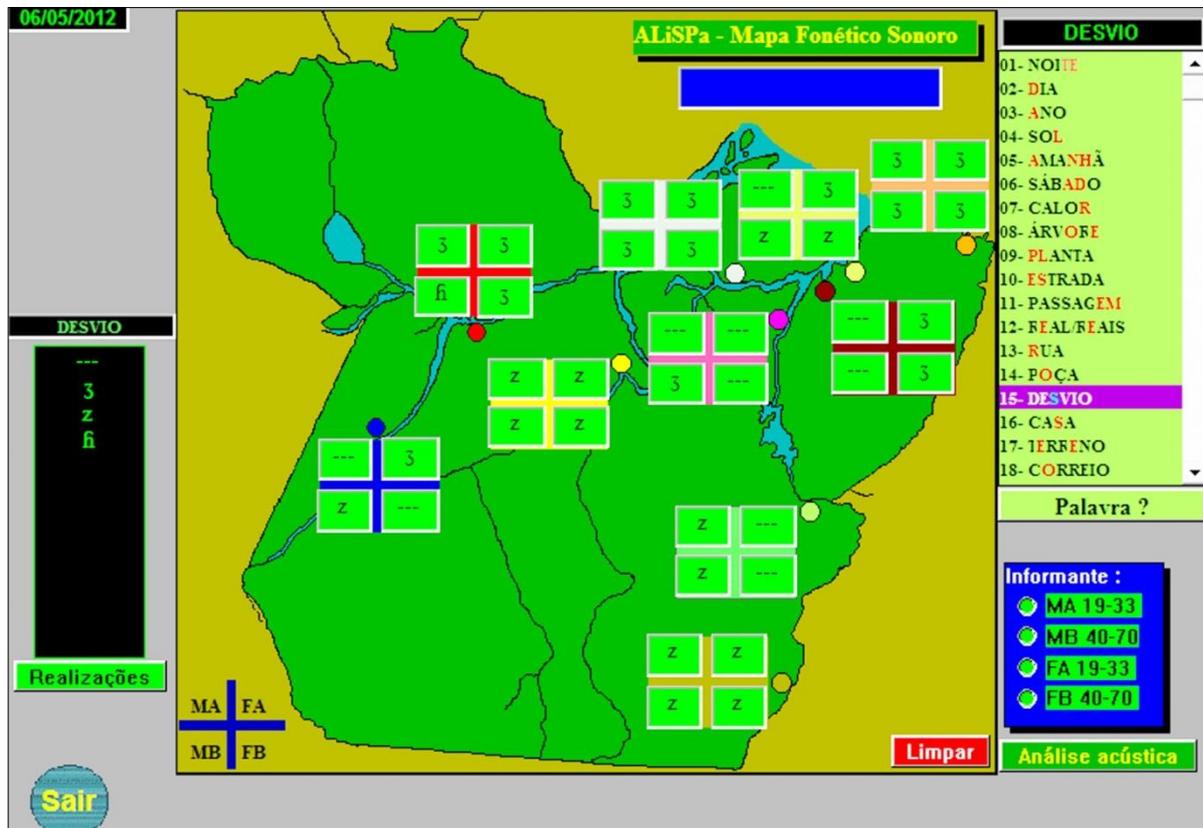
Os atlas pluridimensionais, ou de terceira geração, são aqueles que, além da dimensão diatópica (geográfica), contemplam também mais de duas variáveis e/ou dimensões. É característica comum desses atlas o cruzamento de dados, de variáveis sociais referentes à faixa etária, sexo e escolaridade. Como exemplo desse tipo de atlas, destacam-se o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (2004); *Atlas Linguístico do Amazonas* (2004); *Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara* (2006); *Atlas Linguístico do município de Ponta Porã* (2006); *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (2007); *Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar* (2007); *Atlas Semântico-lexical da Região do Grande ABC* (2007); *Micro Atlas*

*Fonético do Estado do Rio de Janeiro (2008); Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (2009); Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (2009); Atlas Linguístico do Ceará (2010); Atlas Semântico-lexical do litoral norte de São Paulo (2010); Atlas dos Falares do Baixo Amazonas (2011).*

Para a caracterização de um atlas pluridimensional, destacamos como exemplos os atlas do Pará, Amazonas, Mato Grosso do Sul e Ceará.

a) *Atlas Linguístico Sonoro do Pará - ALiSPA (2004)*: esse é considerado o marco dos atlas de terceira geração no Brasil. Sob coordenação de Abdelhak Razky, o atlas sonoro do Pará integra um projeto maior conhecido como Atlas Geossociolinguístico do Pará, ainda em andamento. Publicado em CD-Room, o ALiSPA possibilita ouvir a fala dos informantes, visualizar as transcrições fonéticas e os fenômenos linguísticos correspondentes a cada informante, seja pelo aspecto diagenérico ou diageracional. Para coleta de dados foi aplicado o questionário fonético do projeto ALiB, com 159 questões que geraram 600 cartas digitais. O atlas considerou 10 pontos de inquéritos, onde foram entrevistados 4 informantes em cada localidade, 2 homens e 2 mulheres, com ensino fundamental completo. Segue o exemplo de uma carta do referido atlas.

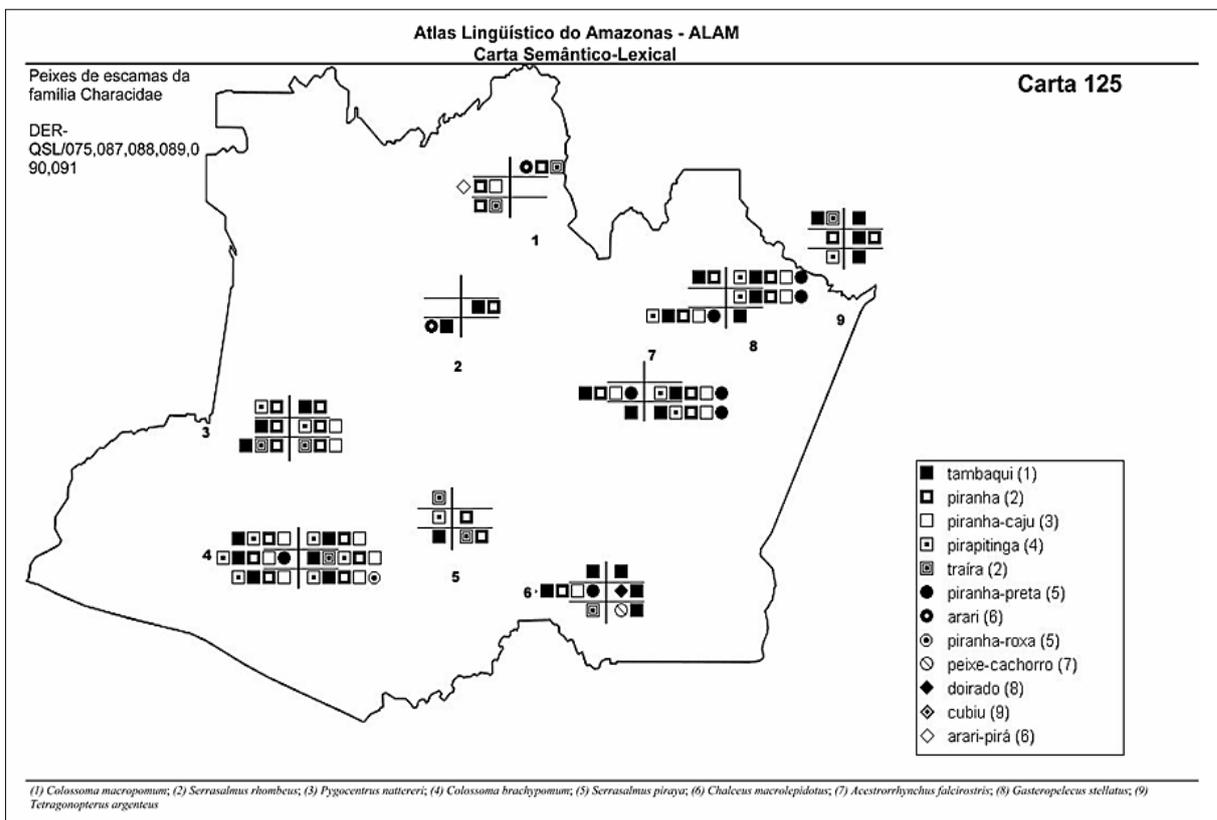
**Figura 11** – Carta fonética (Desvio)



Fonte: Atlas Linguístico Sonoro do Pará (2004)

b) *Atlas Lingüístico do Amazonas – ALAM (2004)*: projetado por Maria Luíza Cruz, como tese de doutorado, a autora apresenta o ALAM em três volumes. O primeiro é composto com notas de apresentação e aspectos teórico-metodológicos adotados para o atlas. O segundo é constituído pela metodologia utilizada para o questionário, a composição e o índice das cartas. Já o terceiro contém 257 cartas, entre elas versando questões fonéticas e semântico-lexicais. Foram delimitados 9 pontos de inquéritos, sendo entrevistados 6 informantes por cada localidade, 3 homens e 3 mulheres, de três faixas etárias diferentes e tendo no máximo ensino fundamental completo. A autora aplicou dois tipos de questionários, um fonético-fonológico com 162 questões e outro semântico-lexical com 329. A figura 12 ilustra uma das cartas desse atlas.

**Figura 12** – Carta 125 (Peixes de escamas da família *characidae*)

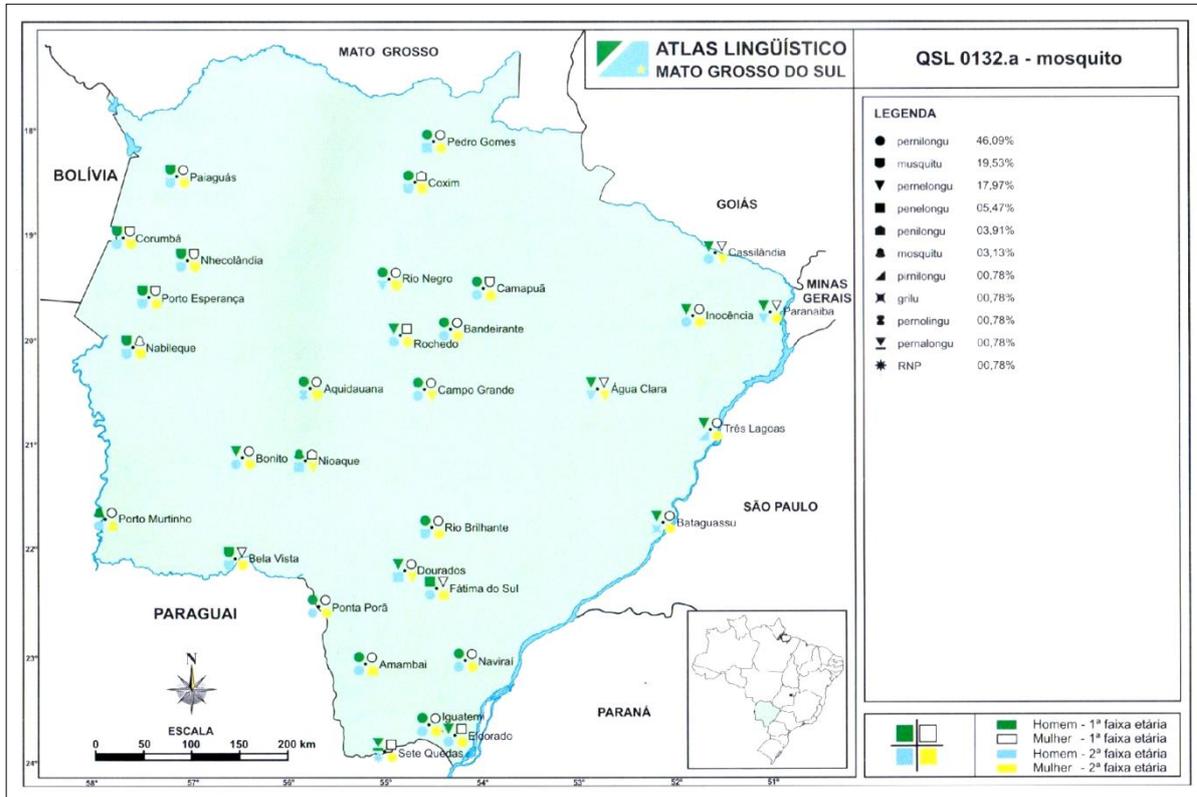


Fonte: Atlas Lingüístico do Amazonas (2004)

c) *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul (2007)*: coordenado por Dercir Oliveira, com a colaboração de Albana Nogueira, Aparecida Isquierdo e Maria José Gomes. Este atlas é considerado o primeiro da região centro-oeste. Apresenta resultados linguísticos empreendidos em 32 localidades, onde foram feitas entrevistas com 125 informantes distribuídos pelas variáveis sociais: idade, sexo e escolaridade. O questionário utilizado

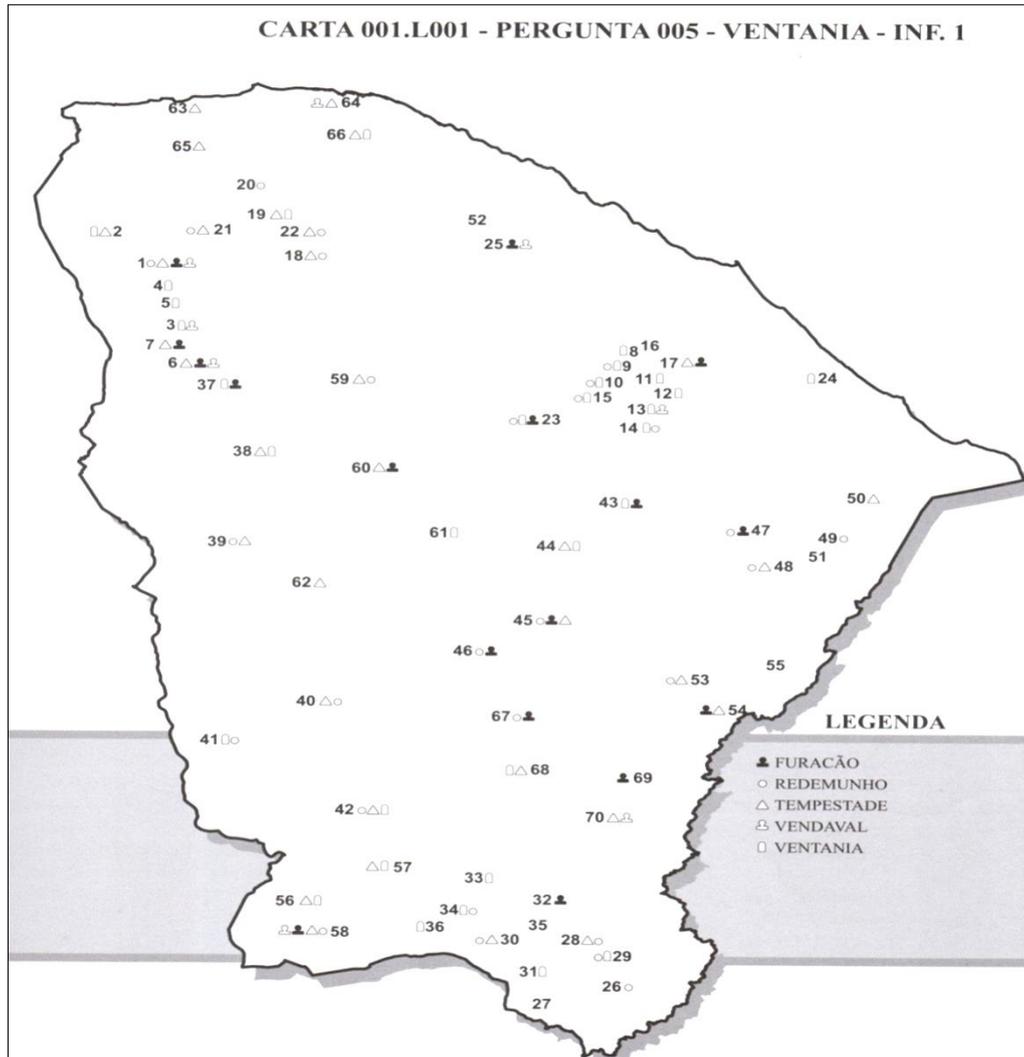
contém 557 perguntas, gerando 217 cartas linguísticas de caráter fonético, semântico-lexicais e morfossintáticos. Adiante temos uma das cartas.

**Figura 13** – Carta Lexical (Mosquito)



d) *Atlas Linguístico do Ceará - ALECE (2010)*: coordenado por José Rogério Fontenele Bessa, com a colaboração de pesquisadores da Universidade Federal do Ceará. Este atlas já vinha sendo desenvolvido desde 1978, mas somente em 2010 foi possível a publicação dos dois primeiros volumes. Neles estão contempladas 256 cartas de natureza fonética e semântico-lexical. O projeto delimitou 70 pontos de inquéritos, onde foram aplicados questionários com 306 perguntas, a 268 informantes com idade entre 30 a 60 anos, homens e mulheres, com escolaridade máxima até a 4ª série. Em seguida, podemos visualizar uma das cartas do referido atlas.

**Figura 14 – Carta Lexical (Ventania)**



Fonte: Atlas Linguístico do Ceará (2010).

### 3 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido, estritamente, sob o método geolinguístico, de caráter pluridimensional ou geossociolinguístico, tomando como referência o projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. Assim, apresentamos a seguir os procedimentos metodológicos adotados para o estudo da variação lexical do português falado no Amapá, com base nos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá – ALAP.

#### 3.1 CONTEXTO E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Inicialmente, será abordado o contexto no qual se insere a pesquisa, discorrendo de forma breve sobre a história e os aspectos socioculturais do estado do Amapá – AP, seguido da abordagem sobre o projeto *Atlas Geossociolinguístico do Amapá– ALAP*; posteriormente faremos a exposição minuciosa da metodologia adotada: rede de pontos, perfil dos informantes, questionários, delimitação do *corpus*, elaboração das cartas linguísticas e procedimentos de descrição e análise dos dados.

##### 3.1.1 Aspectos históricos e socioculturais do Amapá

O Amapá foi um dos últimos estados brasileiros que teve sua incorporação legal tardia. De acordo com os dados IBGE (2010), atualmente, habitam em todo o estado cerca de 750.000 pessoas, distribuídas em 16 municípios, sendo estes: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jarí, Vitória do Jarí, Pedra Branca do Amaparí, Serra do Navio, Porto Grande, Ferreira Gomes, Cutias, Tartarugalzinho, Amapá, Pracuúba, Itaubal, Calçoene e Oiapoque. O território amapaense é de 142.828,521 km<sup>2</sup>, sendo delimitado pelo estado do Pará, a oeste e sul; pela Guiana Francesa ao norte; pelo Oceano Atlântico a leste; e pelo Suriname a noroeste.

Historicamente, a inclusão do território do Amapá ao Brasil começa em 1901, com o *Lauda Suíço*. A Suíça atuou como árbitro entre as disputas territoriais e diplomáticas (em especial pela disputa de ouro existente na região) da França e do Brasil. Ao final, foi decidido que o Brasil teria soberania sobre o território contestado.

Para Nunes Filho (2009), essas invasões e disputas pelo território amapaense são características comuns das raízes da formação amazônica. O interesse por produtos silvestres coletados ou cultivados em terras amapaenses tornaram as disputas mais acirradas. Um dos

fatores também referentes à formação amazônica é a descoberta de ouro na região, fator que ocasionou grande fluxo migratório que por sua vez resultou na criação de novas vilas e aumentou a atividade extrativista.

É em decorrência dessas invasões e disputas que Portugal inicia no século XVIII a construção de fortins, fortes, fortalezas, aldeamentos, povoados e vilas em vários pontos do que é o Amapá hoje (NUNES FILHO, 2009, p. 218). Para que se pudesse iniciar esse processo de povoação e fortificações em terras amapaenses, foram necessários homens para mão-de-obra e para ocupar o território. Foi assim que o Governador Mendonça Furtado trouxe para região algumas famílias (colonos) das ilhas de Açores, com o objetivo de iniciar uma pequena povoação e construir barracos para servirem de alojamento aos soldados que resguardavam o local. Morais e Morais (2005) afirmam que muitos desses colonos eram degradados de Portugal como prostitutas, presos políticos, negros africanos (oriundos da Bahia e do Rio de Janeiro), além dos índios que habitavam a região. Vale ressaltar que, no caso dos negros, Mendonça Furtado foi levado a criar - devido à importância de garantir a segurança e a efetivação da posse das terras - a vila do Mazagão e a vila vistosa Madre de Deus.

Passado o período colonial, outro fator que impulsionou o reconhecimento do Amapá, foi a sua legitimação como território federal:

Apenas em 1943 aconteceu uma mudança político-administrativa importante: o Decreto Federal 5. 812, de 13 de setembro, criou o Território Federal do Amapá, desmembrando-o do Pará. O novo território compreendia todas as terras adquiridas pelo Brasil (como consequência da arbitragem de 1901) mais uma porção quase tão grande de terras situadas a sul do rio Araguari, a leste do rio Jarí e ao norte do estuário do rio Amazonas (DRUMMOND; PEREIRA, 2007, p. 65-66)

Com o passar dos anos, o Amapá passou por outra transformação, em 1988, quando por meio da Constituição brasileira, promulgada naquela época, é elevado à condição de estado. Segundo Andrade (2005), essa transformação do então território em estado, efetivado a partir de 1988, possibilitou que novas oportunidades de trabalho fossem ofertadas, principalmente na construção civil, o que influenciou o contingente populacional no estado. O autor ainda destaca que em 1990 a dinâmica migratória veio se consolidando de forma expressiva, pois o estado recebeu cerca de 42.000 pessoas de outras unidades da federação, sendo que 58% (31.009) vieram do estado do Pará e 13,98% (5.973) do Maranhão. Ressaltando que, no mesmo período, devido ao incentivo do governo amapaense aos agricultores já instalados, centenas de famílias oriundas de outros estados, chegaram ao

Amapá, aumentando o fluxo migratório. Esse grande fluxo ocorreu por diversos fatores, tais como:

[...] instalação da ICOMI (Indústria e Comércio de Minérios S/A), projeto Jarí, à exploração de ouro nos municípios de Calçoene, Tartarugalzinho, Amapá e Oiapoque, à criação da ALCMS (Área de Livre Comércio Macapá e Santana) e às ações do governo federal, que impulsionaram obras de infraestrutura social e econômica (ANDRADE, 2005, p. 94).

Percebe-se, diante da história, que a formação da sociedade amapaense foi construída gradativamente. Ocorreram migrações de vários tipos étnicos, como as de origem indígena, africana, inglesa, holandesa, francesa, portuguesa e os brasileiros advindos de diversas regiões, principalmente, do nordeste e do estado do Pará. Isso resultou em uma mistura de hábitos, costumes, tradições, formas de organização, de interação com o meio ambiente e com as pessoas. Pode-se afirmar ainda que a partir desse contexto, a construção das identidades do povo amapaense tornam-se reflexos de seu passado em confluência com a dinâmica do mundo moderno.

### **3.1.2 Projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá – ALAP**

O projeto *Atlas Geossociolinguístico do Amapá* foi um dos fatores primordiais que deu suporte para a realização desta pesquisa. O projeto surgiu em 2010 agregando estudantes e professores do curso de Letras da Universidade Federal do Amapá e de outras instituições. Tal projeto se encontra sob a coordenação dos professores Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Celeste Ribeiro, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

O projeto *ALAP* tem como principais objetivos a descrição e o mapeamento do português brasileiro falado em 10 localidades do estado do Amapá. Procura-se, assim, evidenciar as variedades linguísticas de aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais característicos de cada localidade.

Para o desenvolvimento do projeto, foram seguidos os pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia pluridimensional e da geolinguística. O *ALAP* encontra-se com duas etapas concretizadas e uma em andamento:

a) *1ª Etapa (concluída)*: realizou-se a formação e treinamento de um grupo de pesquisadores, incluindo estudantes de graduação e professores da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e da UFPA;

b) 2ª *Etapa (concluída)*: concentrou-se na realização da pesquisa *in loco* (aplicação dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical), com a identificação de 44 informantes distribuídos em 10 pontos de inquéritos;

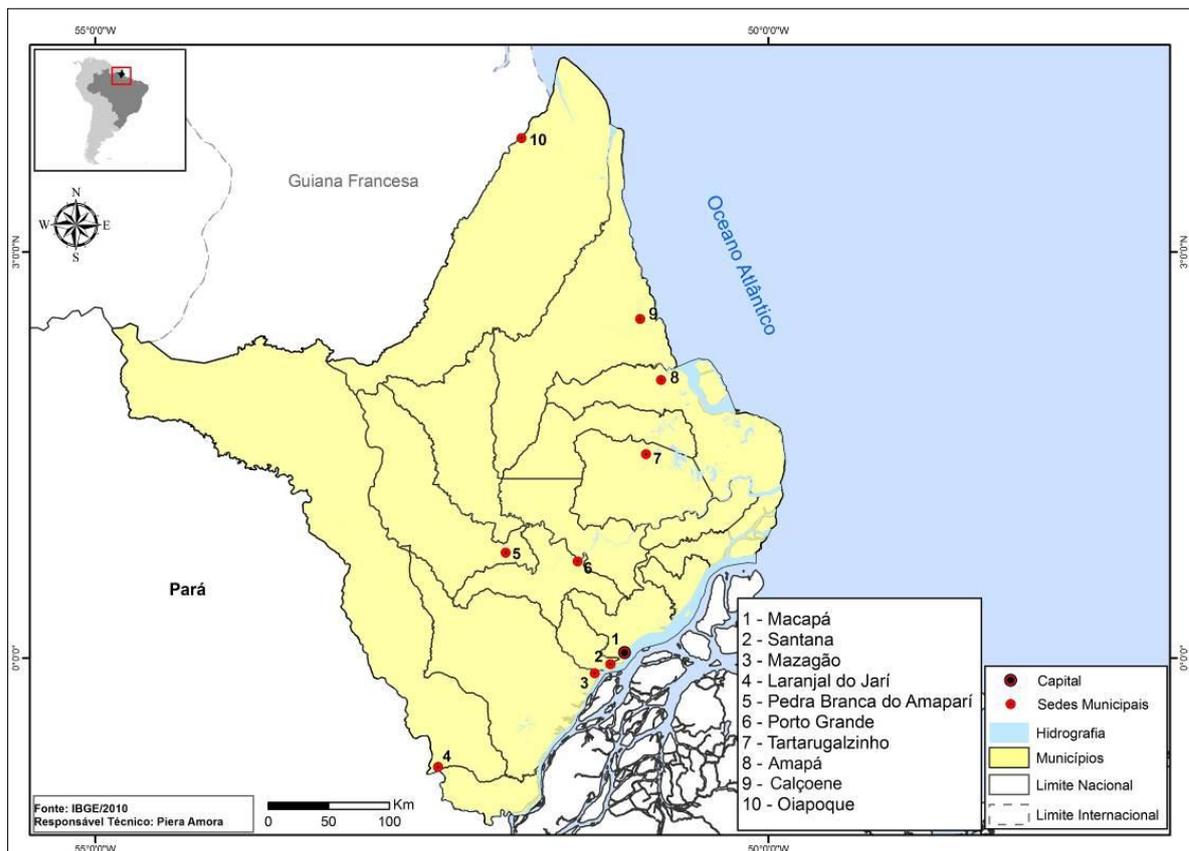
c) 3ª *Etapa (em andamento)*: concretizam-se as transcrições fonéticas referentes às entrevistas gravadas, revisão destas e mapeamento dos dados registrados, tendo em vista a sistematização, organização e publicação dos resultados em um atlas linguístico.

Os aspectos metodológicos que serão apontados a seguir, para esta pesquisa, foram embasados em dois projetos, a saber: *Atlas Linguístico do Brasil* e *Atlas Geossociolinguístico do Amapá*.

### 3.1.3 Rede de Pontos

Para escolha dos pontos de inquérito de um atlas linguístico, recomenda-se que se considerem os aspectos históricos (localidades de povoamento antigo ou recente, de grande ou pequeno fluxo migratório) e os aspectos geoeconômicos (zonas urbanas e rurais: cidades de pequeno, médio e grande porte, vilarejos, povoados) referentes à localidade a ser estudada, ou seja, os fatores que abrangem as peculiaridades gerais da região. Desta forma, a seleção da rede de pontos seguiu a tradição da dialetologia, priorizando 10 pontos, entre os 16 municípios do estado do Amapá, considerando a densidade demográfica e populacional; os critérios históricos (tempo de origem), econômicos e socioculturais; além de o tempo de origem do município. Em decorrência da dificuldade de encontrar informantes com o perfil exigido, os municípios de Serra do Navio, Ferreira Gomes, Pracuúba, Itaubal, Vitória do Jarí e Cutias não foram selecionados como pontos de inquéritos.

Os pontos fixados foram: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jarí, (05) Pedra Branca do Amaparí, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque. Segue a figura 15 mostrando todos os pontos fixados, de acordo com a localização geográfica exata de cada um.

**Figura 15** – Rede de Pontos do ALAP.

Fonte: Mapa elaborado por Piera Amora (NAEA/UFPA).

Abaixo encontra-se uma pequena descrição dos 10 municípios selecionados, cujas informações foram extraídas do último censo do IBGE (2010):

*01 – Macapá:* a cidade se originou de um destacamento militar fixado no mesmo local das ruínas da antiga Fortaleza de Santo Antônio, a partir de 1740. O município foi criado pela Lei nº 281, de 06 de setembro de 1856. É constituído de 05 distritos: Macapá, Bailique, Carapanatuba, Fazendinha e São Joaquim do Pacuí. Possui cerca de 400.000 habitantes, distribuídos numa área territorial de 6.502,119 km<sup>2</sup>.

*02 – Santana:* foi criado pela Lei nº 7.639, em 17 de dezembro de 1987. Está localizado ao sul do estado (mesorregião Sul), apenas 23 km de Macapá. É constituído de 07 distritos: Santana, Igarapé do Lago, Ilha de Santana, Igarapé da Fortaleza, Elesbão, Anauerapucu e Pirativa. Limita-se com os seguintes municípios: Macapá, Mazagão e Porto Grande. Conta com 101.262 habitantes, distribuídos numa área territorial de 1.569,404 km<sup>2</sup>.

*03 – Mazagão:* foi criado pela Lei nº 226, em 28 de novembro de 1890. Está localizado ao sul do estado (mesorregião sul), a 41 km da Cidade de Macapá. É constituído de 03 distritos: Mazagão, Carvão e Mazagão Velho. Limita-se com os seguintes municípios:

Santana, Porto Grande, Pedra Branca do Amaparí, Laranjal do Jari e Vitória do Jari. Possui cerca de 17.000 habitantes, numa área territorial de 13.130,983 km<sup>2</sup>.

*04 – Laranjal do Jari:* foi criado pela Lei nº 7.639, em 06 de dezembro de 1987. Está localizado ao sul do estado do Amapá a 320 km da cidade de Macapá. Possui cerca de 40.000 habitantes, sendo estes oriundos de diversos lugares do Brasil principalmente do norte e nordeste, e uma pequena porcentagem das demais regiões brasileiras. Limita-se com os seguintes municípios: Oiapoque, Pedra Branca do Amaparí, Mazagão e Vitória do Jari, e com o estado do Pará, (ficando bem em frente à cidade de Laranjal do Jari a cidade de Monte Dourado, no município de Almeirim), e ainda com Suriname e Guiana Francesa. Conta com uma área territorial de 30.971,898 km<sup>2</sup>.

*05 – Pedra Branca do Amapari:* foi criado pela Lei nº 0008, em 01 de maio de 1992. Está localizado ao sul do estado (mesorregião sul), a 180 km da Cidade de Macapá. É constituído de 01 distrito: Pedra Branca do Amapari. Limita-se com os seguintes municípios: Laranjal do Jari, Mazagão, Porto Grande, Serra do Navio, Oiapoque e Ferreira Gomes. Possui cerca de 10.000 habitantes, distribuídos numa área territorial de 9.562,920 de km<sup>2</sup>.

*06 – Porto Grande:* foi criado pela Lei nº 0003, em 01 de maio de 1992. Está localizado ao sul do estado (mesorregião Sul), a 108 km da Cidade de Macapá. É constituído de 01 distrito: Porto Grande. Limita-se com os seguintes municípios: Macapá, Ferreira Gomes, Mazagão, Pedra Branca do Amaparí e Santana. Porto Grande teve sua origem da mesma forma que Ferreira Gomes, de uma pequena colônia, às margens do Rio Araguari. Possui cerca de 16.000 habitantes e uma área territorial de 4.453,423 km<sup>2</sup>.

*07 – Tartarugalzinho:* foi criado pela Lei no 7.639, em 17 de dezembro de 1987. Está localizado ao norte do estado (mesorregião norte), a 230 km da Cidade de Macapá. É constituído de 01 distrito: Tartarugalzinho. Limita-se com os seguintes municípios: Amapá, Cutias, Mazagão, Pracuúba e Ferreira Gomes. Possui cerca de 12.000 habitantes, distribuídos numa área territorial de 6.757,618 km<sup>2</sup>.

*08 – Amapá:* foi criado pela Lei nº 0798, em 22 de outubro de 1901. Está localizado ao norte do estado (mesorregião norte), a 312 km da Cidade de Macapá. É constituído de 02 distritos: Amapá (distrito sede, situada à margem direita do Rio Amapá Pequeno, que deságua no Rio Amapá Grande) e Sucuriju. Conta com uma população em média de 8.000 habitantes, sendo estes oriundos de diversos lugares do Brasil, principalmente do norte e nordeste, além de uma pequena porcentagem das demais regiões brasileiras. A cidade possui uma área territorial de 9.167,855 km<sup>2</sup>.

09 – *Calçoene*: foi criado pela Lei no 2.055, em 22 de dezembro de 1956. Está localizado ao norte do estado (mesorregião norte), a 380 km da Cidade de Macapá. É constituído de 03 distritos: Calçoene, Cunani e Lourenço. Atualmente sua área mede 14.333,0 Km<sup>2</sup>. Limita-se com os seguintes municípios: Amapá, Serra do Navio, Pracuúba e Oiapoque. Possui cerca de 9.000 habitantes, numa área territorial de 14.231,321 km<sup>2</sup>.

10 – *Oiapoque*: o município foi criado pela Lei nº 7.578, em 23 de maio de 1945. Está localizado ao norte do estado (mesorregião norte), a 590 km da capital Macapá, e se liga a esta por via aérea, rodoviária e marítima. É constituído de 03 distritos: Oiapoque, Clevelândia e Vila Velha. Limita-se com os seguintes municípios: Oiapoque, Calçoene, Serra do Navio, Pedra Branca do Amaparí, Laranjal do Jari e Guiana Francesa. Conta com cerca de 20.000 habitantes, distribuídos numa área territorial de 22.625,286 km<sup>2</sup>.

### **3.1.4 Perfil dos Informantes**

Foram selecionados 40 informantes residentes nos respectivos pontos fixados. Em cada localidade foram entrevistados quatro informantes, com o seguinte perfil: um homem e uma mulher de 18 a 30 anos, com ensino fundamental incompleto; e um homem e uma mulher de 50 a 75 anos com ensino fundamental incompleto. Os informantes se dividem em dois grupos: sexo (homens e mulheres) e idade (os de primeira faixa etária (18-30) e os de segunda faixa etária (50-75)). Consideram-se também os seguintes critérios: a) ter nascido no município; b) ser filho de pais nascidos na região; c) não ter morado em outro estado ou região por mais de 6 meses; d) ter nível de instrução escolar variando de analfabeto ao ensino fundamental completo; e) possuir boas condições de saúde e de fonação; e f) ter disponibilidade para a entrevista.

### **3.1.5 Questionário Semântico-Lexical**

Para recolha dos dados, utilizou-se o *Questionário Semântico-lexical* do projeto ALiB (COMITÊ, 2001), contendo 202 questões distribuídas em 14 campos semânticos. No entanto, para o mapeamento e a descrição dos dados, consideraram-se apenas 15 itens lexicais de diferentes campos. A tabela seguinte evidencia esses itens.

**Tabela 01** – Itens Lexicais

<b>Nº</b>	<b>QUESTÃO</b>	<b>CAMPO SEMÂNTICO</b>	<b>ITEM LEXICAL</b>
01	001	Acidentes geográficos	<i>córrego/riacho</i>
02	020	Fenômenos atmosféricos	<i>orvalho/sereno</i>
03	021	Fenômenos atmosféricos	<i>nevoeiro/cerração/neblina</i>
04	044	Atividades agropastoris	<i>ponta roxa da bananeira</i>
05	067	Fauna	<i>galinha-d'angola</i>
06	071	Fauna	<i>gambá</i>
07	085	Fauna	<i>libélula</i>
08	088	Fauna	<i>pernilongo</i>
09	137	Convívio e comportamento social	<i>pessoa pouco inteligente</i>
10	142	Convívio e comportamento social	<i>prostituta</i>
11	143	Convívio e comportamento social	<i>xará</i>
12	145	Convívio e comportamento social	<i>cigarro de Palha</i>
13	155	Jogos e diversões infantis	<i>cambalhota</i>
14	158	Jogos e diversões infantis	<i>papagaio de papel</i>
15	191	Vestuário e acessório	<i>ruge</i>

Fonte: Elaborada pelo autor.

### 3.1.6 Delimitação do corpus

A seleção do *corpus* justifica-se, primeiramente, pela variabilidade lexical dos itens lexicais selecionados, constatadas durante a pesquisa de campo nas respostas dos informantes. Em seguida, pela relevância das variáveis sociais (idade e sexo) contidas nos dados lexicais, possibilitando identificar tendências a uma variação diagenérica e diageracional. Também, devido aos itens lexicais do ALAP possibilitarem a comparação entre os dados publicados, recentemente, no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

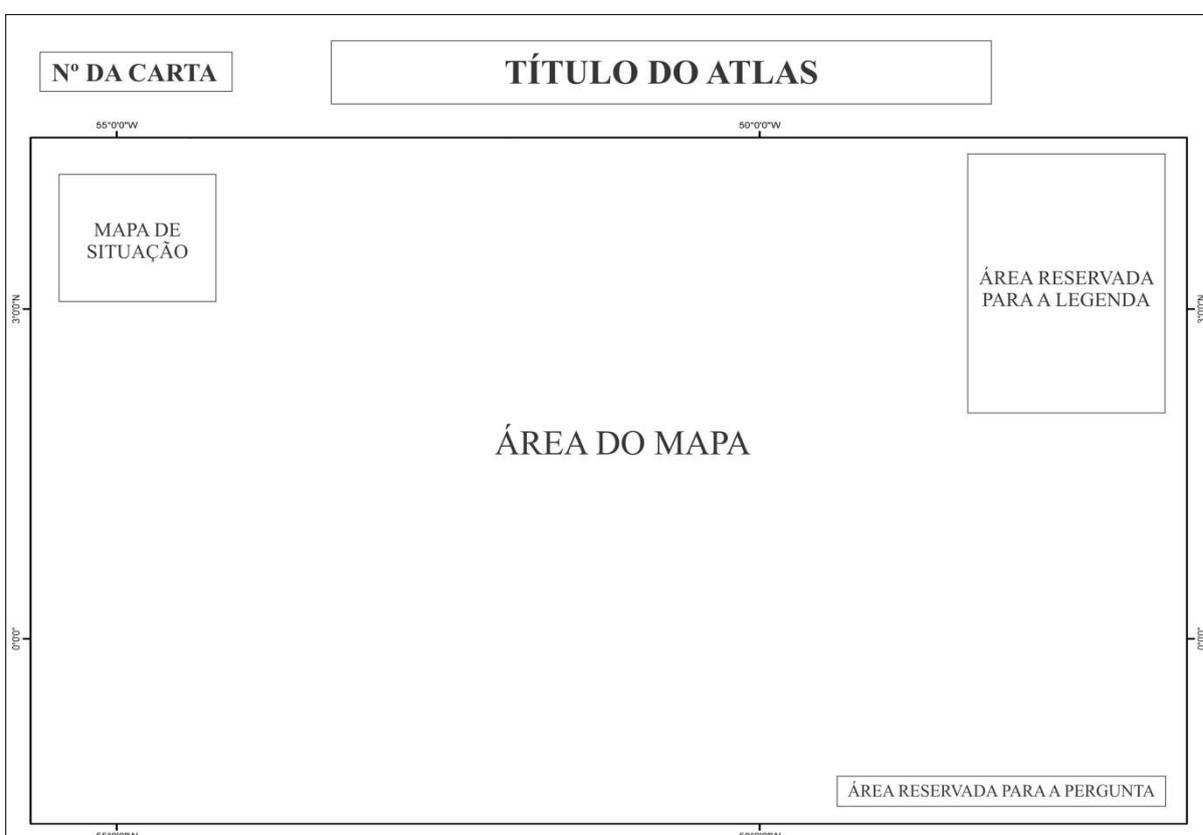
### 3.1.7 Elaboração das Cartas Linguísticas

Segundo Teles e Ribeiro (2014), a cartografia é hoje considerada um conjunto de operações artísticas, científicas e técnicas. Esse termo foi criado por Manuel Francisco de Barros e Sousa para sugerir o traçado de mapas e cartas. Para ser considerada como mapa ou carta, a representação cartográfica deve representar informações essenciais como: orientação, sistema de projeção, sistema de referência para as coordenadas e escala. (TELES; RIBEIRO, 2014, p. 115).

Por meio da arte cartográfica, a dialetologia moderna dispõe de um conjunto de técnicas denominado de cartografia linguística. É através do processo cartográfico que são elaboradas as cartas ou mapas linguísticos que constituem um atlas linguístico.

Para a produção das cartas linguísticas, desta pesquisa, e que também irão compor o atlas do Amapá, foi elaborada uma base cartográfica produzida por uma especialista da área. Num primeiro momento foi feito um leiaute da carta-base, indicando as posições de cada elemento que será inserido para a confecção da carta. A figura 16 exemplifica o leiaute da referida carta-base.

**Figura 16** – Leiaute da carta-base

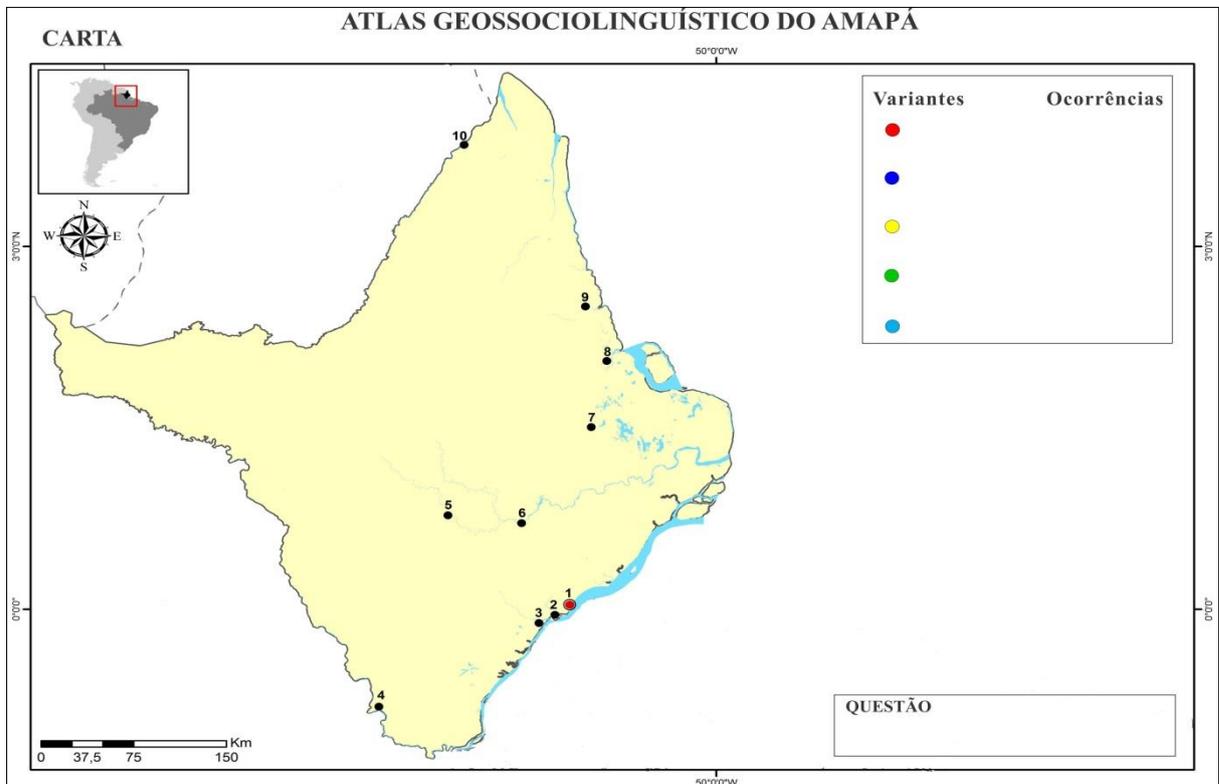


Fonte: Elaborada pelo autor.

Teles e Ribeiro (2014) consideram a base cartográfica essencial para todo e qualquer tipo de mapeamento temático. No caso da carta-base do *ALAP* foram inseridas informações geográficas e linguísticas. Para as informações de cunho geográfico, constam: escala, orientação geográfica, um mapa de localização da área em relação ao continente latino-americano e ao Brasil e a localização do estado e municípios. Para os de cunho linguístico, constam: título do atlas, número da carta, tipo de pergunta, pontos pesquisados e organização

dos itens linguísticos e suas ocorrências. A figura 17 abaixo mostra a carta-base de representação espacial.

**Figura 17** – Carta-base do ALAP (representação espacial)



Fonte: Elaborada por Piera Amora (NAEA/UFPA). (Adaptado pelo autor).

Para a leitura das cartas linguísticas de aspecto espacial (geográfico), adotou-se o seguinte esquema de convenções:

a) do lado superior à esquerda, ao lado do título, indica-se o número da carta que será representado por uma letra marcando o domínio linguístico estudado, seja ele lexical ou fonético, e o número da questão. Por exemplo, *CARTA L01*, a letra L indica que é uma carta lexical e 01 referente à primeira questão;

b) do lado superior à direita, abaixo do título, serão elencadas as variantes lexicais mais recorrentes, com a transcrição ortográfica e fonética. Seguido do número de ocorrências para cada variante. Para simplificação da leitura dos dados delimitaram-se apenas 5 variantes mais recorrentes com suas respectivas cores em forma de círculos, sendo que a ordem das cores segue a ordem das ocorrências (da variante mais produtiva à variante menos produtiva).

As cores foram selecionadas de acordo com o sistema RGB<sup>6</sup> (sistema de cores), e com base no *Atlas Linguístico do Brasil*. Como assinalado na tabela 02.

**Tabela 02** - Cores para cartas lexicais, até 5 variantes (RGB)<sup>7</sup>

CORES	R	G	B
1	255	0	0
2	0	0	255
3	255	255	0
4	0	200	0
5	248	150	201
Outras	0	176	240

Fonte: Cardoso et. al. (2014), adaptado pelo autor.

c) do lado inferior à direita, constarão as respectivas perguntas enumeradas, referentes ao questionário aplicado;

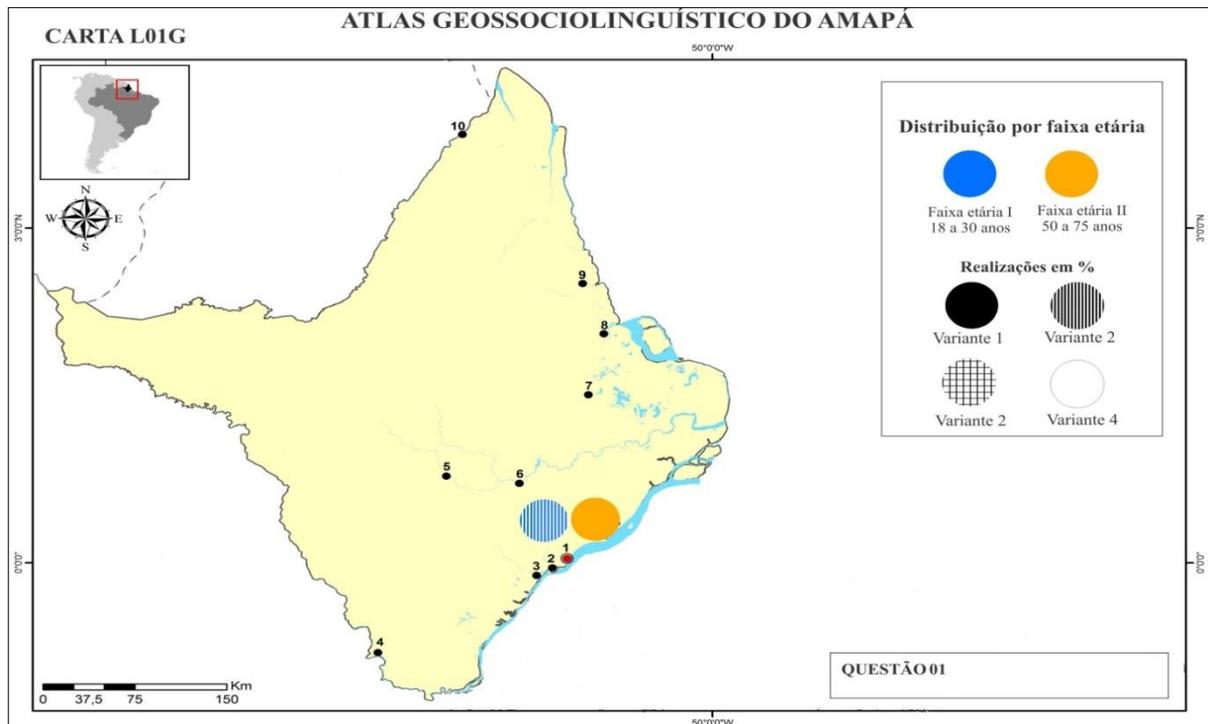
d) no centro da carta, apresenta-se o mapa do Amapá com os 10 pontos de inquéritos, (cf. fig. 13).

Já para leitura das cartas linguística de aspecto social (diageracional ou diagenérica), foram elaboradas mais duas cartas-base para cada variável (idade e sexo). Como descritos a seguir.

<sup>6</sup>RGB é um sistema de cores aditivo que representa a mistura de luz, em oposição ao subtrativo CMYK, que representa mistura de pigmentos. O nome RGB é uma sigla formada das iniciais dos nomes das suas cores primárias: *red* (vermelho), *green* (verde) e *blue* (azul). No sistema RGB, cada cor é definida pela quantidade de vermelho, verde e azul que a compõem.

<sup>7</sup>No caso de itens lexicais indispensáveis (ou produtivos) e que precisam ser representados, há o acréscimo de mais uma cor, neste caso acrescenta-se a cor cinza.

**Figura 18** – Carta-base do ALAP (representação social)



Fonte: Elaborada por Piera Amora (NAEA/UFPA). (Adaptada pelo autor)

A figura 18 mostra um exemplo da carta-base para a distribuição da variável faixa etária. O mesmo modelo segue para a variável sexo. Adotaram-se as seguintes convenções:

a) do lado superior à esquerda, ao lado do título, acrescenta-se ao número da carta diatópica a letra G (geracional) quando for para indicar faixa etária; e a letra S quando para indicar o sexo (homem e mulher), como no exemplo acima, L01G = carta lexical, questão 01, geracional;

b) do lado superior à direita, abaixo do título, indica-se a variável representada (faixa etária ou sexo), com a realização em porcentagens das variantes que se pretende investigar. Poderão ser elencadas até 4 variantes que correspondem a 4 símbolos em formas de círculos (círculo preenchido, listrado, quadriculado e vazio). A leitura se dará a partir das cores e dos símbolos que indicam cada variante (cf. fig. 18) tem-se o ponto 01 indicando que todos os informantes de primeira faixa etária conhecem a variante 2 e os de segunda faixa etária mencionaram a variante 01. As cores foram selecionadas, conforme já dito, de acordo com o sistema RGB (sistema de cores) e com base no *Atlas Linguístico do Brasil*. As tabelas 03 e 04 ilustram essa seleção.

**Tabela 03** - Cores para Carta Diageracional (RGB)

CORES	R	G	B
Faixa I	0	112	255
Faixa II	255	170	0

Fonte: Elaborada pelo autor.

**Tabela 04** - Cores para Carta Diagenérica (RGB)

CORES	R	G	B
Masculino	0	197	255
Feminino	168	0	0

Fonte: Elaborada pelo autor.

### 3.1.8 Procedimentos para descrição e análise dos dados

Os primeiros atlas linguísticos brasileiros registram formas que foram transcritas, foneticamente, pelo inquiridor em cadernos de respostas, no momento da entrevista. (BRANDÃO, 1991). Atualmente, com o avanço tecnológico, essa realidade foi sendo modificada, facilitando desde a pesquisa de campo até o processo de arquivamento e transcrições dos dados.

Os dados coletados para o *ALAP* foram tratados seguindo as recomendações do próprio grupo de pesquisa *ALAP*. Portanto, já com os dados gravados em áudio, foram adotados os seguintes procedimentos para o tratamento dos dados:

a) Arquivamento de todas as entrevistas gravadas em áudio, formato MP3, em pastas correspondentes aos pontos de inquéritos e aos informantes. Utilizou-se a convenção de símbolos para representar os pontos e os informantes. A tabela 05 abaixo exemplifica essa convenção para o ponto (01) Macapá:

**Tabela 05** – Convenção de símbolos para o arquivamento dos dados

<b>01AHF</b>	<b>01BMF</b>
<b>01</b> = Localidade (Macapá)	<b>01</b> = Localidade (Macapá)
<b>A</b> = Faixa etária (1ª faixa etária)	<b>B</b> = Faixa etária (2ª faixa etária)
<b>H</b> = Sexo (Homem)	<b>M</b> = Sexo (Mulher)
<b>F</b> = Escolaridade (Fundamental)	<b>F</b> = Escolaridade (Fundamental)

Fonte: Elaborada pelo autor.

b) Logo após o arquivamento dos dados, iniciou-se o processo de recorte dos áudios através do *softCool Edit Pro 2.1*. Delimitou-se que para as questões lexicais, as entrevistas fossem recortadas a partir do início da pergunta até o fim da conversa sobre cada item lexical.

c) com os recortes prontos, iniciaram-se as transcrições fonéticas que foram feitas em tabelas, indicando o tipo de questionário, o ponto de inquérito, questões e os quatro informantes entrevistados. Para a codificação dos símbolos fonéticos, empregou-se o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), utilizando a fonte *Times New Roman*. A tabela 06 evidencia os referidos procedimentos.

**Tabela 06** – Transcrições fonéticas

TRANSCRIÇÕES FONÉTICAS – QSL				
PONTO DE INQUÉRITO: 10 – OIAPOQUE/AP				
QUESTÕES	AHF	AMF	BHF	BMF
001	[ˈlagu] [garaˈpe]	[ˈlagu]	[igaraˈpe]	[ˈhiw]
020	[neˈbline]	[neˈbline]	[seˈreno]	[ˈɔhvaˈʃo]
021	[neˈbline]	[neˈbline]	[ˈnevi]	[neˈbline]
050	[makaˈferɛ]	[makaˈferɛ]	[makaˈferɛ]	[makaˈferɛ]
051	[mɛdʒiˈokɛ]	[mɛdʒiˈokɛ]	[mɛdʒiˈokɛ]	[mɛdʒiˈokɛ]
071	[gɛˈba]	[gɛˈba]	[muˈkure]	...

Fonte: Elaborada pelo autor.

d) com as transcrições e cartas-base prontas, iniciou-se a elaboração das cartas linguísticas. Todas as cartas foram montadas a partir do *soft Corel DRAWX5*. Para representação das variantes lexicais nas cartas, optou-se pela transcrição ortográfica e fonética, para que tanto o linguista como o leigo possam observar e compreender a ocorrência dos fenômenos que se apresentam. Na questão 145, por exemplo, tem-se a variante *tabaco*, transcrita ortograficamente, e abaixo constam todas as formas transcritas foneticamente, tal como realizadas por cada informante, neste caso, [taˈbako]. Para a transcrição de algumas variantes lexicais, adotou-se a classificação de lexias, de acordo com Pottier (1975)<sup>8</sup>.

e) para a representação das frequências de cada variante nos pontos de inquéritos, foram elaborados gráficos, a partir do número de ocorrências dos itens lexicais e das convenções de cores para cada variante, e em seguida transpostos para a carta.

No que tange à análise das cartas linguísticas, delimitaram-se três tipos: a) análise espacial; b) análise social; e c) análise comparativa dos dados do ALAP com os dados do

<sup>8</sup>*Lexia Simples*: “árvore”, “cão”, “entre”, “agora”; *Lexia Composta*, quando a lexia simples se une a outras para formar unidades lexemáticas: “guarda-chuva”, “pé-de-moleque”; *Lexias Complexas Estáveis*, resultantes também da associação de lexias simples, que devido ao seu uso constante na língua acabam se transformando em construções fixas, como em “mortalidade infantil”, “cidade universitária”, “AIDS” etc; *Lexia Textual*: são as lexias complexas que alcançam o nível de enunciado, como os provérbios, charadas, etc. p.e. “casa de ferreiro espeto de pau”.

ALiB. A primeira se restringirá a uma análise puramente diatópica, seguindo a dialetologia tradicional, em que serão elaboradas tabelas sobre a frequência de cada variante em cada localidade. A segunda refere-se à análise das variáveis sociais, neste caso, a variação diageracional (idade) e diagenérica (sexo), destacando que nem todas as cartas de variação diatópica poderão fornecer dados referentes à variação de aspecto social. Na terceira, serão feitas análises comparativas a partir de 11 cartas lexicais publicadas no *Atlas Linguístico do Brasil*, a fim de verificar se as variantes encontradas nas capitais brasileiras, e, sobretudo, em Macapá, também podem ser encontradas nos dados do *Atlas Geossociolinguístico do Amapá*.

## 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE GEOSSOCIAL DOS RESULTADOS

Para a descrição e análise dos resultados, será considerado o aspecto *geossocial* dos itens lexicais selecionados. Chama-se *geossocial* para a análise que contempla a dimensão espacial (variação geográfica ou diatópica) e social (variação diagenérica e diageracional) dos itens lexicais e fonéticos. Assim, apresenta-se a análise espacial dos 15 itens lexicais selecionados, em que serão expostas tabelas, gráficos e cartas linguísticas com o número de ocorrências das variantes e respectivas porcentagens. Em seguida, apresenta-se a análise social que corresponde à variação diagenérica e diageracional, conforme a relevância do item lexical, pois, há casos em que o item não demonstra variabilidade em relação às variáveis sociais, sexo e idade. Por último, faz-se uma comparação entre os dados do Atlas Linguístico do Brasil e do Atlas Geossociolinguístico do Amapá, considerando apenas 11 itens lexicais mapeados nos dois atlas.

### 4.1 ANÁLISE ESPACIAL

Nesse primeiro tipo de análise, elaboramos cartas linguísticas registrando as cinco variantes lexicais mais frequentes em todos os pontos pesquisados. Os dados serão apresentados em uma tabela com todas as variantes correspondentes ao item lexical analisado, seguido de gráficos com as porcentagens das variantes mais frequentes no estado do Amapá, apontando a variante predominante. Ressalta-se que foram consideradas, para a análise espacial (geográfica), todas as respostas fornecidas pelos os informantes e não apenas a primeira resposta.

#### a) Acidentes Geográficos

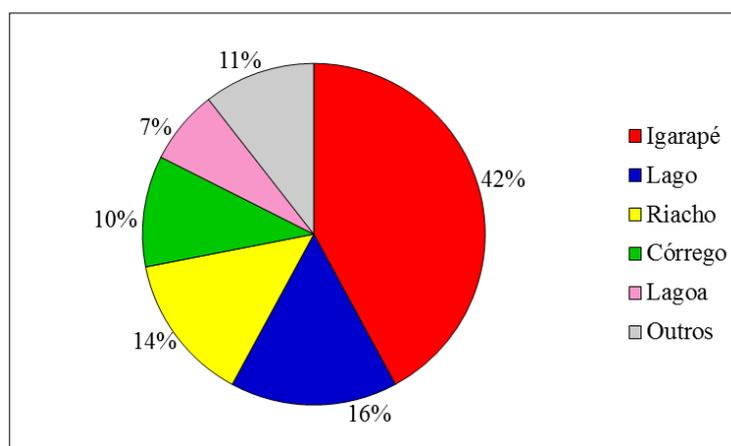
O primeiro item a ser analisado, corresponde ao campo semântico *acidentes geográficos, córrego/riacho*, referente à pergunta de número 001 do Questionário Semântico-Lexical. Perguntou-se aos informantes como eles chamam para aquele *rio pequeno de uns dois metros de largura*. A partir disso, foram registradas oito variantes lexicais: *igarapé, lago, riacho, córrego, lagoa, rio, grotta e enseada*. A tabela 07 seguinte ilustra a ocorrência dessas variantes.

**Tabela 07** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*Córrego/Riacho*)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. <i>Igarapé</i>	33%	49%	75%	57%	25%	50%	22%	67%	33%	40%
2. <i>Lago</i>	50%	-	-	14%	13%	-	-	33%	17%	40%
3. <i>Riacho</i>	17%	17%	-	29%	-	-	34%	-	33%	-
4. <i>Córrego</i>	-	17%	25%	-	-	50%	22%	-	17%	-
5. <i>Lagoa</i>	-	17%	-	-	25%	-	-	-	-	-
6. <i>Rio</i>	-	-	-	-	13%	-	11%	-	-	20%
7. <i>Grota</i>	-	-	-	-	25%	-	-	-	-	-
8. <i>Enseada</i>	-	-	-	-	-	-	11%	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

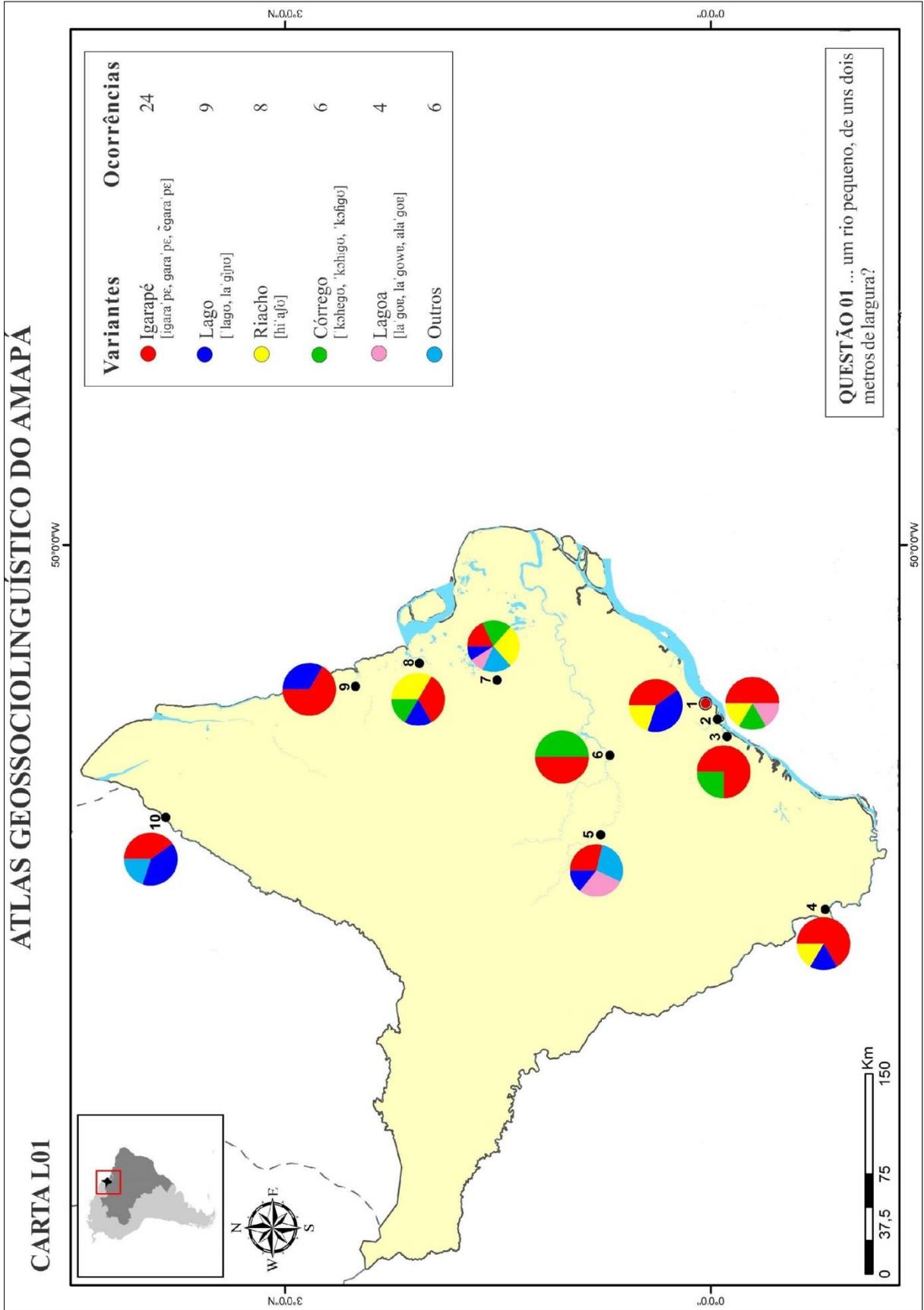
Como mostra a tabela 07 e carta L01 abaixo, no ponto 01 (Macapá), a variante mais frequente foi *lago* com 50%; já nos pontos 02, 03, 04 e 08 (Santana, Mazagão, Laranjal do Jari e Calçoene), destaca-se a variante *igarapé* (49%, 75%, 57% e 67%). No ponto 05 (Pedra Branca do Amaparí), houve uma distribuição percentual entre cinco variantes: *igarapé* (25%), *lago* (13%), *lagoa* (25%), *rio* (13%) e *grota* (25%). Neste caso, atenta-se para a variante *grota* que aparece somente na localidade 05. O ponto 06 (Porto Grande) apresenta 50% de uso para variante *igarapé* e 50% para *córrego*. O ponto 07 (Tartarugalzinho) apresenta maior frequência para *riacho* com 34%, enquanto *igarapé* e *córrego* aparecem com 22%. No ponto 10 (Oiapoque), têm-se duas variantes mais frequentes, *igarapé* e *lago* que ocorrem com 40% de frequência. No gráfico seguinte é possível visualizar tais ocorrências.

**Gráfico 01** – Realização em % para o item *córrego/riacho*

Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico 01 mostra que *igarapé* é a variante predominante no estado do Amapá, com 45% de ocorrência; seguida de *lago* com 16%; *riacho* com 14%; *córrego* com 10%; *lagoa* com 7% e *outros* com 11%. No caso de *outros*, estão agrupadas as variantes menos frequentes, como *rio*, *grot*a e *enseada*.

Carta L01 – Item córrego/riacho



Fonte: Elaborada pelo autor.

## b) Fenômenos Atmosféricos

Em relação ao campo semântico *fenômenos atmosféricos*, foram selecionados dois itens: *orvalho/sereno* e *nevoeiro/cerração/neblina*. Para obtenção das respostas do primeiro item, perguntou-se *como se chama aquilo que molha a grama de manhã cedo*. Assim, foram registradas seis variantes: *sereno*, *neblina*, *neve*, *orvalho*, *nevoada* e *vento norte*. A tabela seguinte retrata essa variabilidade.

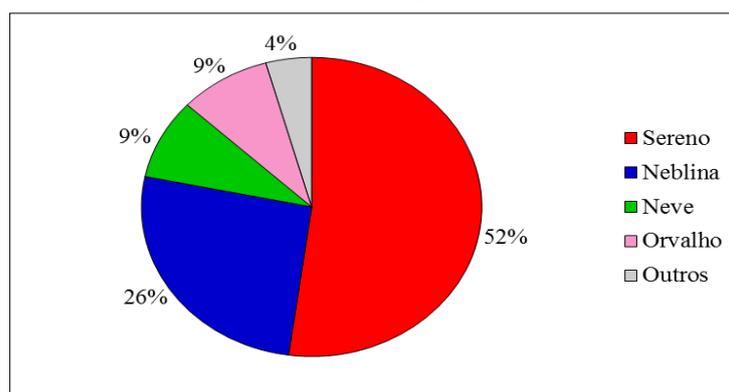
**Tabela 08** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*Orvalho/Sereno*)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
VARIANTES										
1. <i>Sereno</i>	33%	67%	75%	25%	40%	100%	80%	33%	50%	25%
2. <i>Neblina</i>	17%	-	25%	50%	40%	-	-	50%	25%	50%
3. <i>Neve</i>	-	-	-	25%	-	-	20%	-	25%	-
4. <i>Orvalho</i>	33%	-	-	-	20%	-	-	25%	-	25%
5. <i>Vento Norte</i>	17%	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6. <i>Nevoada</i>	-	33%	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

A tabela 08 e a carta L02 abaixo mostram que no ponto 01 ocorrem duas variantes mais frequentes, *sereno* e *neblina*. Nos pontos 02, 03, 06, 07 e 09, a variante de maior uso foi *sereno*. Esta se destaca no ponto 03 por ter apresentado 100% de realização. Nos pontos 04, 08 e 10, *neblina* se destaca com 50% de frequência em cada ponto. Já no ponto 05, apresentam-se duas variantes, *sereno* e *neblina*, em que ambas ocorrem com 40% de frequência. O gráfico seguinte ilustra o percentual de cada variante.

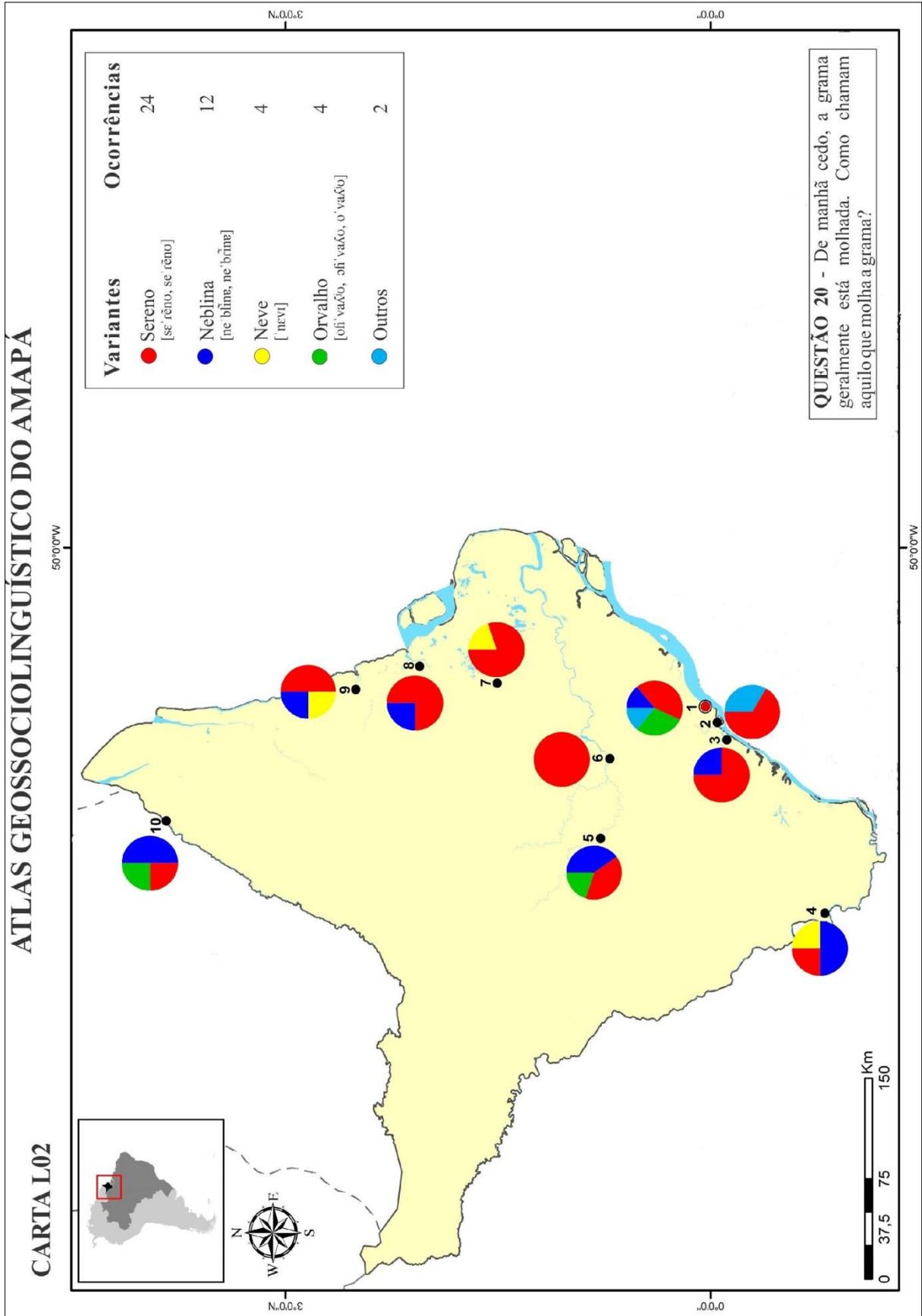
**Gráfico 02** – Realização em % para o item *orvalho/sereno*



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico 02 mostra *sereno* como a variante mais usada pelo falante no estado do Amapá, com 52% de frequência de uso; seguida de *neblina* com 26%; *neve* e *orvalho* com 9% cada e *outros* (*vento norte* e *nevoada*) com 4%.

Carta L02—Item *orvalho/sereno*



Fonte: Elaborada pelo autor.

Para a obtenção das respostas do segundo item do referido campo semântico, *nevoeiro/cerração/neblina*, questionou-se os informantes sobre o *nome daquilo parecido com a fumaça e que cobre tudo de manhã cedo*. Assim, foram registradas sete variantes: *neblina*, *neve*, *sereno*, *fumaça*, *nevoeiro*, *orvalho* e *nuvem*, conforme refletidas na tabela abaixo.

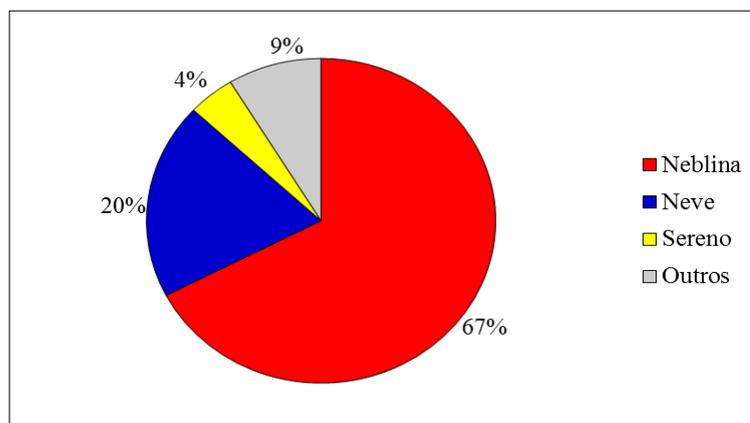
**Tabela 09** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*Nevoeiro/Cerração/Neblina*).

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. <i>Neblina</i>	80%	40%	25%	100%	60%	40%	75%	100%	75%	75%
2. <i>Neve</i>	20%	20%	50%	-	20%	20%	25%	-	25%	25%
3. <i>Sereno</i>	-	20%	-	-	20%	-	-	-	-	-
4. <i>Fumaça</i>	-	20%	-	-	-	-	-	-	-	-
5. <i>Nevoeiro</i>	-	-	-	-	-	20%	-	-	-	-
6. <i>Orvalho</i>	-	-	-	-	-	20%	-	-	-	-
7. <i>Nuvem</i>	-	-	25%	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme a tabela 09 e carta L03 abaixo, observamos que em quase todos os pontos, com exceção do ponto 03, a variante mais frequente foi *neblina*. Ressalta-se que nos pontos 04 e 08, *neblina* ocorreu com 100% de frequência. Em relação ao ponto 03, a variante que mais se destacou foi *neve* com 50% de frequência. As demais aparecem com um uso muito reduzido. Esses percentuais podem ser melhor visualizados no gráfico 03.

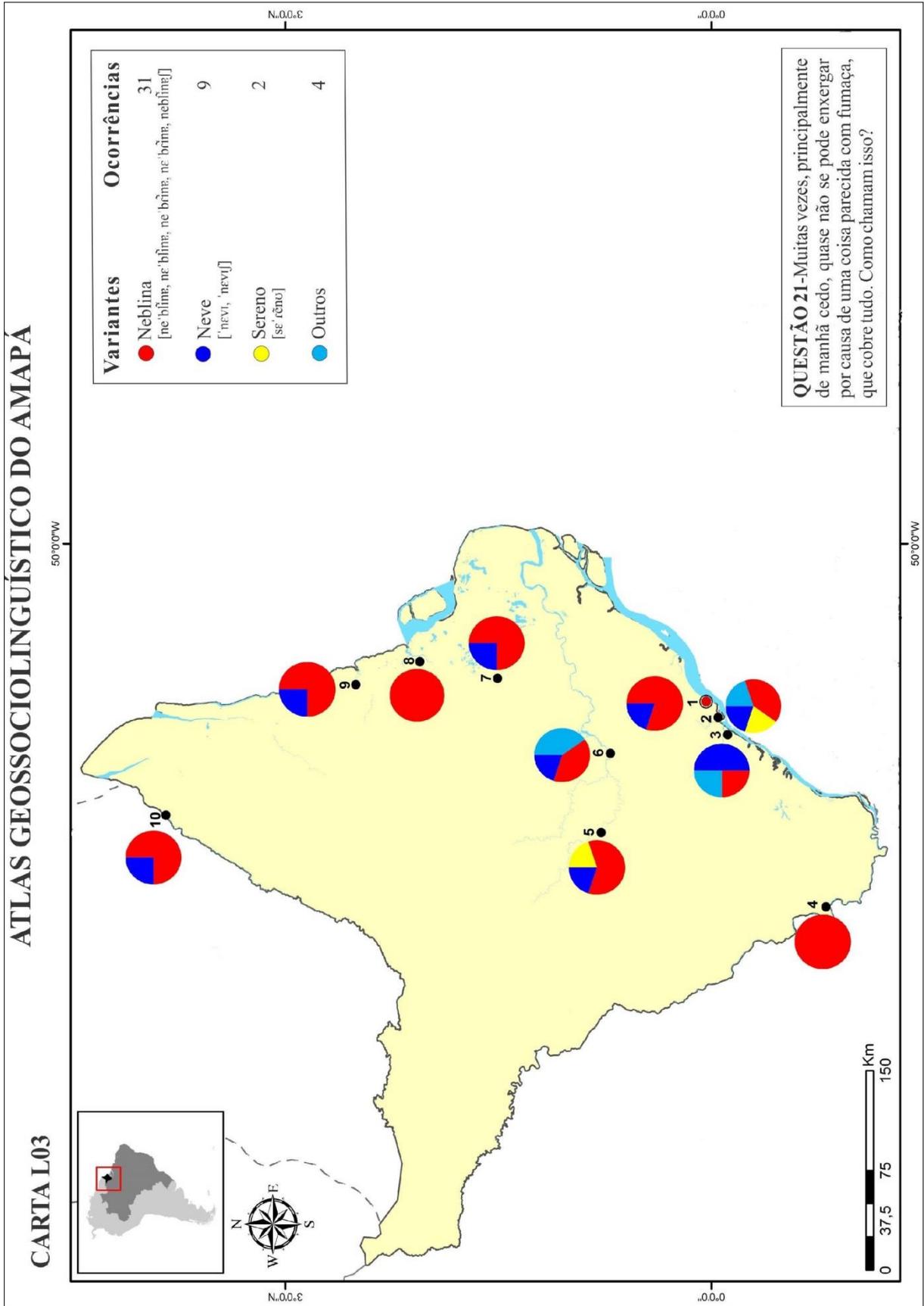
**Gráfico 03** – Realização em % para o item *nevoeiro/cerração/neblina*



Fonte: Elaborada pelo autor.

O gráfico 03 reflete as variantes mais frequentes, sendo que *neblina* caracteriza-se como a predominante no Amapá, visto que ocorre com 67% de frequência de uso. Em seguida têm-se *neve* com 20%; *sereno* com 4% e *outros* (*fumaça*, *nevoeiro*, *orvalho* e *nuvem*) com 9%.

Carta L03 – Item *nevoeiro/cerração/neblina*



Fonte: Elaborada pelo autor.

### c) Atividades agropastoris

No campo semântico *atividades agropastoris* foi selecionado apenas um item lexical: *ponta roxa no cacho da banana*. O referido item corresponde à questão 44 do Questionário Semântico-Lexical (QSL), em que se procurou saber as designações para aquela *ponta roxa que fica no cacho da banana*. As respostas dos informantes registraram oito variantes: *mangará, talo, umbigo, coração, mará, garço, mangarata e broca*. A tabela 10 apresenta tais ocorrências.

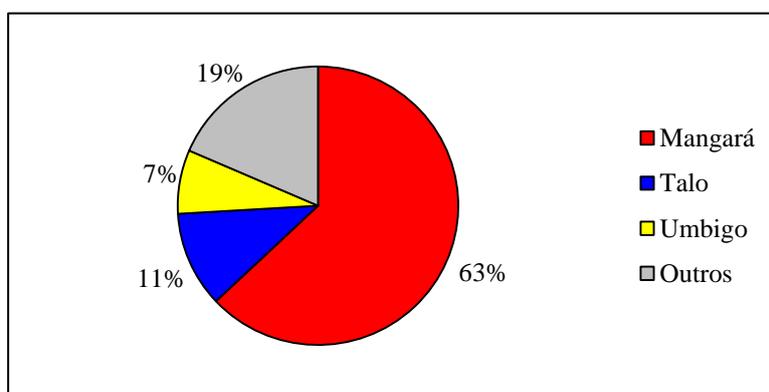
**Tabela 10** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*ponta roxa do cacho da banana*).

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. Mangará	-	67%	100%	100%	100%	33%	100%	100%	-	-
2. Talo	25%	33%	-	-	-	-	-	-	-	100%
3. Umbigo	-	-	-	-	-	67%	-	-	-	-
4. Coração	25%	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5. Mará	25%	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6. Garço	25%	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7. Mangarata	-	-	-	-	-	-	-	-	50%	-
8. Broca	-	-	-	-	-	-	-	-	50%	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Na tabela 10 e carta L04 abaixo, apresentam-se todas as variantes lexicais registradas e sua distribuição geográfica. A variante *mangará* ocorre em quase todos os pontos, exceto nos pontos 01, 09 e 10. Esta por sua vez se destaca nos pontos 03, 04, 05, 07 e 08, pois ocorre com 100% de frequência. Em relação à variante *talo*, esta se mostra presente nos pontos 01, 02 e 10. No caso das variantes *umbigo, coração, mará, garço, mangarata* e *broca*, observa-se que cada uma delas ocorreu somente em um único ponto: *umbigo* no ponto 06; *coração, mará* e *garço* no ponto 01; e *mangarata* e *broca* no ponto 09. No gráfico seguinte é possível visualizar o percentual de ocorrência para cada uma dessas variantes.

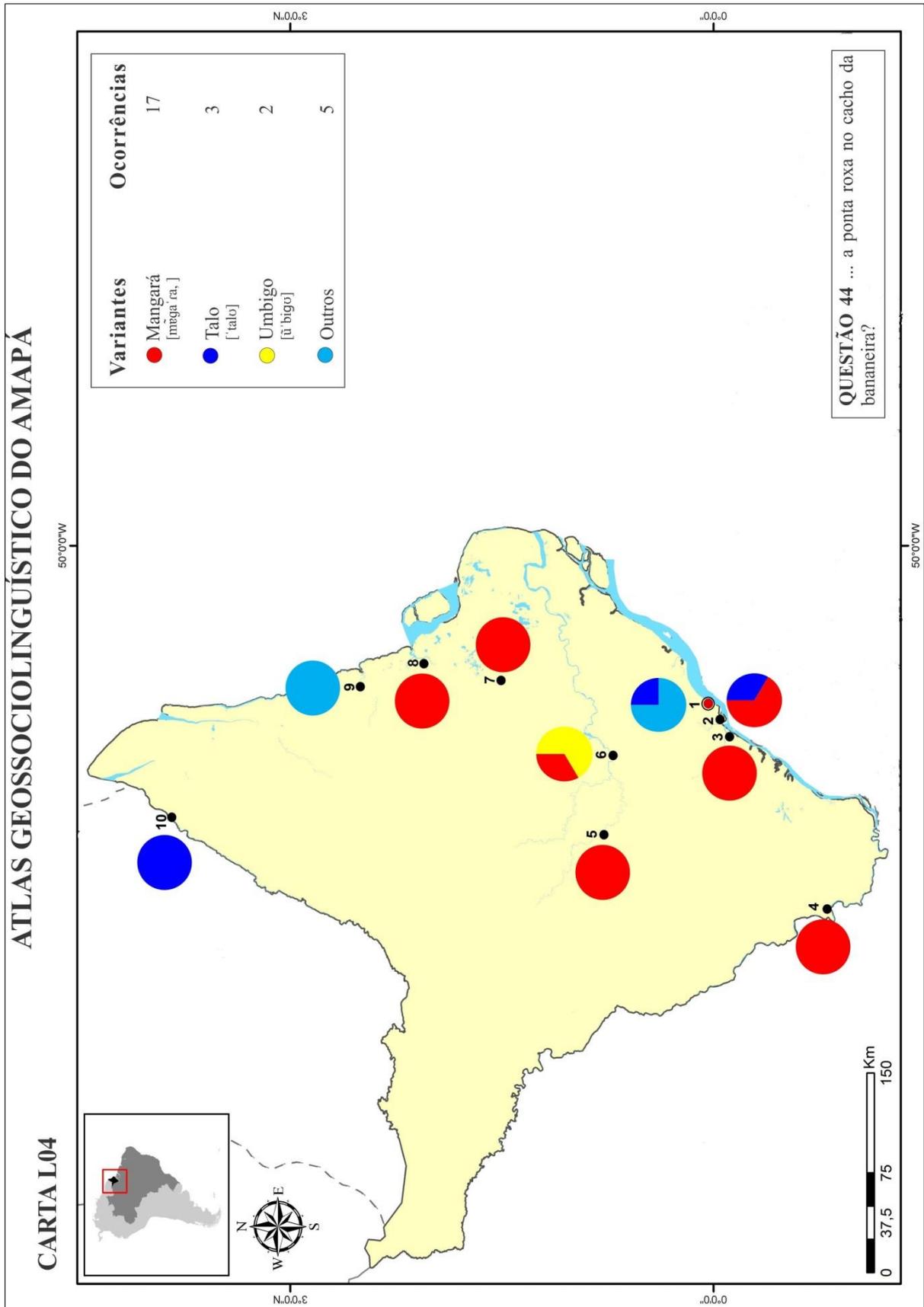
**Gráfico 04** – Realização em % para o item *ponta roxa no cacho da bananeira*



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico 04 apresenta o termo *mangará* como predominante no estado do Amapá, com 63% de frequência, em relação às demais variantes. A variante *talo* aparece com 11%; *umbigo* 7% e outros (*coração, mará, garço, mangaratá e broca* ) somam 19%.

Carta L04 – Item *ponta roxa no cacho da banana*



Fonte: Elaborada pelo autor.

## d) Fauna

Para o campo semântico *fauna* foram selecionados quatro itens lexicais: *galinha-d'angola*, *gambá*, *libélula* e *pernilongo*. No primeiro item, *galinha-d'angola*, referente à questão 67 do QSL, buscou-se saber as denominações para aquela *ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas*. Por meio disso, foram registradas sete variantes lexicais: *picote*, *galinha-d'angola*, *picota*, *capote*, *gajé*, *nuplim* e *nambú*. A tabela seguinte evidencia essas ocorrências.

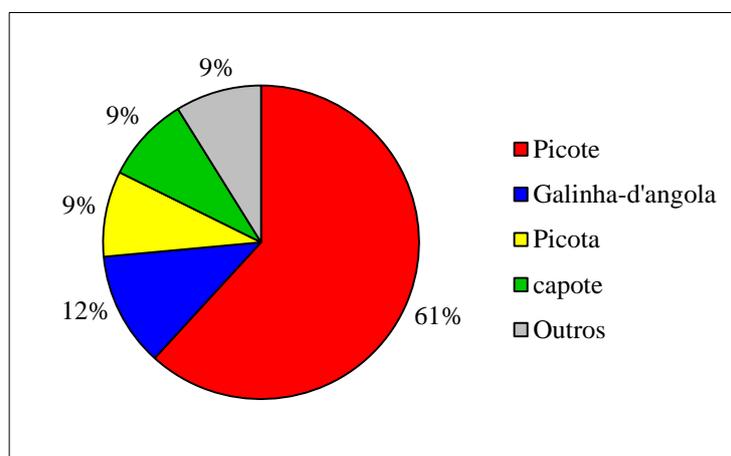
**Tabela 11** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*galinha-d'angola*).

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. <i>Picote</i>	50%	100%	20%	50%	75%	50%	75%	100%	75%	50%
2. <i>Galinha- d'angola</i>	25%	-	-	-	-	50%	25%	-	-	50%
3. <i>Picota</i>	-	-	60%	-	-	-	-	-	-	-
4. <i>Capote</i>	25%	-	-	25%	25%	-	-	-	-	-
5. <i>Gajé</i>	-	-	20%	-	-	-	-	-	-	-
6. <i>Nuplim</i>	-	-	-	25%	-	-	-	-	-	-
7. <i>Nambú</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	25%	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Na tabela 11 e carta L05 abaixo, é possível observar que *picote* é a única variante que ocorre em todos os pontos pesquisados. *Galinha-d'angola* ocorre nos pontos 01, 06, 07 e 10. *Capote* ocorre nos pontos 01, 04 e 05. Já as variantes *picota*, *gajé*, *nuplim* e *nambu*, só aparecem em uma única localidade: *picote* e *gajé* no ponto 03; *nuplim* no ponto 04 e *nambu* no ponto 09. O gráfico 05 seguinte destaca essas ocorrências.

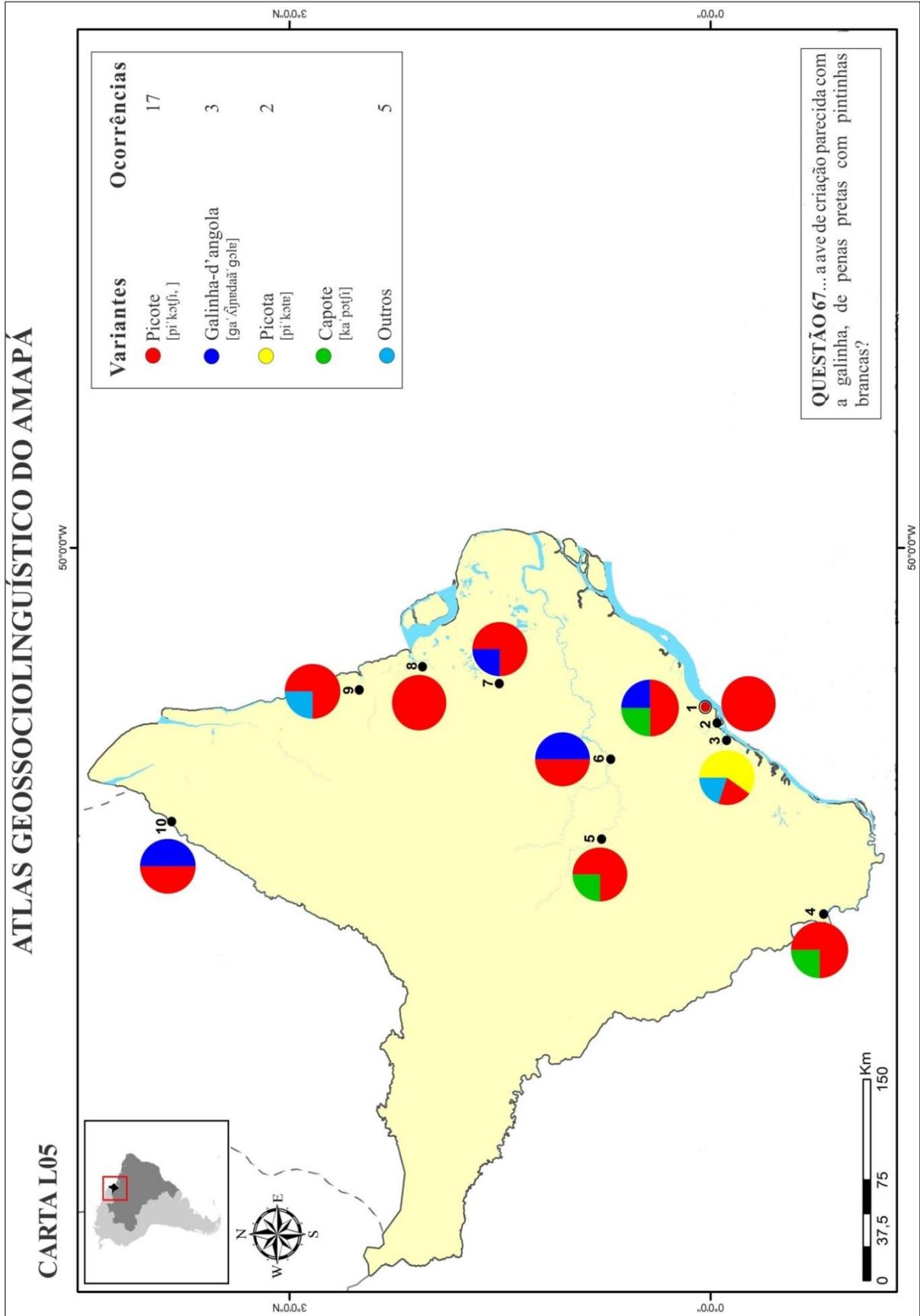
**Gráfico 05** – Realização em % para o item *galinha-d'angola*



Fonte: Elaborado pelo autor.

No gráfico 05, registra-se *picote* como a variante predominante no estado do Amapá, com 67% de ocorrência; seguida de *galinha-d'angola* com 12%; *picota* com 9%; *capote* com 9% e outras (*gajé*, *nuplim* e *nambú*) variantes somam 9%.

Carta L05 – Item *galinha-d'angola*



Fonte: Elaborada pelo autor.

O segundo item é referente à questão 71 do questionário semântico-lexical (QSL), que corresponde aos nomes que se dão para aquele *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*. Assim, foram registradas duas variantes: *gambá* e *mucura*, conforme se visualiza na tabela abaixo.

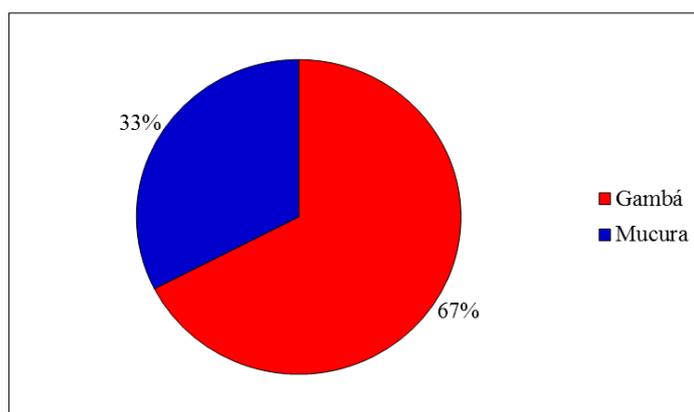
**Tabela 12** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*Gambá*)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. <i>Gambá</i>	75%	50%	50%	75%	75%	100%	80%	57%	60%	67%
2. <i>Mucura</i>	25%	50%	50%	25%	25%	-	20%	43%	40%	33%

Fonte: Elaborada pelo autor.

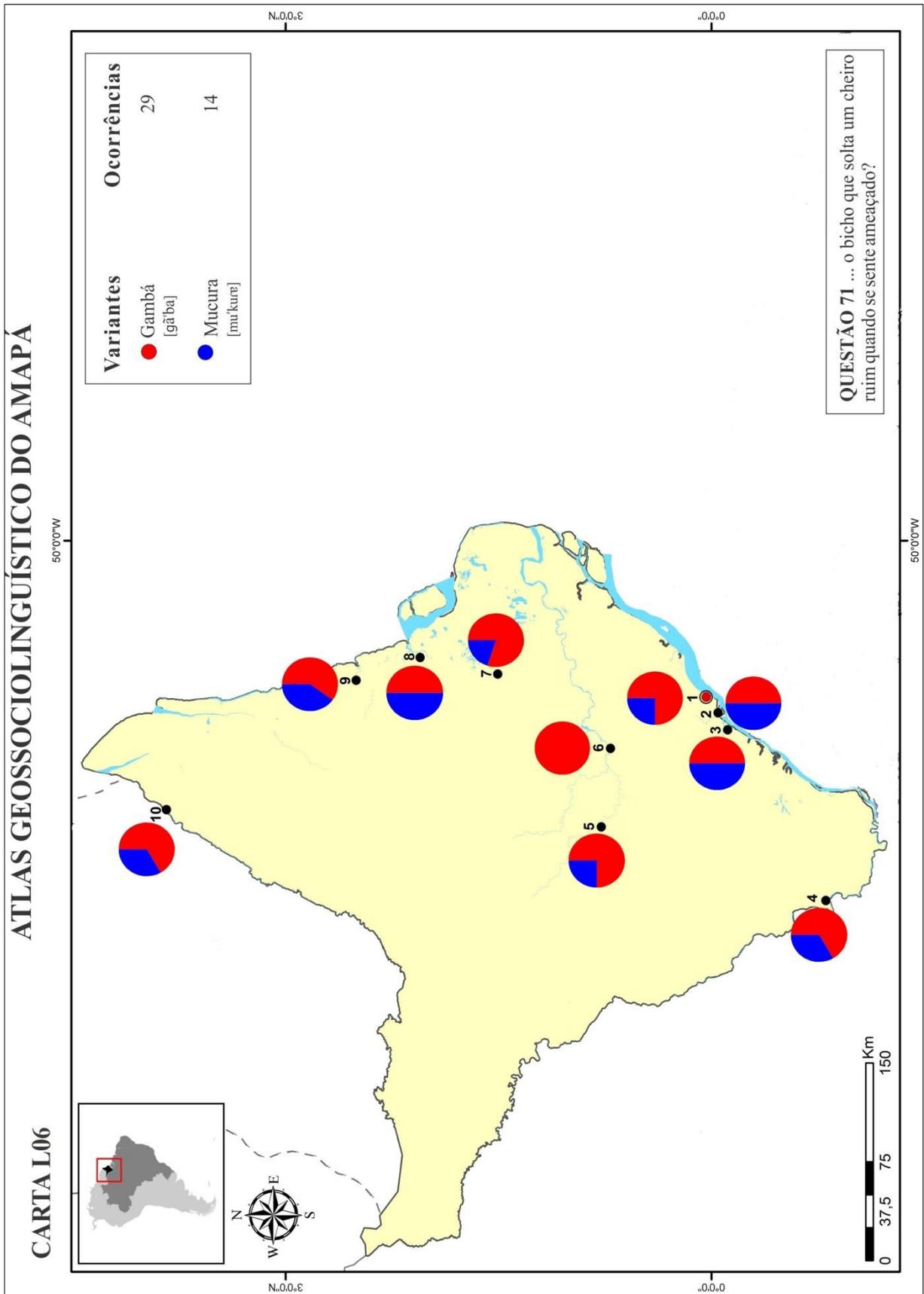
A tabela 12 e carta L06 abaixo mostram que em quase todos os pontos o uso frequente foi para a variante *gambá*; nos pontos 02, 03 e 08 se percebe ocorrência semelhante entre *gambá* e *mucura*, ambas aparecem com 50% cada. Verifica-se também que no ponto 06 a frequência para *gambá* foi de 100%.

**Gráfico 06** – Realização em % para o item *gambá*



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico 06 registra *gambá* como a variante predominante falada no estado do Amapá, com 67% de ocorrência, seguida de 33% para *mucura*.

Carta L06 – Item *gambá*

O terceiro item é referente à pergunta 85, que buscava saber como os informantes denominam *o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes*. A partir das respostas, foram registradas seis variantes: *jacinta*, *libélula*, *cigarra*, *jacina*, *cigana* e *gafanhoto*, conforme percentual mostrado na tabela 13.

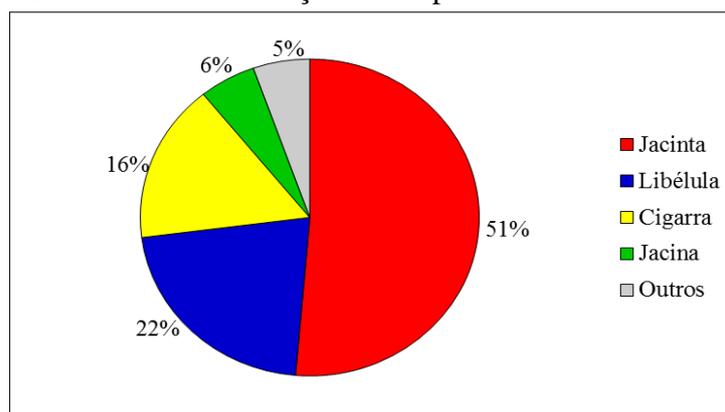
**Tabela 13** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*Libélula*)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. <i>Jacinta</i>	17%	50%	100%	25%	60%	-	75%	100%	-	50%
2. <i>Libélula</i>	33%	25%	-	-	20%	100%	25%	-	-	-
3. <i>Cigarra</i>	17%	25%	-	50%	20%	-	-	-	-	25%
4. <i>Jacina</i>	33%	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5. <i>Cigana</i>	-	-	-	25%	-	-	-	-	-	-
6. <i>Gafanhoto</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme a tabela 13 e carta L07 seguinte, constatou-se que *jacinta* é a variante mais frequente nos pontos 02, 03, 05, 07, 08 e 10, ocorrendo 100% nos pontos 03 e 08. Já *libélula* ocorre nos pontos 01, 02, 05, 06 e 07, destacando-se no ponto 06 com 100% de frequência. A variante *cigarra* é mais frequente no ponto 04. *Jacina* ocorre no ponto 01, *cigana* no ponto 04 e *gafanhoto* no ponto 10. Estas três últimas variantes se apresentam com frequências mínimas, tendo apenas um registro em cada localidade. Ressalta-se que no ponto 08 não houve registro de nenhuma variante, pois os informantes não conseguiram responder ou não lembravam. O gráfico 07 ilustra essas realizações.

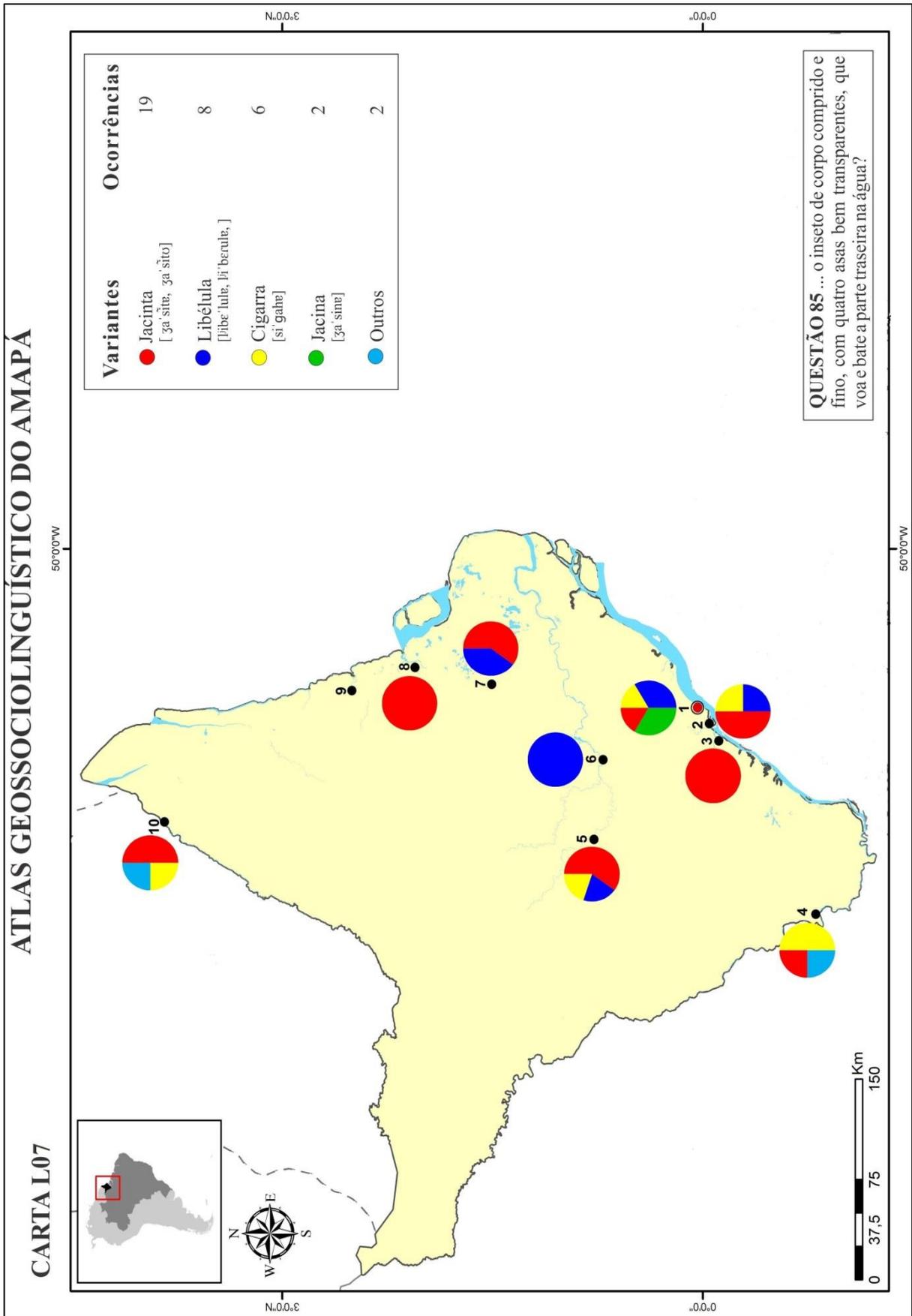
**Gráfico 07** – Realização em % para o item *libélula*



Fonte: Elaborado pelo autor.

No gráfico 07, observa-se o termo *jacinta* como variante predominante falada no estado do Amapá, com 51% de frequência em relação às demais. A variante *libélula* aparece com 22%; *cigarra* 16%; *jacina* 6% e outros (*cigana* e *gafanhoto*) somam 5%.

Carta L07 – Item *libélula*



Fonte: Elaborada pelo autor.

O próximo item refere-se à pergunta 88 que buscou saber os nomes usados para aquele *inseto pequeno, de pernas compridas e que canta no ouvido das pessoas*. Assim, foram registradas cinco variantes: *carapanã*, *muriçoca*, *mosquito*, *maruim* e *pium*. Na tabela 14 verificam-se essas ocorrências.

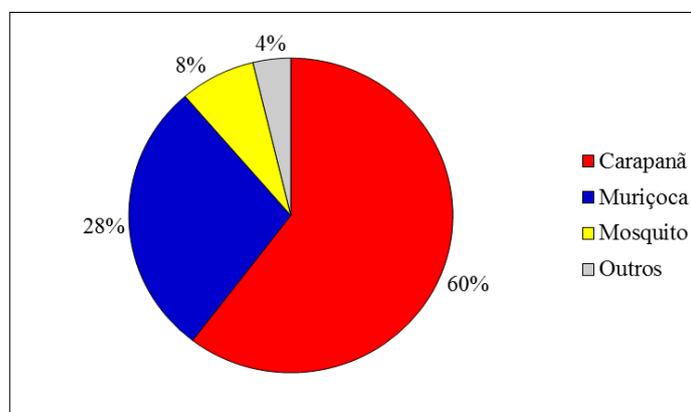
**Tabela 14** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*pernilongo*)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. <i>Carapanã</i>	66%	80%	50%	67%	43%	100%	50%	57%	50%	80%
2. <i>Muriçoca</i>	17%	20%	37%	33%	57%	-	37%	43%	12%	20%
3. <i>Mosquito</i>	17%	-	-	-	-	-	13%	-	26%	-
4. <i>Maruim</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5. <i>Pium</i>	-	-	13%	-	-	-	-	-	12%	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

A tabela 14 e a carta L08 abaixo revelam que *carapanã* é mais frequente em quase todos os pontos, exceto no ponto 05, onde *muriçoca* prevalece com 57% de ocorrência. Ainda sobre a variante *carapanã*, esta se destaca no ponto 06 com 100% de frequência. A variante *mosquito* ocorre somente nos pontos 01, 07 e 09. Enquanto a variante *maruim* ocorre no ponto 03 e *pium* no ponto 09, estas últimas com frequências mínimas.

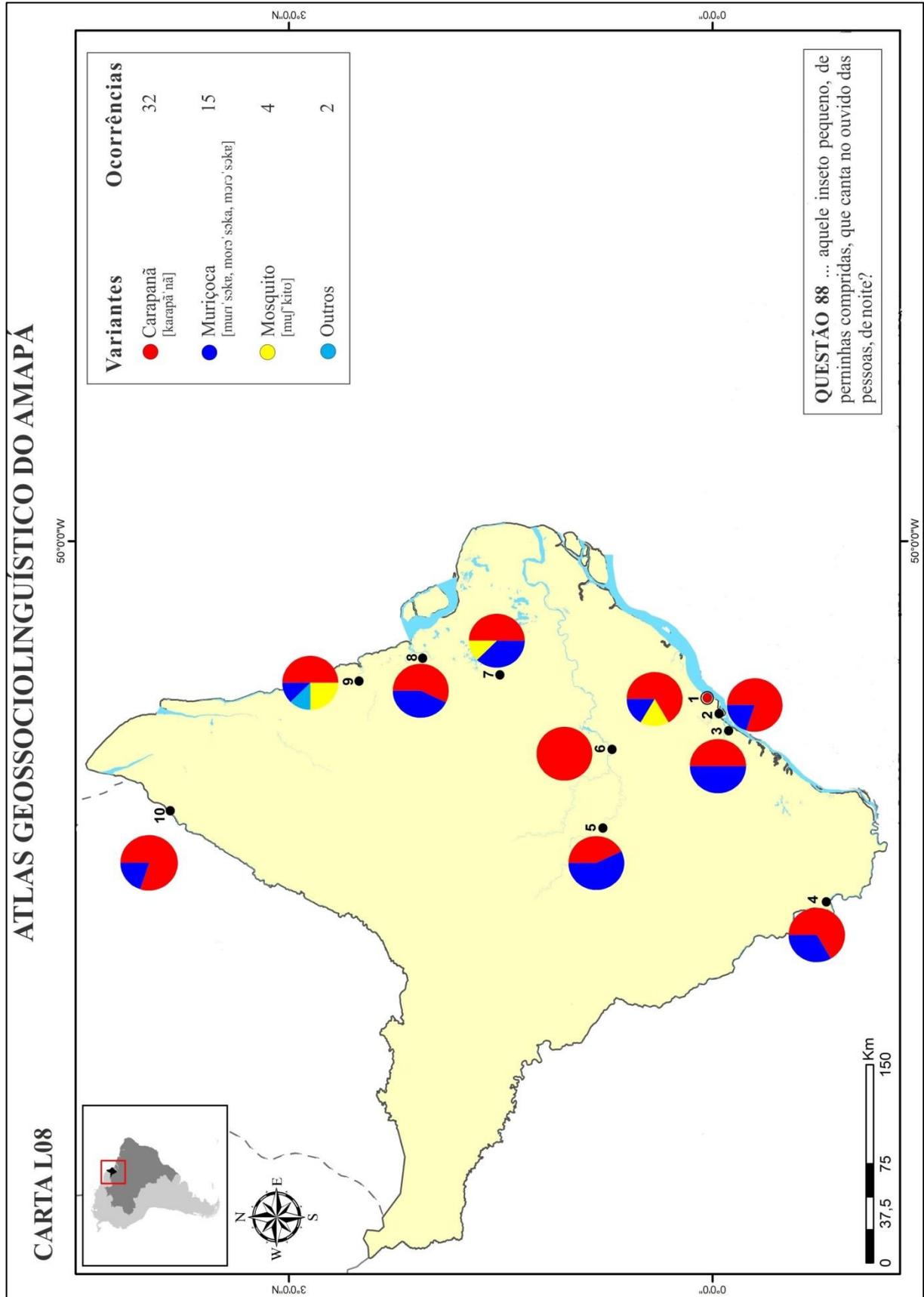
**Gráfico 08** – Realização em % para o item *pernilongo*



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico 08 mostra *carapanã* como variante predominante falada no estado do Amapá, com 60% de frequência, seguida de *muriçoca* com 28%; *mosquito* 8% e *outros* somam 4%.

Carta L08 – Item *pernilongo*



Fonte: Elaborada pelo autor.

### e) Convívio e comportamento social

Para o campo semântico *convívio e comportamento social* foram selecionados quatro itens lexicais: *pessoa pouco inteligente, prostituta, xará e cigarro de palha*. O primeiro item corresponde à questão 137 que buscou saber os nomes que se dão para *aquela pessoa que tem dificuldades de aprender as coisas*. A partir disso, foram registradas oito variantes: *burra, rude, besta, analfabeto, arô, despercebida, preguiçoso e lento*. A tabela 15 registra o percentual de usos dessas formas.

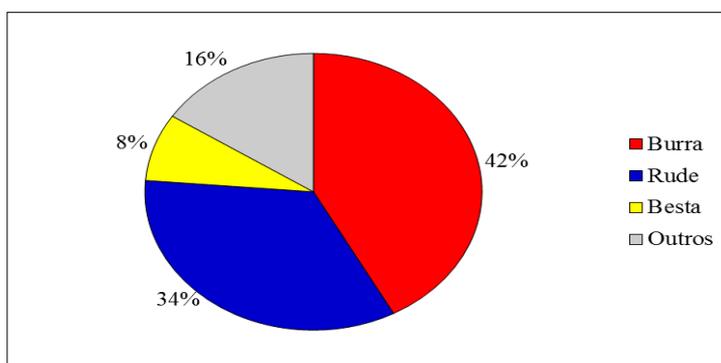
**Tabela 15**– Frequência das variantes lexicais por localidade (*pessoa pouco inteligente*).

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. <i>Burra</i>	20%	25%	50%	75%	50%	100%	40%	60%	-	75%
2. <i>Rude</i>	40%	50%	25%	25%	25%	-	40%	-	50%	25%
3. <i>Besta</i>	-	-	-	-	25%	-	20%	40%	-	-
4. <i>Analfabeto</i>	-	25%	-	-	-	-	-	-	-	-
5. <i>Aro</i>	-	-	25%	-	-	-	-	-	-	-
6. <i>Despercebida</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	50%	-
7. <i>Preguiçoso</i>	20%	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8. <i>Lento</i>	20%	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

A tabela 15 e a carta L09 abaixo mostram que nos pontos 03, 04, 05, 06, 08 e 10 há a predominância da variante *burra*, sendo que esta só ocorre com 100% de frequência no ponto 06. Já nos pontos 01 e 02 há a predominância da variante *rude*, com 50% de frequência. No ponto 07, verifica-se a ocorrência das variantes *burra* e *rude*, com 50% de frequência cada. Somente nos pontos 05, 07 e 08 foi possível registrar o uso da variante *besta*. Já a variante *arô* aparece no ponto 03, *despercebida* no ponto 09 e *preguiçoso* e *lento* nos pontos 01 e 02. No gráfico seguinte visualizamos tais ocorrências.

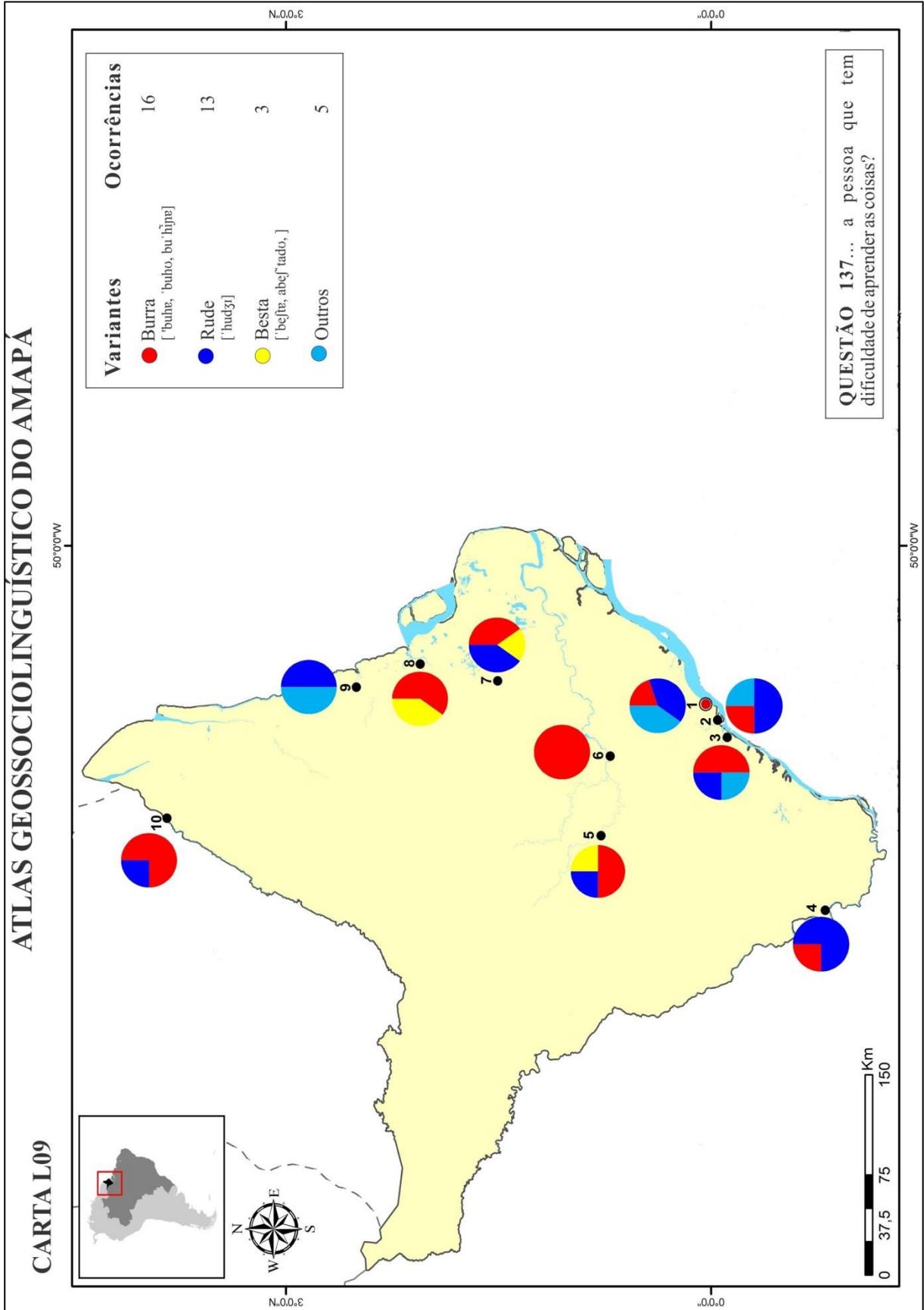
**Gráfico 09** – Realização em % para o item *pessoa pouco inteligente*



Fonte: Elaborada pelo autor.

O gráfico 09, mostra que o item lexical *burra* pode ser considerada a variante predominante no estado do Amapá, para designar pessoa que tem dificuldades de aprender, com 42% de frequência; seguida de *rude* com 34%; *besta* com 8% e *outros* (*analfabeto, arô, despercebida, preguiçoso e lento*) somam 16%.

Carta L09 – Item *pessoa pouco inteligente*



O próximo item corresponde à pergunta 142, referente às designações para o termo *prostituta*, para o qual foram registradas 18 variantes, conforme a tabela 14.

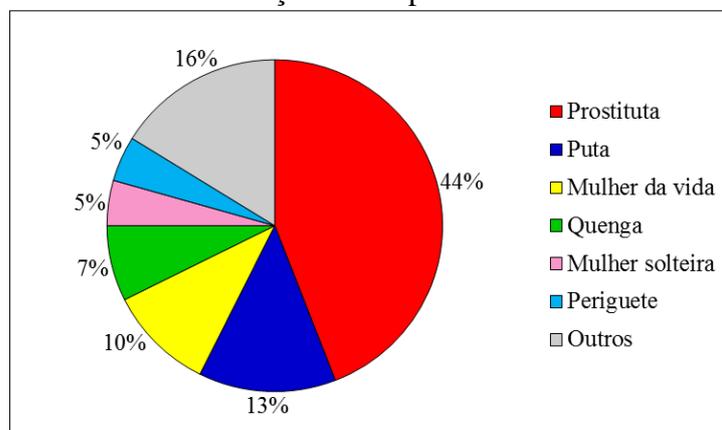
**Tabela 16** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*Prostituta*)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. <i>Prostituta</i>	43%	34%	50%	50%	33%	50%	37%	26%	32%	57%
2. <i>Puta</i>	-	22%	-	12%	22%	25%	18%	26%	17%	14%
3. <i>Mulher da vida</i>	14%	22%	-	12%	11%	-	-	12%	-	14%
4. <i>Quenga</i>	-	-	-	26%	-	-	9%	12%	17%	-
5. <i>Mulher Solteira</i>	-	11%	-	-	-	-	9%	12%	-	-
6. <i>Periguete</i>	-	-	-	-	11%	-	9%	-	17%	-
7. <i>Cachorra</i>	-	-	-	-	-	-	9%	-	-	-
8. <i>Rapariga</i>	-	-	25%	-	-	-	9%	-	-	-
9. <i>Babilônia</i>	-	-	-	-	11%	-	-	-	-	-
10. <i>Depravada</i>	-	-	25%	-	-	-	-	-	-	-
11. <i>Meretriz</i>	-	-	-	-	-	25%	-	-	-	-
12. <i>Mulher de Programa</i>	29%	-	-	-	-	-	-	-	-	-
13. <i>Garota de Programa</i>	-	11%	-	-	-	-	-	-	-	-
14. <i>Safada</i>	-	-	-	-	-	-	-	12%	-	-
15. <i>Oferecida</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	17%	-
16. <i>Piranha</i>	14%	-	-	-	-	-	-	-	-	-
17. <i>Ploque</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14%
18. <i>Vagabunda</i>	-	-	-	-	11%	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Diante da tabela 16 e da carta L10 abaixo, percebe-se que a variante *prostituta* se destaca em todos os pontos de inquéritos. A variante *puta* também se apresenta em quase todos, com exceção dos pontos 01 e 03. Já *mulher da vida* aparece nos pontos 01, 02, 04, 05, 08 e 10. Enquanto *quenga* se destaca no ponto 04, com 26% de frequência. *Mulher solteira* aparece nos pontos 02, 07 e 08. Outra variante que também se destacou foi *periguete*, nos pontos 05, 07 e 09. As demais ocorrem com frequências mínimas, conforme visualizamos no gráfico 10.

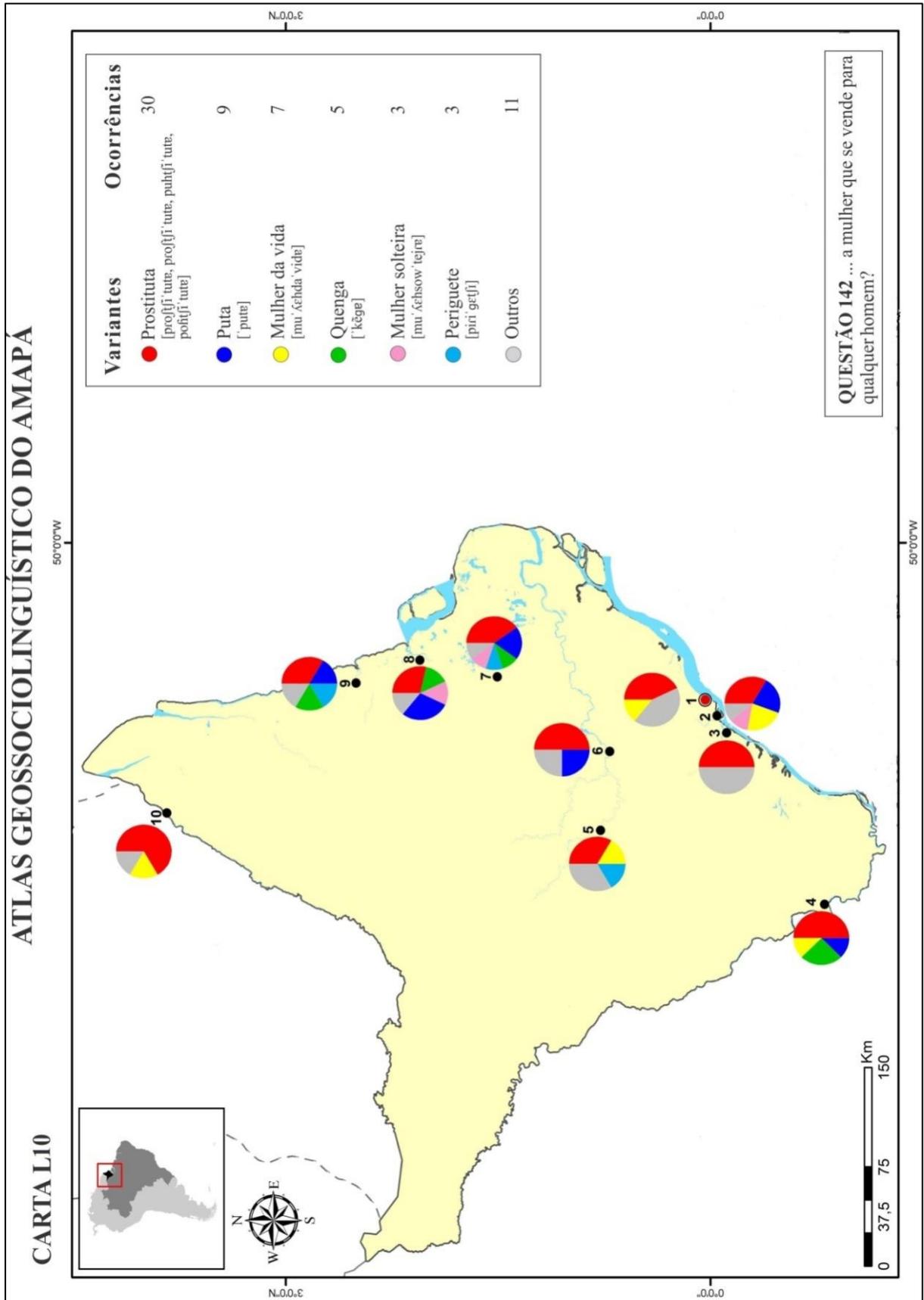
**Gráfico 10** – Realização em % para o item *Prostituta* no Amapá



Fonte: Elaborada pelo autor.

O gráfico 10 mostra que *prostituta* é a variante predominante falada no estado do Amapá com 44% de frequência, seguida de *puta*13%, *mulher da vida*10%, *quenga* 7%, *mulher solteira*5%, *periguete* 5% e *outros* que somam 16% de frequência.

Carta L10 – Item *prostituta*



Fonte: Elaborada pelo autor.

O item *xará*, referente à pergunta 143, buscou registrar as designações para *pessoa que tem o mesmo nome da gente*. Assim, foram registradas cinco variantes: *xará*, *xêra*, *chegado*, *conterrâneo* e *sósia*. A tabela abaixo destaca esses usos.

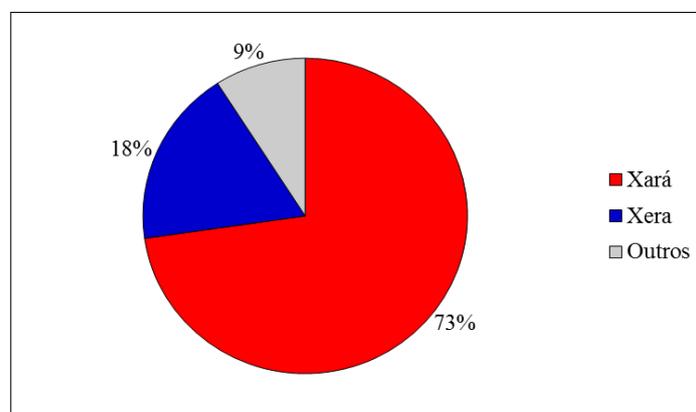
**Tabela 17** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*xará*).

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. <i>Xará</i>	100%	33%	67%	100%	75%	75%	100%	75%	50%	50%
2. <i>Xêra</i>	-	67%	33%	-	-	25%	-	-	50%	25%
3. <i>Chegado</i>	-	-	-	-	-	-	-	25%	-	-
4. <i>Conterrâneo</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25%
5. <i>Sósia</i>	-	-	-	-	25%	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

A tabela 17 e a carta L11 abaixo mostram que *xará* é a variante mais frequente em quase todos os pontos, com ocorrência de 100% de frequência nos pontos 01, 04 e 07. A variante *xêra* se apresenta nos pontos 02, 03, 06, 09 e 10, mas se destaca no ponto 02 com 67% de frequência. Já as variantes *chegado*, *conterrâneo* e *sósia* apresentam 25% de frequência, sendo a primeira no ponto 05, a segunda no ponto 08 e a terceira no ponto 10. A seguir o gráfico 11 retratando esses percentuais.

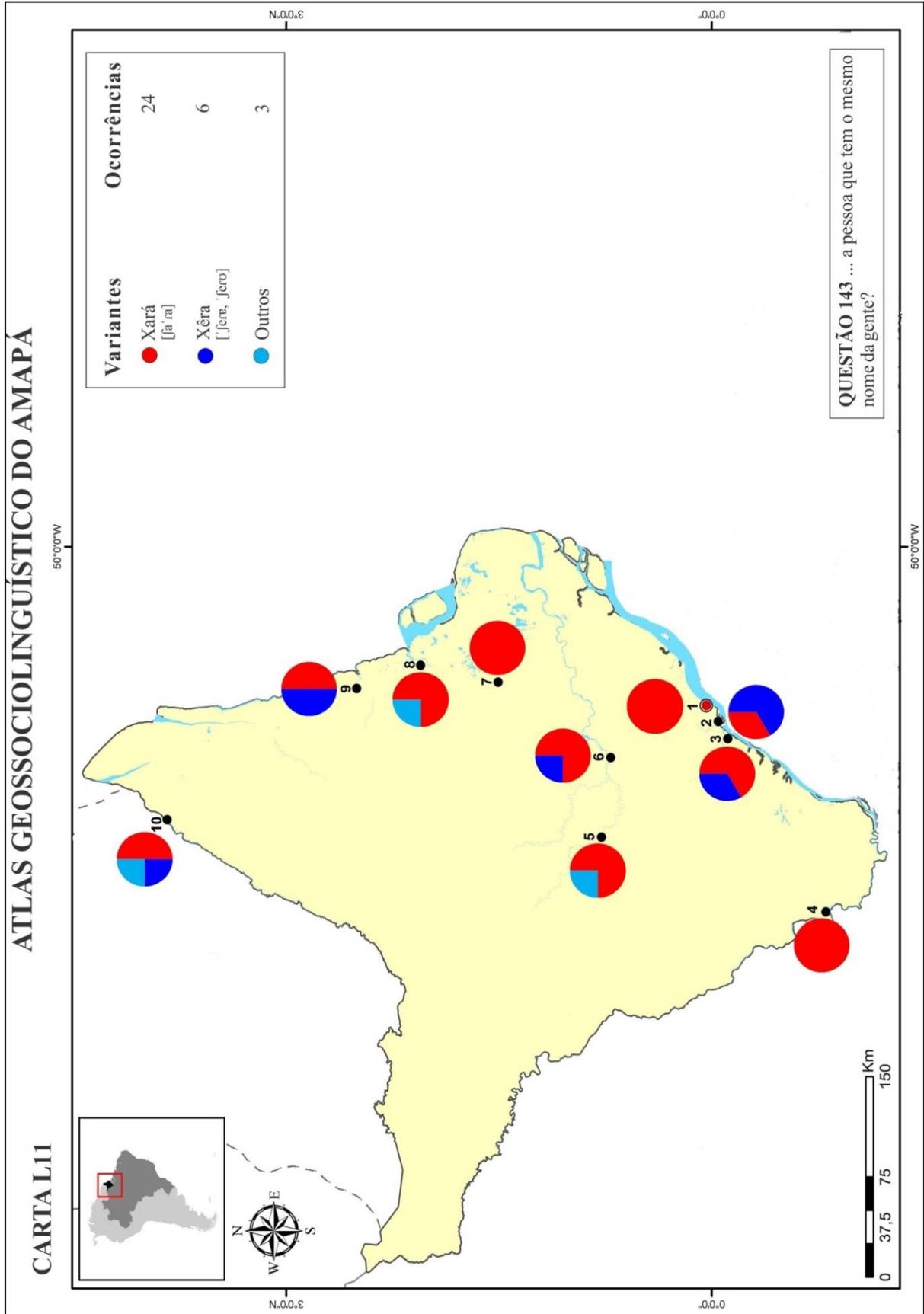
**Gráfico 11** – Realização em % para o item *xará*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como mostra o gráfico 11, *xará* corresponde à variante mais frequente no estado do Amapá, com 73% de uso; seguida de *xêra* com 18% e *outros* (*chegado*, *conterrâneo* e *sósia*) que somam 9%.

Carta L11 – Item *xará*



Fonte: Elaborada pelo autor.

O último item deste campo semântico refere-se à pergunta 145, *cigarro de palha*. Buscou-se saber junto aos informantes os nomes que se dão ao *cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão*. Deste modo, foram registradas seis variantes: *tabaco*, *porronca*, *charuto*, *cigarro de palha*, *trevo* e *ponta de borracha*, conforme retratadas na tabela seguinte.

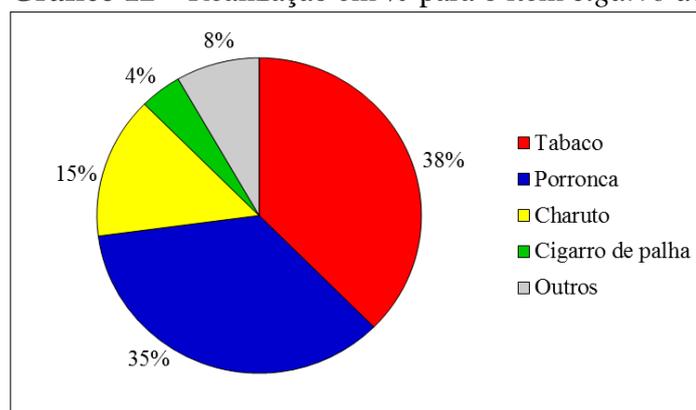
**Tabela 18** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*Cigarro de palha*).

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. <i>Tabaco</i>	50%	17%	-	33%	29%	-	33%	50%	40%	100%
2. <i>Porronca</i>	50%	32%	60%	33%	57%	25%	33%	50%	20%	-
3. <i>Charuto</i>	-	17%	20%	33%	14%	25%	17%	-	20%	-
4. <i>Cigarro de palha</i>	-	17%	-	-	-	50%	17%	-	20%	-
5. <i>Trevo</i>	-	-	20%	-	-	-	-	-	-	-
6. <i>Ponta de borracha</i>	-	17%	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

A tabela 18 e a carta L12 abaixo mostram que *tabaco* é a variante mais frequente nos pontos 09 e 10, ocorrendo neste último ponto com 100% de frequência. Em relação à variante *porronca*, esta ocorre em quase todos os pontos, exceto no ponto 10, e se destaca nos pontos 02, 03 e 05. Já a variante *charuto* ocorre com frequência nos pontos 02, 03, 04, 05, 06, 07 e 09. *Cigarro de palha* se destaca no ponto 06, com 50% de frequência. *Trevo* e *ponta de borracha* aparecem com frequências mínimas, sendo a primeira no ponto 02 e a segunda no ponto 03. No gráfico seguinte podemos visualizar esses usos.

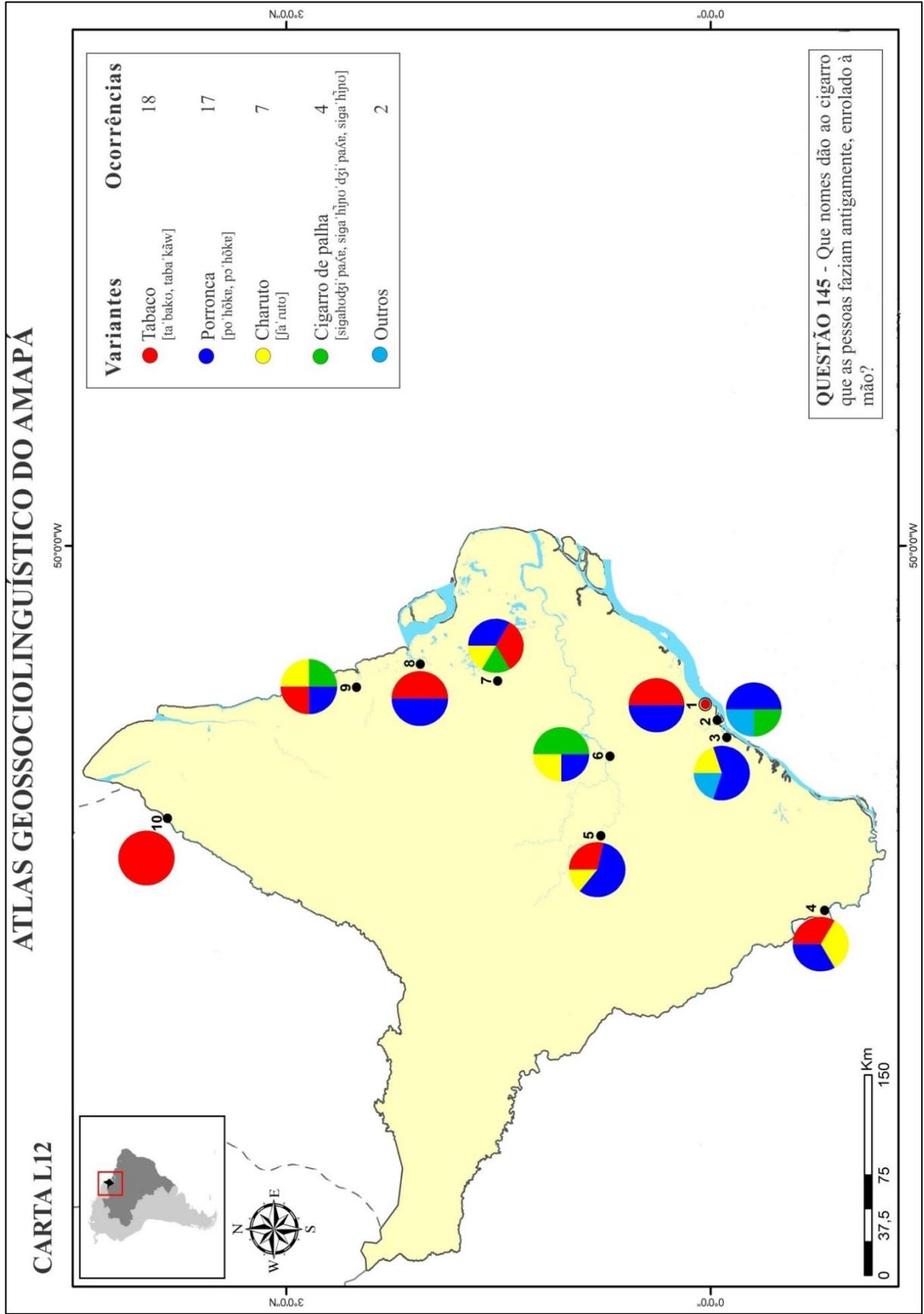
**Gráfico 12** – Realização em % para o item *cigarro de palha*



Fonte: Elaborada pelo autor.

O gráfico 12 aponta *tabaco* como a variante predominante falada no estado do Amapá, com 38%; seguida de *porronca* com 35%; *charuto* 15%; *cigarro de palha* 4% e *outros* (*trevo* e *ponta de borracha*) que totalizam 8% de frequência.

Carta L12 – Item *cigarro de palha*



Fonte: Elaborada pelo autor

## f) Jogos e diversões infantis

Para o campo semântico *jogos e diversões infantis* foram selecionados dois itens lexicais: *papagaio de papel* e *cambalhota*. O primeiro item corresponde à questão 155, *cambalhota*, em que se procurou saber as designações para *brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentando*. Para esta pergunta foram registradas cinco variantes: *carambela*, *cambalhota*, *mortal*, *pirueta* e *vira-vira*. Podemos observar a frequência de usos dessas variantes na tabela seguinte.

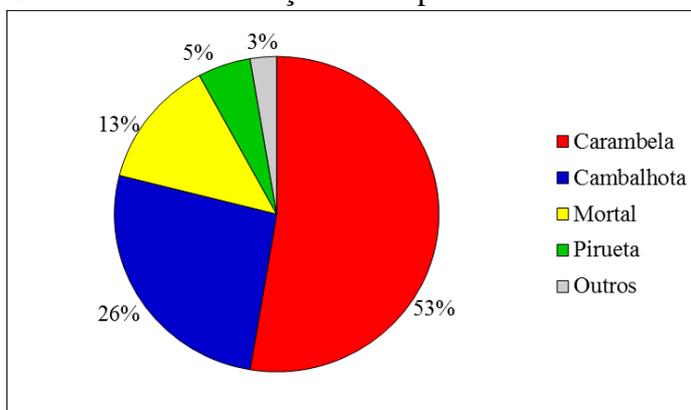
**Tabela 19** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*Cambalhota*)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
VARIANTES										
1. <i>Carambela</i>	33%	100%	100%	50%	17%	-	75%	75%	25%	75%
2. <i>Cambalhota</i>	33%	-	-	50%	50%	100%	25%	-	-	-
3. <i>Mortal</i>	-	-	-	-	33%	-	-	25%	50%	-
4. <i>Pirueta</i>	33%	-	-	-	-	-	-	-	-	25%
5. <i>Vira-vira</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	25%	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

A tabela 19 e carta L13 abaixo mostram que o termo *carambela* se apresenta em quase todos os pontos, exceto no ponto 06. Destacam-se os pontos 02 e 03 onde *carambela* aparece com 100% de frequência. *Cambalhota* se apresenta nos pontos 01, 04, 05, 06 e 07, onde se destaca no ponto 06 com 100% de realização. A variante *mortal* aparece nos pontos 05, 08 e 09, chegando a 50% no ponto 09, *pirueta* nos pontos 01 e 10 e *vira-vira* somente no ponto 09, sendo que estas duas últimas variantes ocorrem com frequências mínimas. Esses resultados estão refletidos no gráfico seguinte.

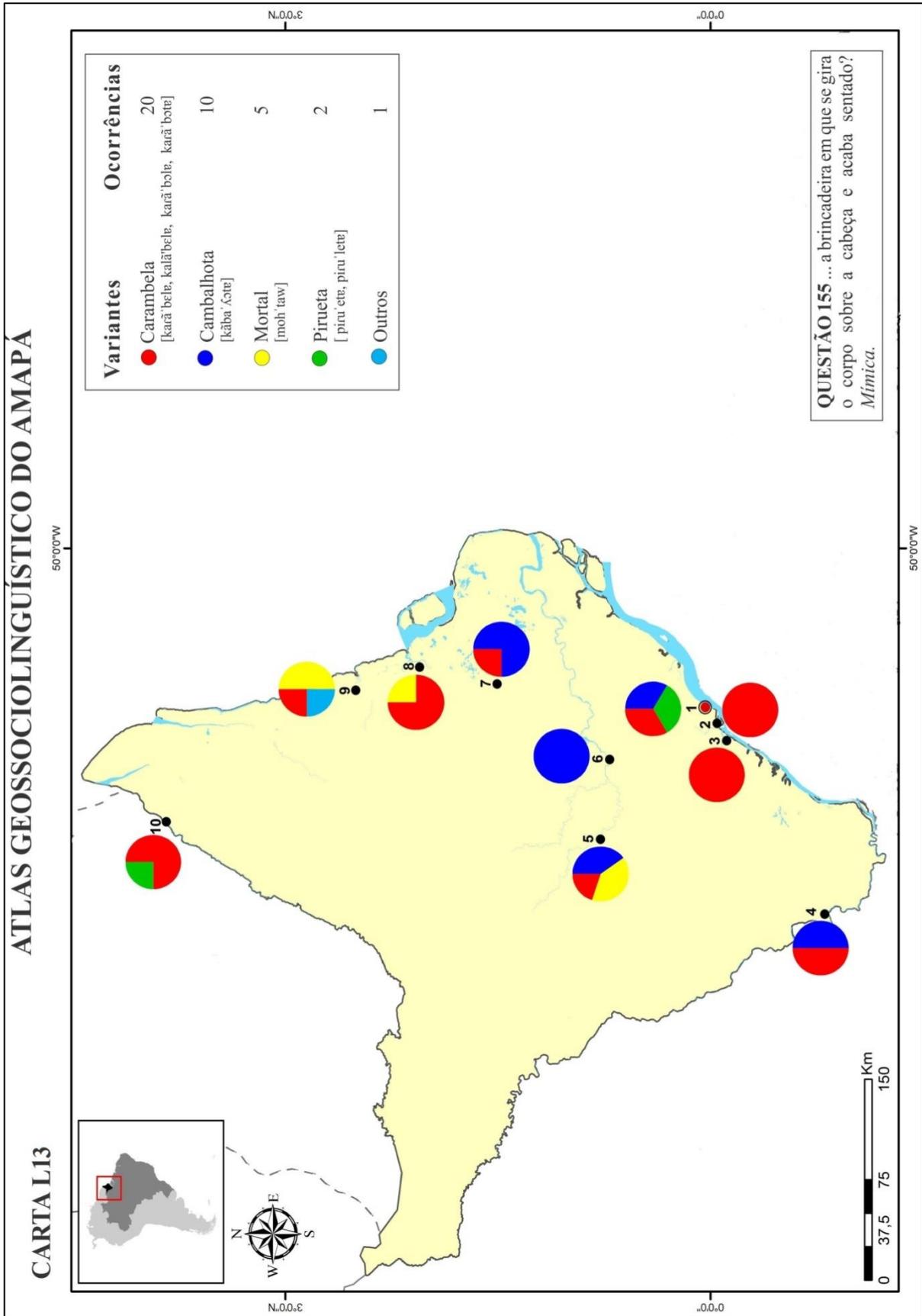
**Gráfico 13** – Realização em % para o item *cambalhota*



Fonte: Elaborada pelo autor.

O gráfico 13 apresenta *carambela* como variante predominante falada no Amapá, com 53% de frequência; seguida de *cambalhota* 26%; *mortal* 13%; *pirueta* 5% e *outros* (vira-vira) com 3%.

Carta L13 – Item *cambalhota*



Fonte: Elaborada pelo autor

O segundo item lexical deste campo semântico, corresponde à questão 158, *papagaio de papel*. Buscou-se saber como os informantes chamam para *aquele brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina ao vento por meio de uma linha*. As respostas obtidas foram: *papagaio*, *pipa*, *rabiola*, *curica*, *cangula* e *suru*, conforme destacado na tabela 20.

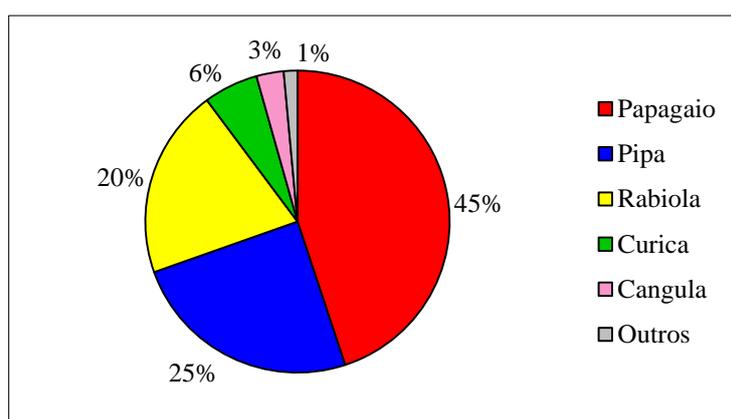
**Tabela 20** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*papagaio de papel*)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. <i>Papagaio</i>	33%	50%	67%	50%	37%	40%	40%	17%	50%	57%
2. <i>Pipa</i>	33%	12%	-	-	25%	60%	40%	50%	33%	14%
3. <i>Rabiola</i>	17%	-	33%	26%	25%	-	20%	33%	17%	29%
4. <i>Curica</i>	-	25%	-	12%	13%	-	-	-	-	-
5. <i>Cangula</i>	17%	13%	-	-	-	-	-	-	-	-
6. <i>Suru</i>	-	-	-	12%	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme a tabela 20 e a carta L14 abaixo observou-se que o uso da variante *papagaio* aparece em todos os pontos pesquisados. O termo *Pipa* ocorre em quase todos os pontos, exceto nos pontos 03 e 04. Assim como *pipa*, a variante *rabiola* também é constatada em quase todos, não havendo registros nos pontos 02 e 06. Já a variante *curica* aparece nos pontos 02, 04 e 05. *Cangula* nos pontos 01 e 02. E por último, *suru* que ocorre somente no ponto 04. O gráfico seguinte ilustra tais ocorrências.

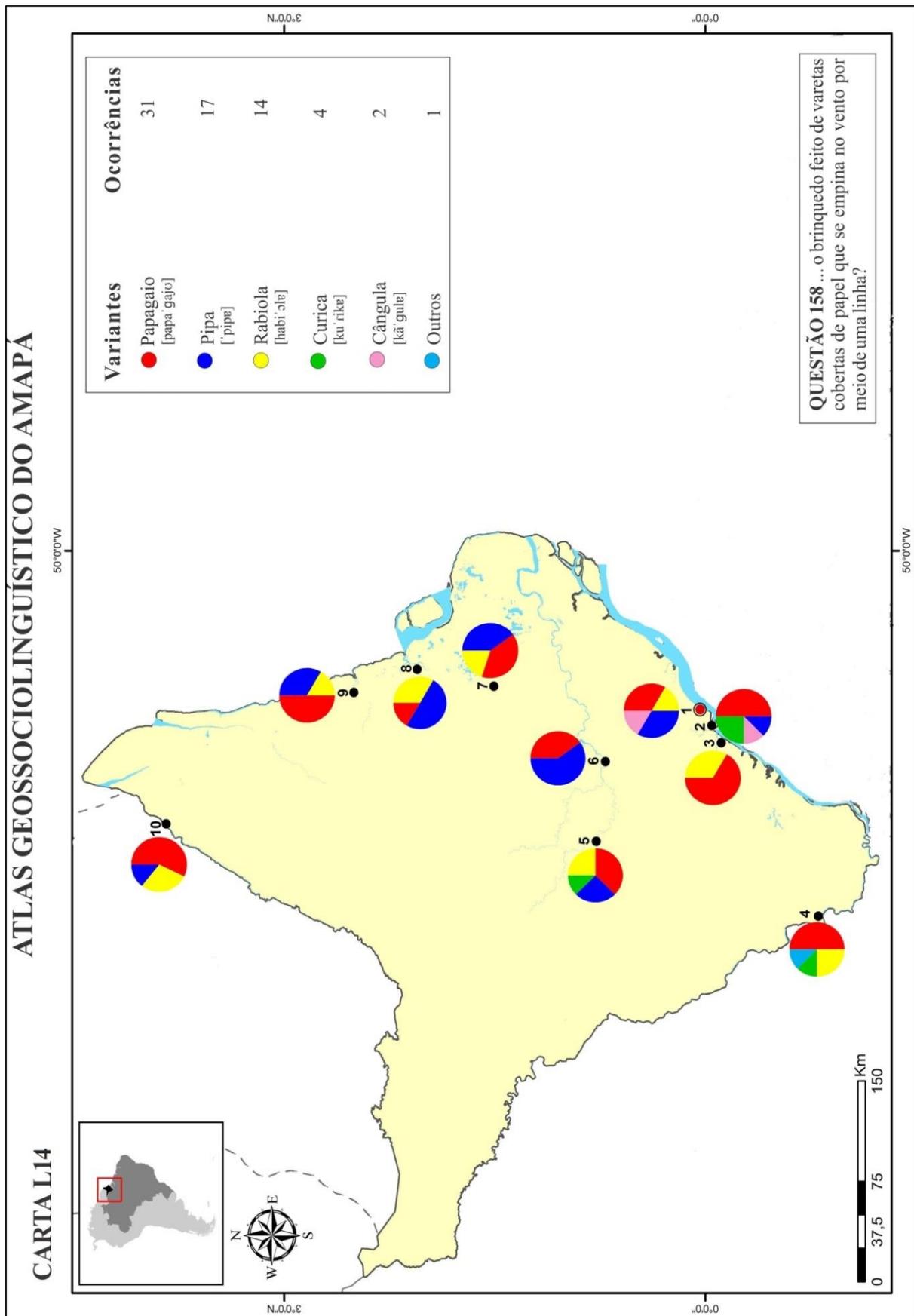
**Gráfico 14** – Realização em % para o item *papagaio de papel*



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico 14 apresenta *papagaio* como variante predominante falada no estado do Amapá, com 45% de frequência; seguida de *pipa* 25%; *rabiola* 20%; *curica* 6%; *cangula* 3% e *outros* (*suru*) com 1%.

Carta L14 – Item papagaio de papel



Fonte: Elaborada pelo autor.

### g) Vestuário e acessórios

O último campo semântico selecionado foi *vestuário e acessórios*, neste contemplamos apenas um item lexical: *ruge*. Para saber quais as denominações dadas ao referido item, perguntamos aos informantes como eles chamam para *aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas*. Como respostas, registramos seis variantes lexicais: *compacto, ruge, blush, maquiagem, creme* e *topázio*, as quais se encontram evidenciadas na tabela abaixo.

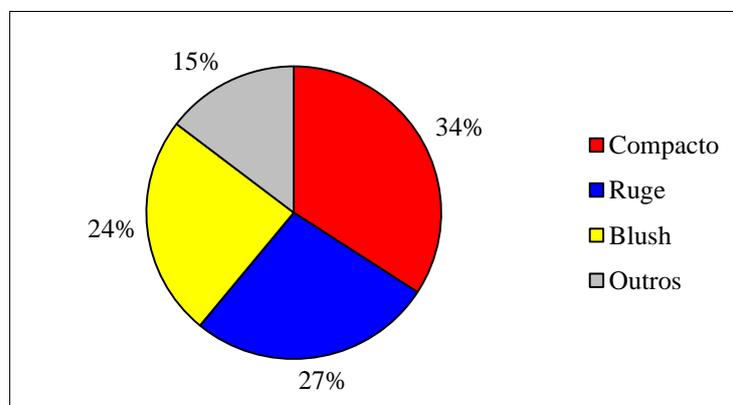
**Tabela 21** – Frequência das variantes lexicais por localidade (*ruge*)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>VARIANTES</b>										
1. <i>Compacto</i>	20%	40%	-	75%	25%	25%	40%	25%	50%	50%
2. <i>Ruge</i>	20%	40%	50%	-	25%	50%	40%	25%	-	-
3. <i>Blush</i>	40%	20%	25%	25%	25%	25%	20%	50%	-	25%
4. <i>Maquiagem</i>	20%	20%	25%	-	-	-	-	-	-	-
5. <i>Creme</i>	-	-	-	-	25%	-	-	-	-	25%
6. <i>Topázio</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	50%	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a tabela 21 e a carta L15 abaixo, a variante *compacto* é realizada em quase todos os pontos, exceto no ponto 03. Percebe-se que no ponto 04 esta variante ocorre com 75% de frequência. Em seguida tem-se *ruge* e *blush* que também ocorrem em quase todos os pontos, sendo que para o termo *ruge* não houve realizações nos pontos 04, 09 e 10, e para *blush* não houve realização no ponto 09. Já a variante *maquiagem* aparece nos pontos 01, 02 e 03. *Creme* nos pontos 05 e 10. E *topázio* no ponto 09. O gráfico 15 demonstra essas ocorrências.

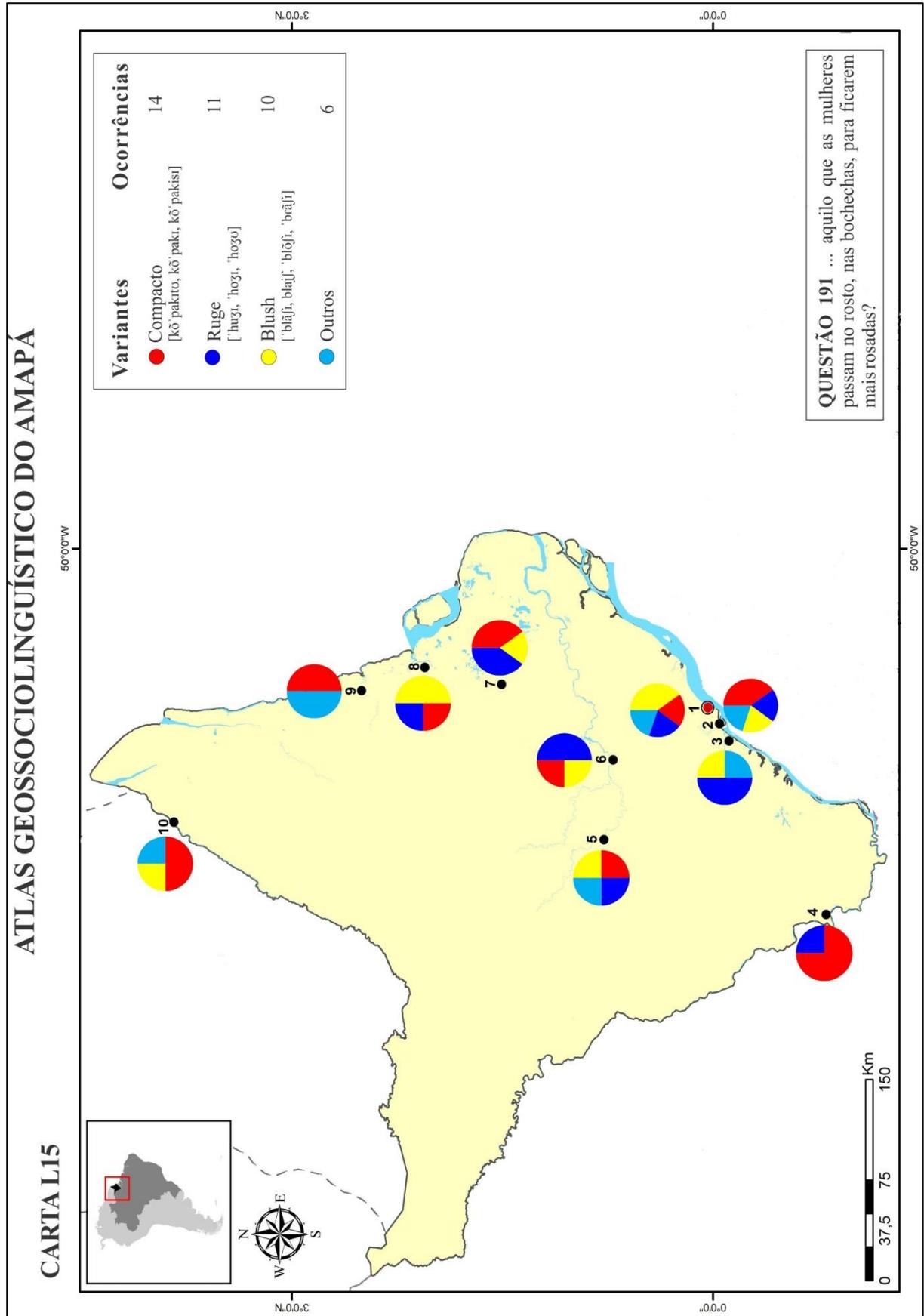
**Gráfico 15** – Realização em % para o item *ruge*



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico 15 mostra que *compacto* é a variante predominante falada no estado do Amapá com 34% de realização. Em seguida têm-se as variantes *ruge* com 27%; *blush* com 24% e *outras* (*maquiagem, creme e topázio*) que somam 15% de frequência.

Carta L15 – Item *ruge*



Fonte: Elaborada pelo autor.

## 4.2 ANÁLISE SOCIAL

A análise social dos dados lexicais coletados para o ALAP serão apresentados, a priori, em tabelas informando todas as variantes registradas, com suas frequências e ocorrências correspondentes à idade e ao sexo dos informantes. Em seguida, apresenta-se a análise social, contemplando apenas a variação diageracional e diagenérica. Para tal análise foram consideradas todas as respostas fornecidas pelos os informantes e não apenas a primeira resposta. Ressalta-se que dependendo do grau de representatividade das variáveis sociais (idade e sexo) serão elaboradas cartas linguísticas para apresentar a configuração social das variantes lexicais.

### a) Acidentes Geográficos

O primeiro item a ser analisado corresponde à *córrego/riacho*. Na tabela 22, em relação à dimensão diageracional, destacam-se as variantes *igarapé* e *lago*, em que a primeira aparece com 58% de realização na fala dos informantes inseridos na faixa etária II e 28% na faixa etária I. Já *lago*, ocorre com 28% nos de faixa etária I e 4% nos de faixa etária II. Isso nos leva a afirmar que os informantes mais velhos tendem a usar mais a variante *igarapé* e os mais novos optam por *lago* e demais variantes (*riacho*, *córrego*, *lagoa* etc.). Em relação à dimensão diagenérica, as variantes destacadas não mostram influência da variável sexo, exceto *lago* e *riacho* que aparecem com maior frequência na fala das mulheres, em comparação à dos homens. Já *córrego* se apresenta com maior frequência na fala dos homens, quando comparado à das mulheres.

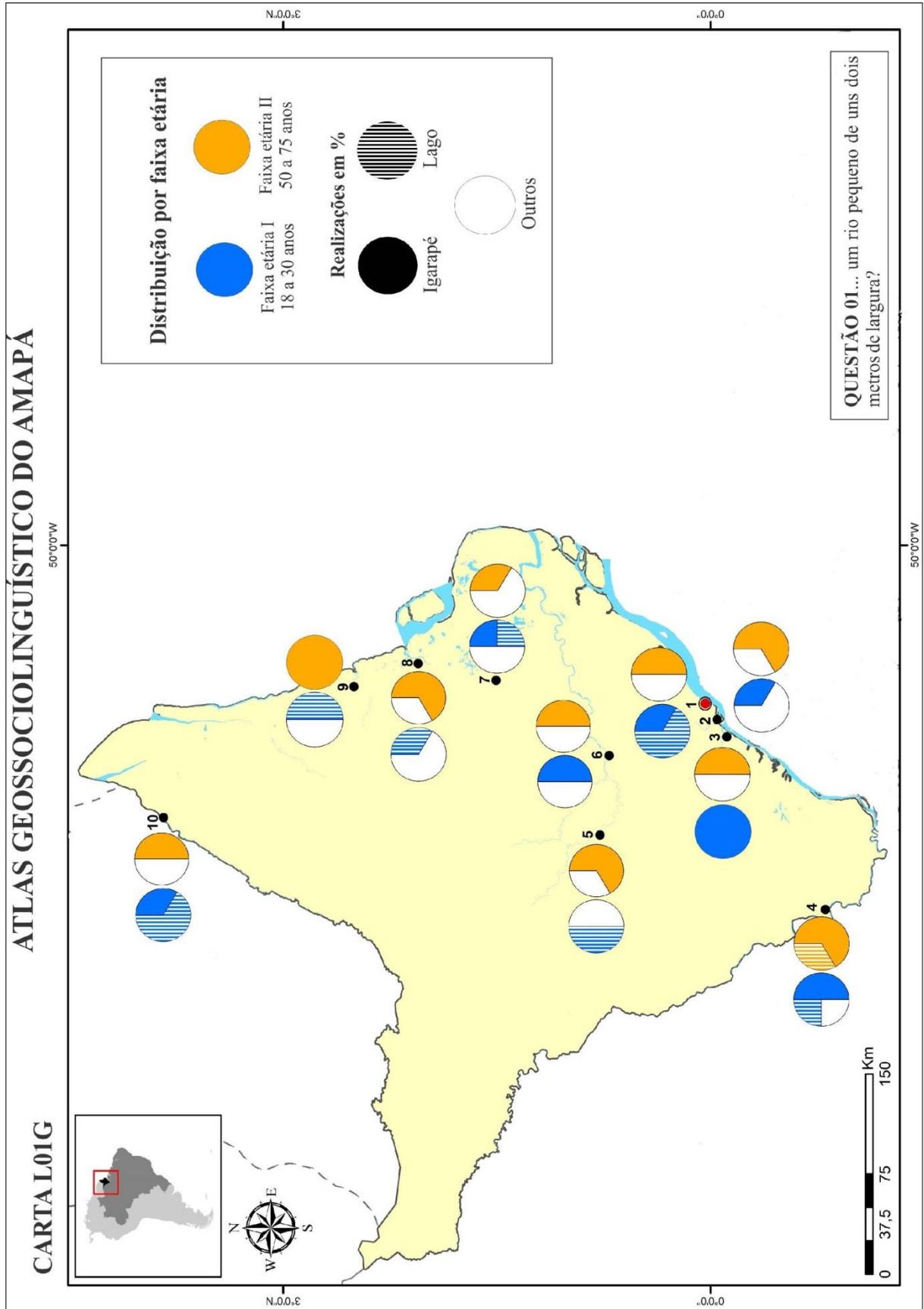
**Tabela 22** – Distribuição por variáveis sociais (*córrego/riacho*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Igarapé</i>	<b>28%</b>	<b>9</b>	<b>58%</b>	<b>15</b>	44%	12	41%	12
<i>Lago</i>	<b>28%</b>	<b>9</b>	<b>4%</b>	<b>1</b>	<b>11%</b>	<b>3</b>	<b>23%</b>	<b>7</b>
<i>Riacho</i>	16%	5	7%	2	<b>4%</b>	<b>2</b>	<b>17%</b>	<b>5</b>
<i>Córrego</i>	10%	3	15%	4	<b>22%</b>	<b>6</b>	<b>3%</b>	<b>1</b>
<i>Lagoa</i>	9%	3	4%	1	11%	3	3%	1
<i>Rio</i>	6%	2	4%	1	-	-	10%	3
<i>Grota</i>	3%	1	4%	1	4%	1	3%	1
<i>Enseada</i>	-	-	4%	1	4%	1	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

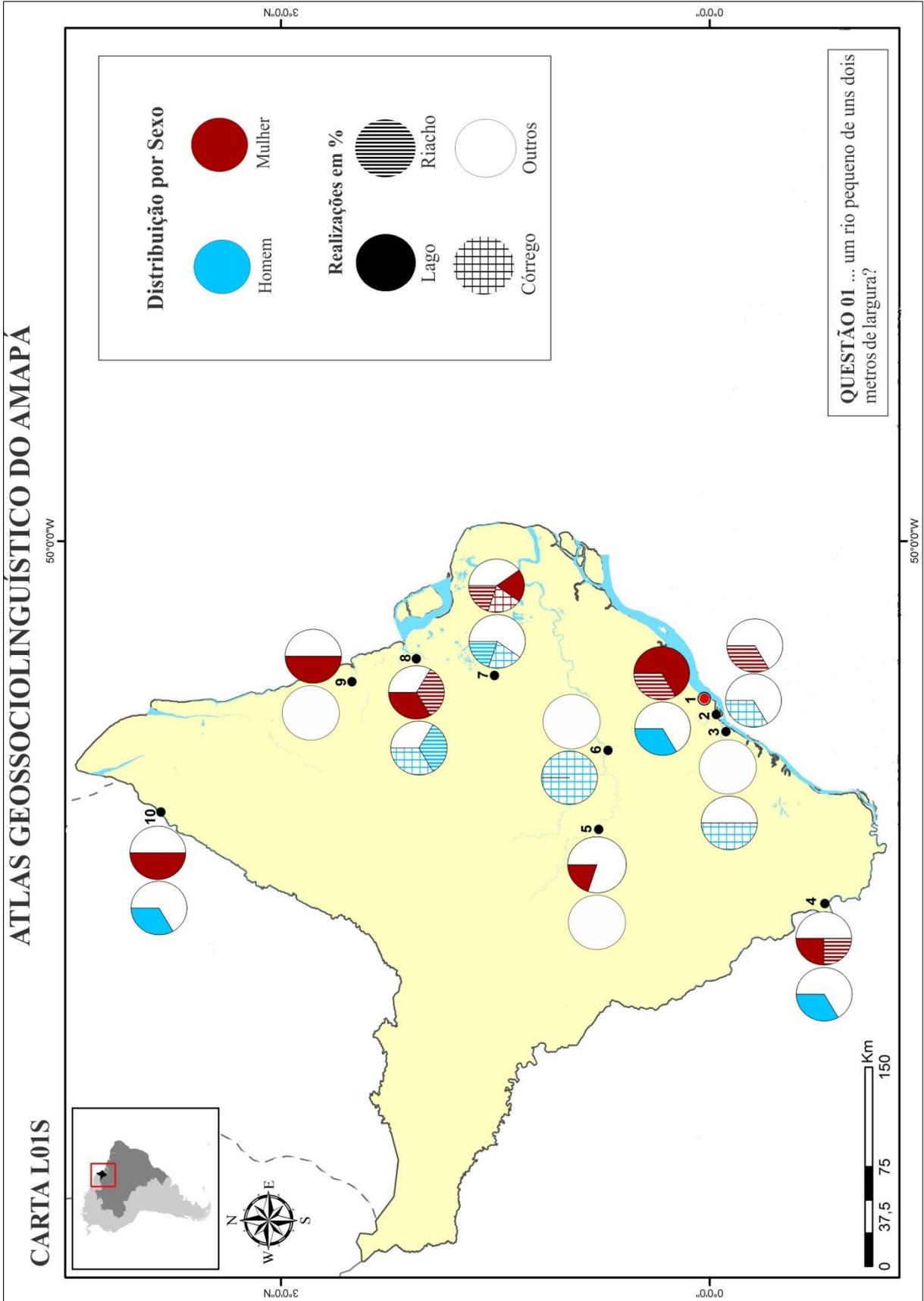
Para a elaboração da carta linguística de aspecto social, considerou-se a dimensão diageracional e diagenérica pela relevância dos dados (cf. tabela 22). Apresentam-se, a seguir, as cartas L01G e L01S. A primeira carta mostra a variação diageracional referente às variantes lexicais *igarapé* e *lago*. Já na segunda carta, apresenta-se a variação diagenérica referente às variantes *lago*, *riacho* e *córrego*.

Carta L01G – Item córrego/riacho



Fonte: Elaborada pelo autor.

Carta L01S – Item *córrego/riacho*



Fonte: Elaborada pelo autor.

## b) Fenômenos Atmosféricos

Para o item *orvalho/sereno*, no que tange à variação diageracional, observa-se, na tabela 23, que as variantes *sereno* e *neblina* são as que mais se destacam. A primeira apresenta 33% de frequência nos informantes de faixa etária I e 77% nos de faixa etária II. Já a segunda, aparece com 43% de realização na fala dos informantes de faixa etária I e 13% nos de faixa etária II. Esses dados mostram que a variante *sereno* é mais usual na fala de pessoas mais idosas e *neblina* na fala de pessoas mais jovens. Em relação à variação diagenérica, constata-se que não há variabilidade, de forma representativa, da variável sexo, devido ao baixo número de ocorrências registradas em todas as variantes lexicais.

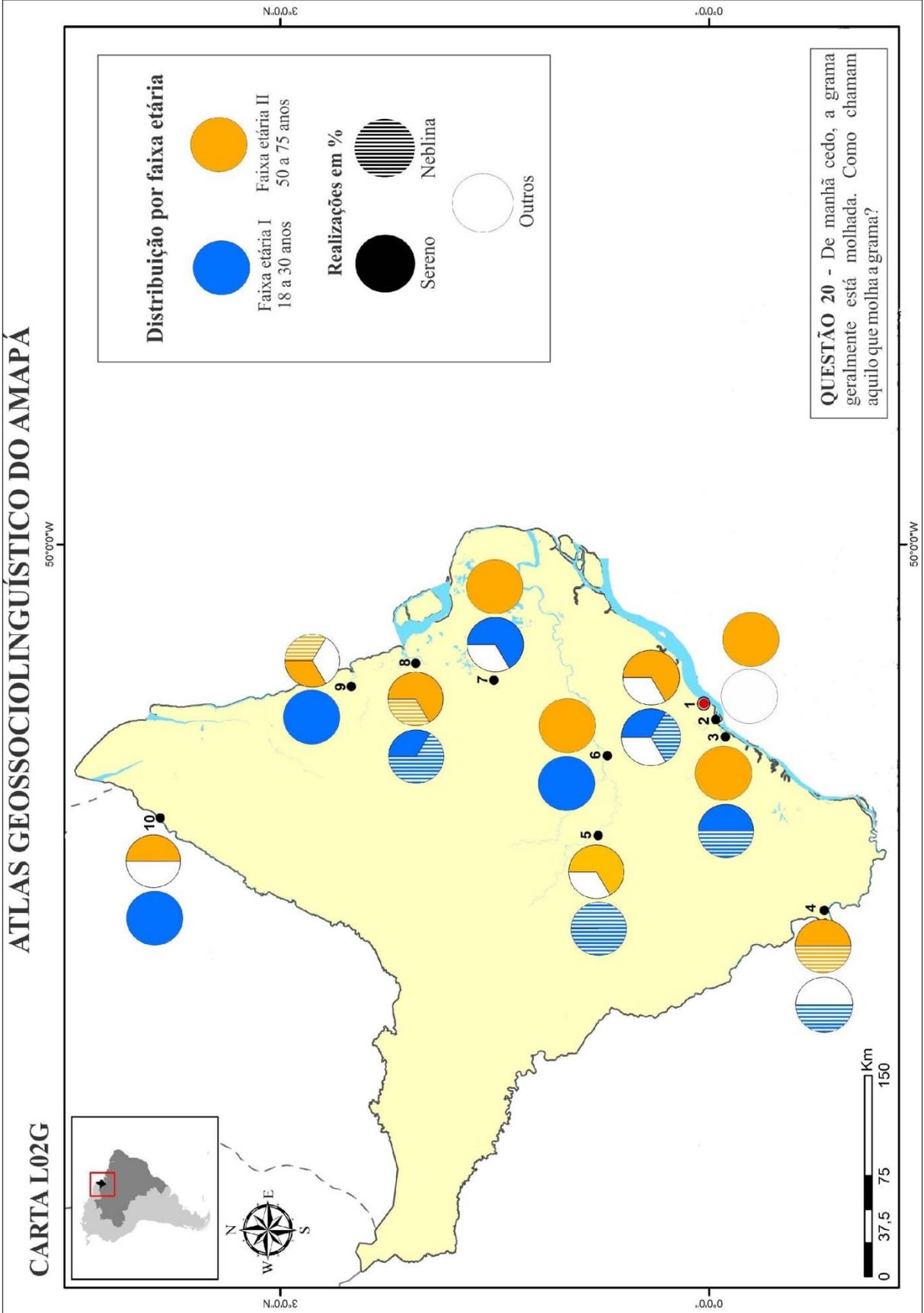
**Tabela 23** – Distribuição por variáveis sociais (*orvalho/sereno*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Sereno</i>	33%	7	71%	17	48%	12	52%	12
<i>Neblina</i>	43%	9	13%	3	45%	9	22%	5
<i>Neve</i>	14%	3	4%	1	15%	3	5%	1
<i>Orvalho</i>	5%	1	8%	2	5%	1	13%	3
<i>Vento norte</i>	-	-	4%	1	-	-	4%	1
<i>Nevoada</i>	5%	1	-	-	-	-	4%	1

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para a exposição da carta linguística de aspecto social do item em análise, considerou-se apenas a variação diageracional por apresentar dados relevantes a serem cartografados. Vê-se exposta, abaixo, a carta L02G, correspondente à variação diageracional.

Carta L02G – Item orvalho/sereno



Fonte: Elaborada pelo autor.

O item *nevoeiro/cerração/neblina*, conforme a tabela 24, mostra que as variantes que se destacam, em relação à variação diageracional, são *neblina* e *neve*. A primeira aparece com 80% de frequência na fala dos informantes de faixa etária I e 57% na fala dos de faixa etária II. A segunda variante aparece com 5% na fala de informantes de faixa etária I e 31% na fala dos de faixa etária II. Sobre a variação diagenérica, os dados mostram que não há variabilidade, ocorrendo independentemente da variável sexo.

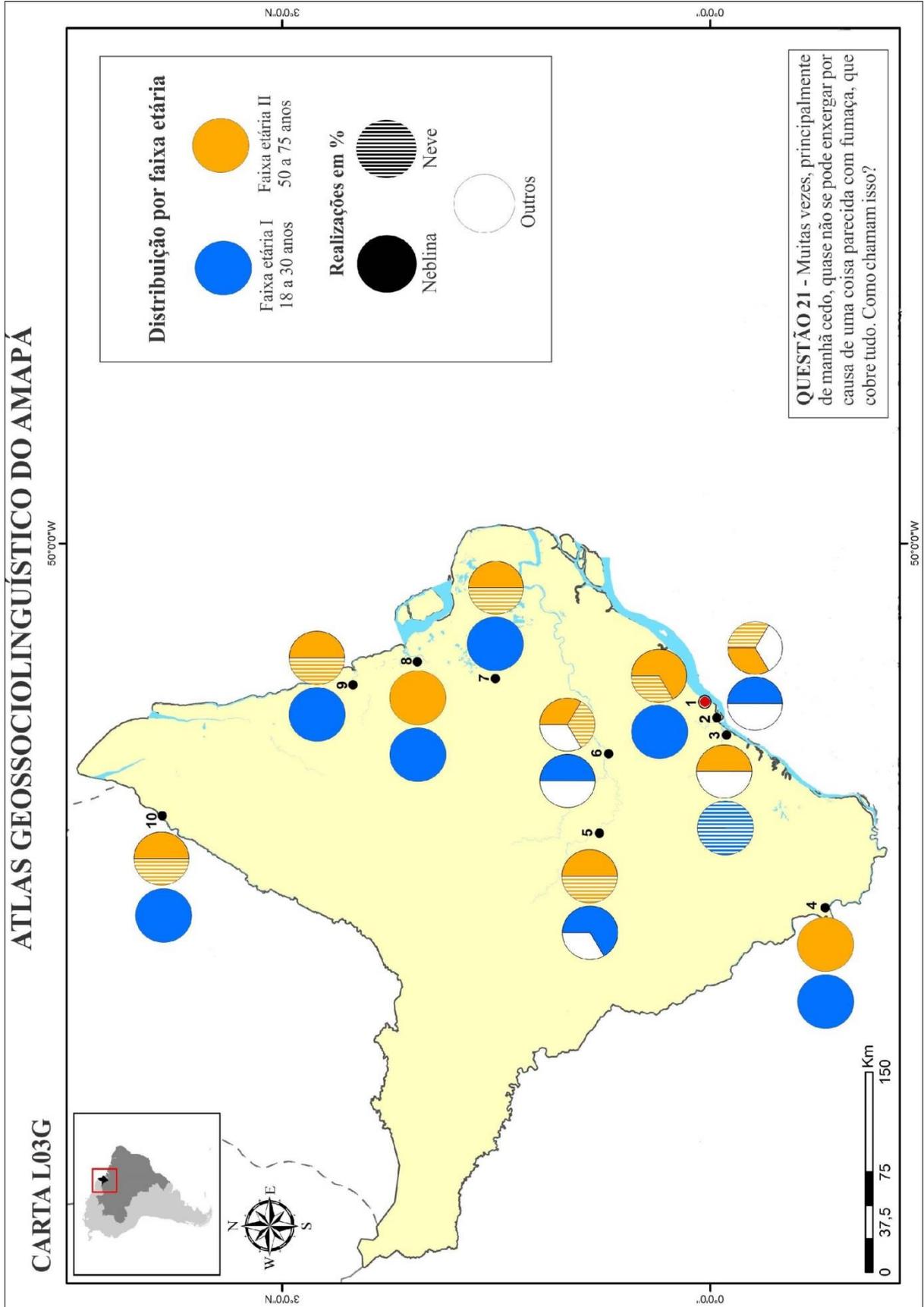
**Tabela 24** – Distribuição por variáveis sociais (*nevoeiro/cerração/neblina*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Neblina</i>	<b>80%</b>	<b>15</b>	<b>57%</b>	<b>13</b>	64%	16	71%	15
<i>Neve</i>	<b>5%</b>	<b>1</b>	<b>31%</b>	<b>7</b>	20%	5	19%	4
<i>Sereno</i>	5%	1	4%	1	4%	1	5%	1
<i>Fumaça</i>	5%	1	-	-	4%	1	-	-
<i>Nuvem</i>	-	-	4%	1	-	-	5%	1
<i>Nevoeiro</i>	5%	1	-	-	4%	1	-	-
<i>Orvalho</i>	-	-	4%	1	4%	1	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para a cartografia do item em questão, não foi considerada a dimensão diagenérica por não apresentar variabilidade de forma representativa. Atenta-se somente para a variação diageracional das variantes *neblina* e *neve*, conforme a carta L03G a seguir.

Carta L03G – Item nevoeiro/cerração/neblina



Fonte: Elaborada pelo autor.

### c) Atividades agropastoris

Para o campo semântico *atividades agropastoris*, foi selecionado o item *ponta roxa no cacho da banana*. Diante da análise social, constatou-se na tabela 25 que a variação diageracional passa a ser mais relevante do que a variação diagenérica. Registra-se *mangará* como a única variante lexical que se destaca em relação à faixa etária dos informantes, pois se verifica que há um maior número de ocorrências na fala dos falantes da faixa etária II do que os da faixa etária I. Em relação às demais variantes, por serem pouco produtivas, não foi possível identificar a variação diageracional e a diagenérica.

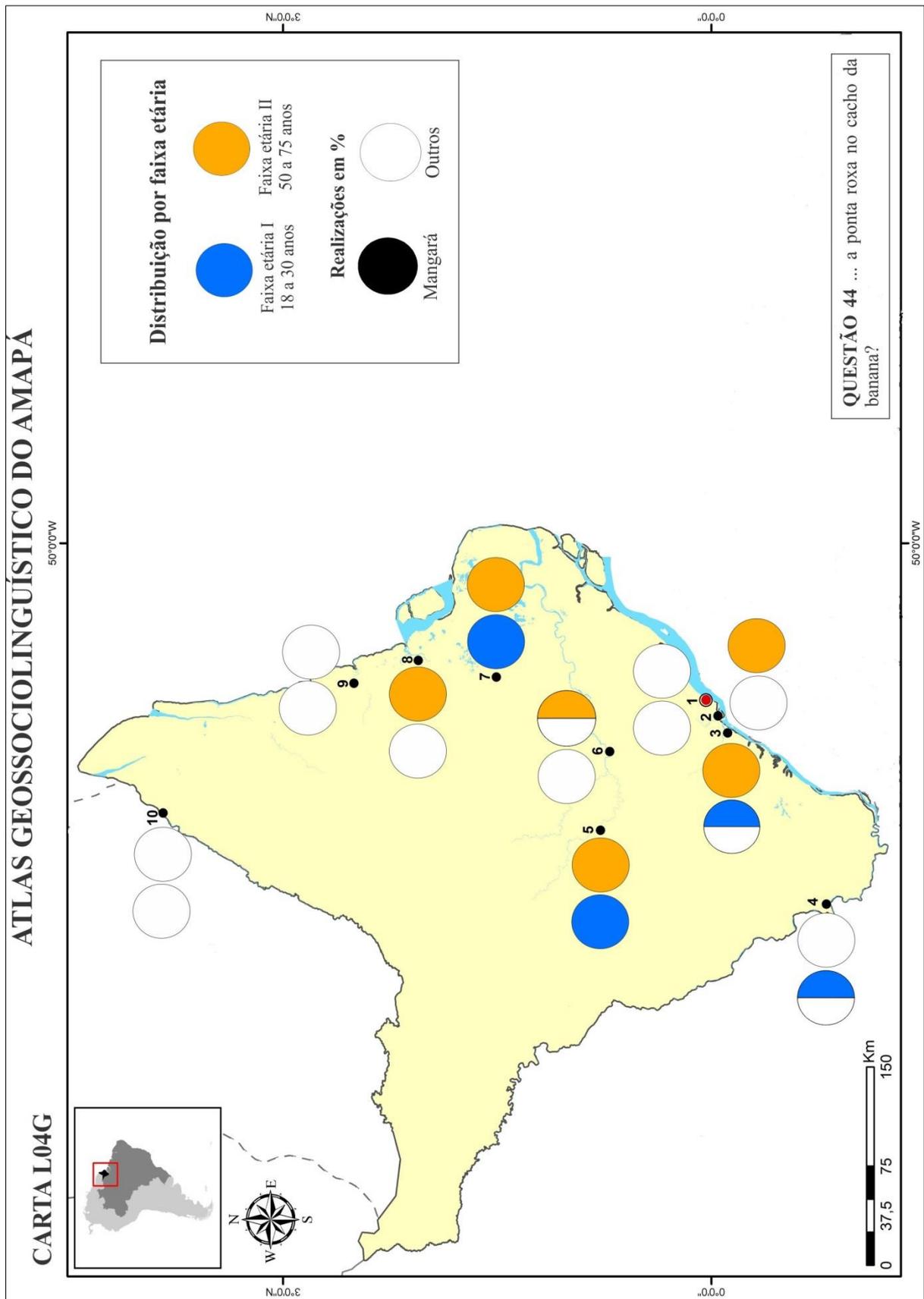
**Tabela 25** – Distribuição por variáveis sociais (*ponta roxa no cacho da banana*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Mangará</i>	<b>62%</b>	<b>5</b>	<b>61%</b>	<b>11</b>	68%	9	54%	7
<i>Talo</i>	13%	1	11%	2	-	-	22%	3
<i>Umbigo</i>	25%	2	-	-	8%	1	8%	1
<i>Coração</i>	-	-	5%	1	8%	1	-	-
<i>Mará</i>	-	-	5%	1	8%	1	-	-
<i>Garço</i>	-	-	5%	1	-	-	8%	1
<i>Mangarata</i>	-	-	5%	1	-	-	8%	1
<i>Broca</i>	-	-	5%	1	8%	1	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como forma de configurar a variação diageracional da variante *mangará*, elaborou-se a carta L04G seguinte.

Carta L04G – Item ponta roxa no cacho da banana



#### d) Fauna

Para a análise social deste campo semântico, foram selecionados os itens *galinha-d'angola*, *gambá*, *libélula* e *pernilongo*. Em relação ao item *galinha-d'angola*, a tabela 26 mostra certa tendência à variação diageracional. As variantes que mais se destacam são *picote* e *galinha-d'angola*, as demais ocorrem com frequências mínimas. A variante *picote* ocorre com 50% de frequência na fala de informantes de faixa etária I e 75% nos de faixa etária II. Já *galinha-d'angola* ocorre com 25% na fala dos informantes de faixa etária I e nenhuma ocorrência nos de faixa etária II. Em relação à variação diagenérica, não foi registrada nenhuma representatividade significativa no que diz respeito ao número de ocorrências. A tabela 26 registra o percentual desses usos.

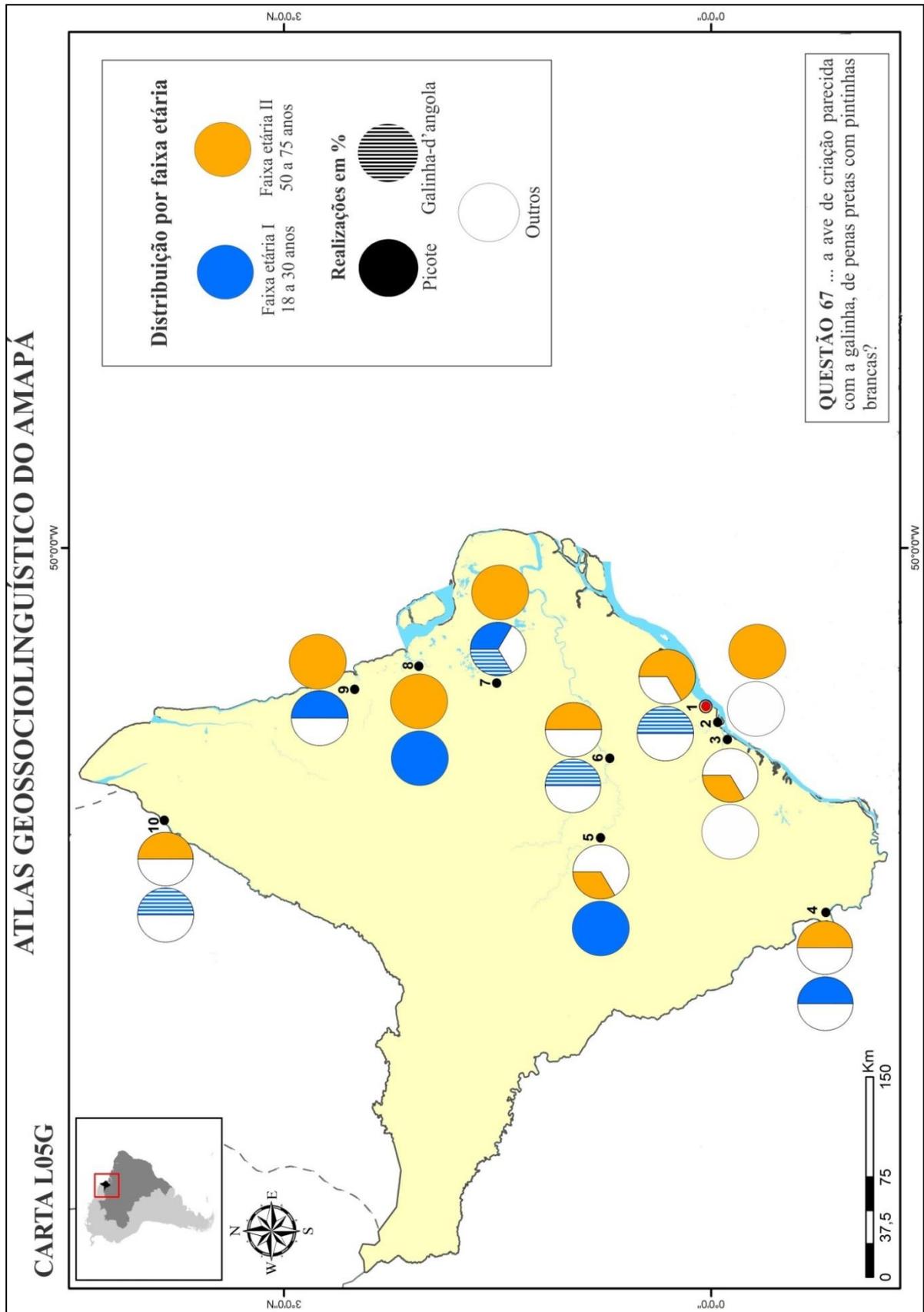
**Tabela 26** – Distribuição por variáveis sociais (*galinha-d'angola*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Picote</i>	<b>50%</b>	<b>8</b>	<b>75%</b>	<b>15</b>	67%	12	68%	13
<i>Galinha- d'angola</i>	<b>25%</b>	<b>4</b>	-	-	13%	2	5%	1
<i>Picota</i>	13%	2	5%	1	5%	1	11%	2
<i>Capote</i>	6%	1	10%	2	5%	1	11%	2
<i>Gajé</i>	-	-	5%	1	5%	1	-	-
<i>Nuplím</i>	-	-	5%	1	5%	1	-	-
<i>Nambú</i>	6%	1	-	-	-	-	5%	1

Fonte: Elaborada pelo autor.

A carta L05G seguinte aponta a variação diageracional para *galinha-d'angola*, constatada na tabela 22. Foram selecionadas apenas duas variantes: *picote* e *galinha-d'angola*, das quais *picote* ocorre mais na fala de falantes da faixa etária II e *galinha-d'angola* em falantes da faixa etária I.

Carta L05G – Item galinha-d’angola



Para o item *gambá*, constatou-se na tabela 27, que a variação diageracional novamente passa a ser mais significativa do que a variação diagenérica. Observa-se que as variantes *gambá* e *mucura* estão demarcadas socialmente em relação à idade, pois os informantes da faixa etária I fazem uso predominante da variante *gambá*, com 85% de frequência, enquanto os da faixa etária II utilizam tanto *gambá*, com 52%, quanto *mucura*, com 48% de frequência. Em relação à variação diagenérica, os dados não mostram variabilidade de forma representativa, pois tanto os homens quanto as mulheres utilizam ambas as formas indistintamente.

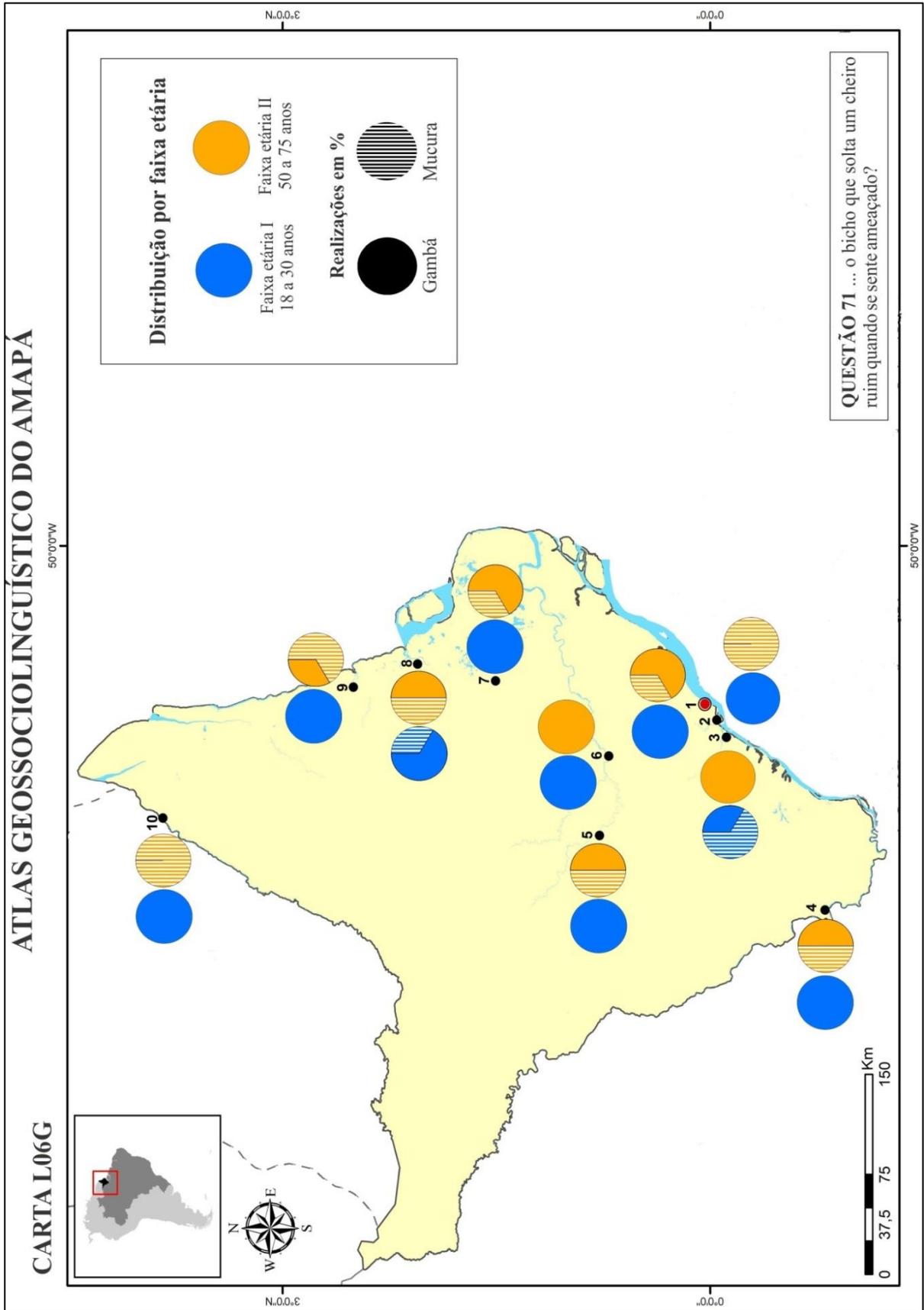
**Tabela 27** – Distribuição por variáveis sociais (*gambá*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Gambá</i>	<b>85%</b>	<b>17</b>	<b>52%</b>	<b>12</b>	65%	15	70%	14
<i>Mucura</i>	<b>15%</b>	<b>3</b>	<b>48%</b>	<b>11</b>	35%	8	30%	6

Fonte: Elaborada pelo autor.

A carta L06G, retratada adiante, mostra a configuração da variação diageracional nos pontos pesquisados. Pela invariabilidade dos dados relacionados à variável sexo, não foi elaborada uma carta linguística específica para a variação diagenérica.

Carta L06G – Item *gambá*



Na análise social do item *libélula*, configura-se uma tendência à variação diageracional e diagenérica. Conforme a tabela 28, observa-se que as variantes *jacinta*, *libélula* e *cigarra* são influenciadas pelas variáveis idade e sexo. Em relação à variação diageracional, *jacinta*, *libélula* e *cigarra* tendem a ser mais usadas por pessoas mais jovens, uma vez que a variante *jacinta* ocorre com 27%, *libélula* com 37% e *cigarra* com 26%. Para a variação diagenérica, duas variantes se destacaram, *jacinta* e *libélula*. Percebe-se que os homens tendem a usar mais a variante *jacinta* enquanto as mulheres preferem a variante *libélula*. A variante *cigarra*, destacada anteriormente como influente para a variação diageracional, mostra-se estável, tendo o mesmo número de ocorrências entre homens e mulheres.

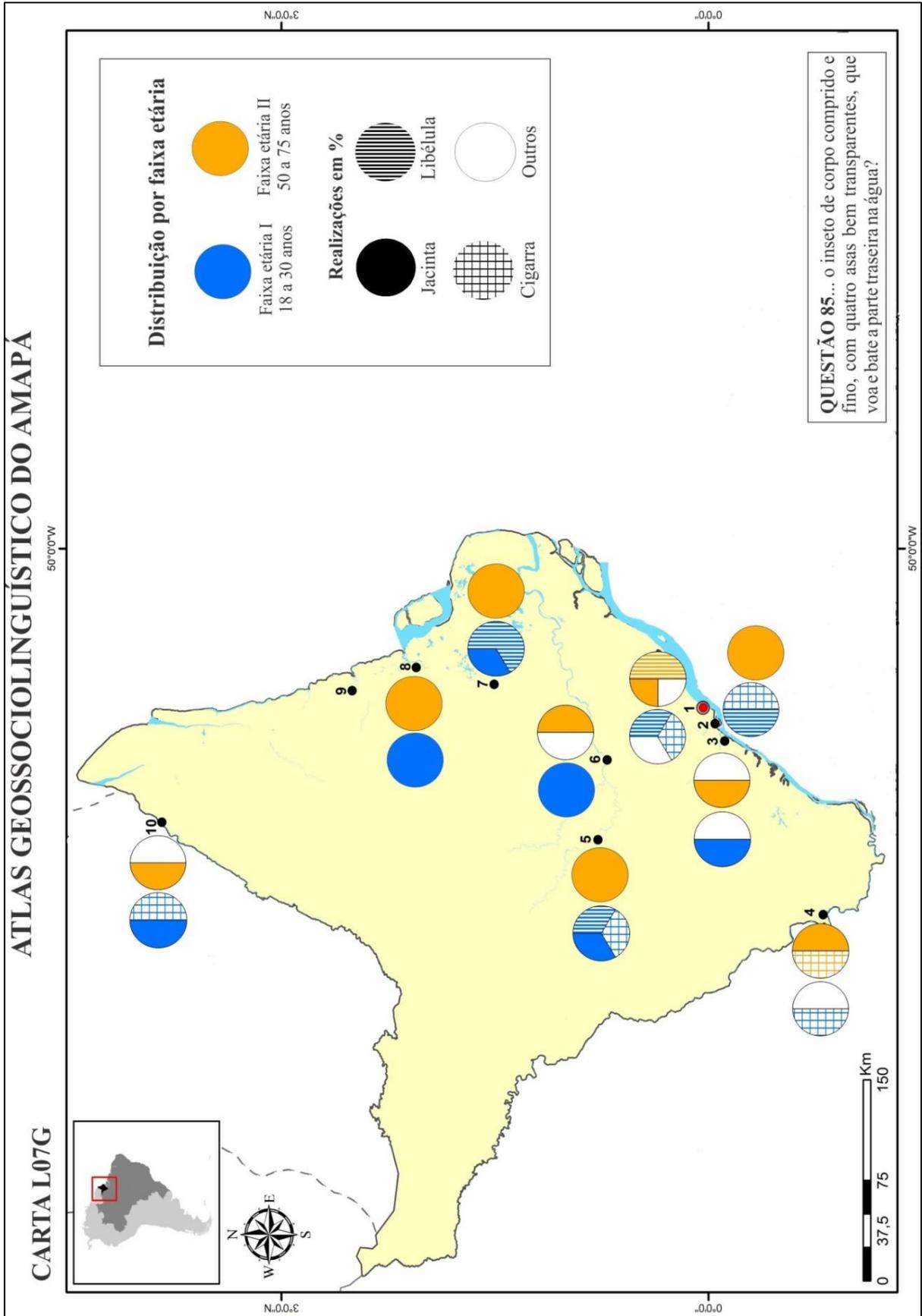
**Tabela 28** – Distribuição por variáveis sociais (*libélula*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Jacinta</i>	<b>27%</b>	<b>15</b>	<b>67%</b>	<b>12</b>	<b>61%</b>	<b>11</b>	<b>33%</b>	<b>6</b>
<i>Libélula</i>	<b>37%</b>	<b>7</b>	<b>18%</b>	<b>3</b>	<b>17%</b>	<b>3</b>	<b>33%</b>	<b>6</b>
<i>Cigarra</i>	<b>26%</b>	<b>5</b>	<b>5%</b>	<b>1</b>	17%	3	16%	3
<i>Jacina</i>	5%	1	5%	1	5%	1	6%	1
<i>Cigana</i>	5%	1	-	-	-	-	6%	1
<i>Gafanhoto</i>	-	-	5%	1	-	-	6%	1

Fonte: Elaborada pelo autor.

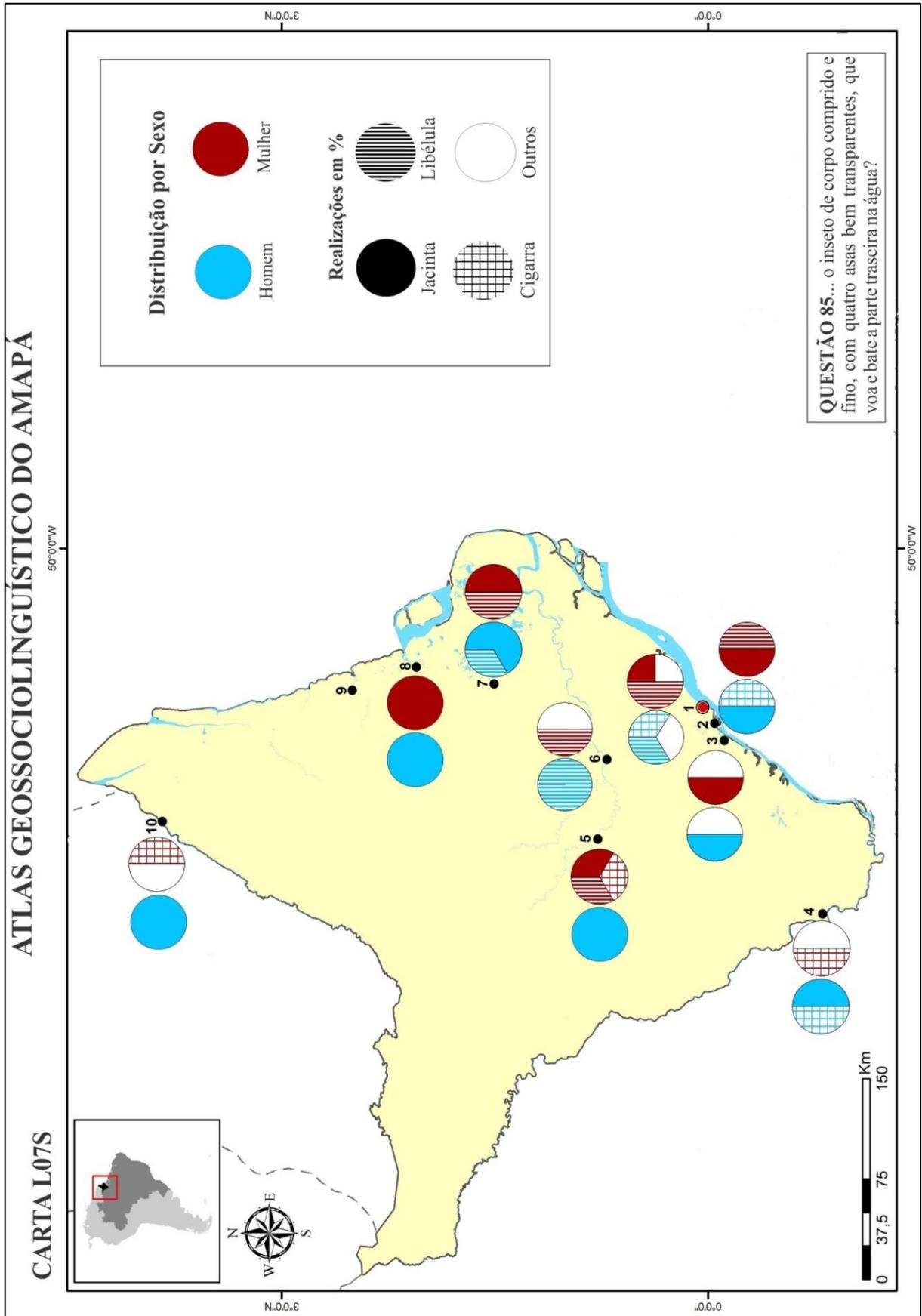
Para a cartografia linguística do aspecto social, do item lexical *libélula*, elaboraram-se duas cartas: L07G e L07S. A primeira representa a variação diageracional e a segunda a variação diagenérica. É importante salientar que apenas no ponto 09 (Calçoene) não foi possível mapear nenhuma variante pela ausência de respostas.

Carta L07G – Item libélula



Fonte: Elaborada pelo autor.

Carta L07S – Item libélula



Fonte: Elaborada pelo autor.

Em relação ao item *pernilongo*, a tabela 29 mostra que a variação diageracional foi mais representativa do que a variação diagenérica. Observa-se também que as variantes *carapanã* e *muriçoca* são as que mais se destacam para análise social. A variável idade mostra que a variante *carapanã* é mais frequente na fala dos informantes da faixa etária I, quando comparada aos informantes da faixa etária II. Já a variante *muriçoca* apresenta o inverso, concentra-se na fala de informantes da faixa etária II, com 41% de realização, em comparação com os da faixa etária I, com apenas 23%. As demais variantes mostram pouca variabilidade devido ao número de ocorrências

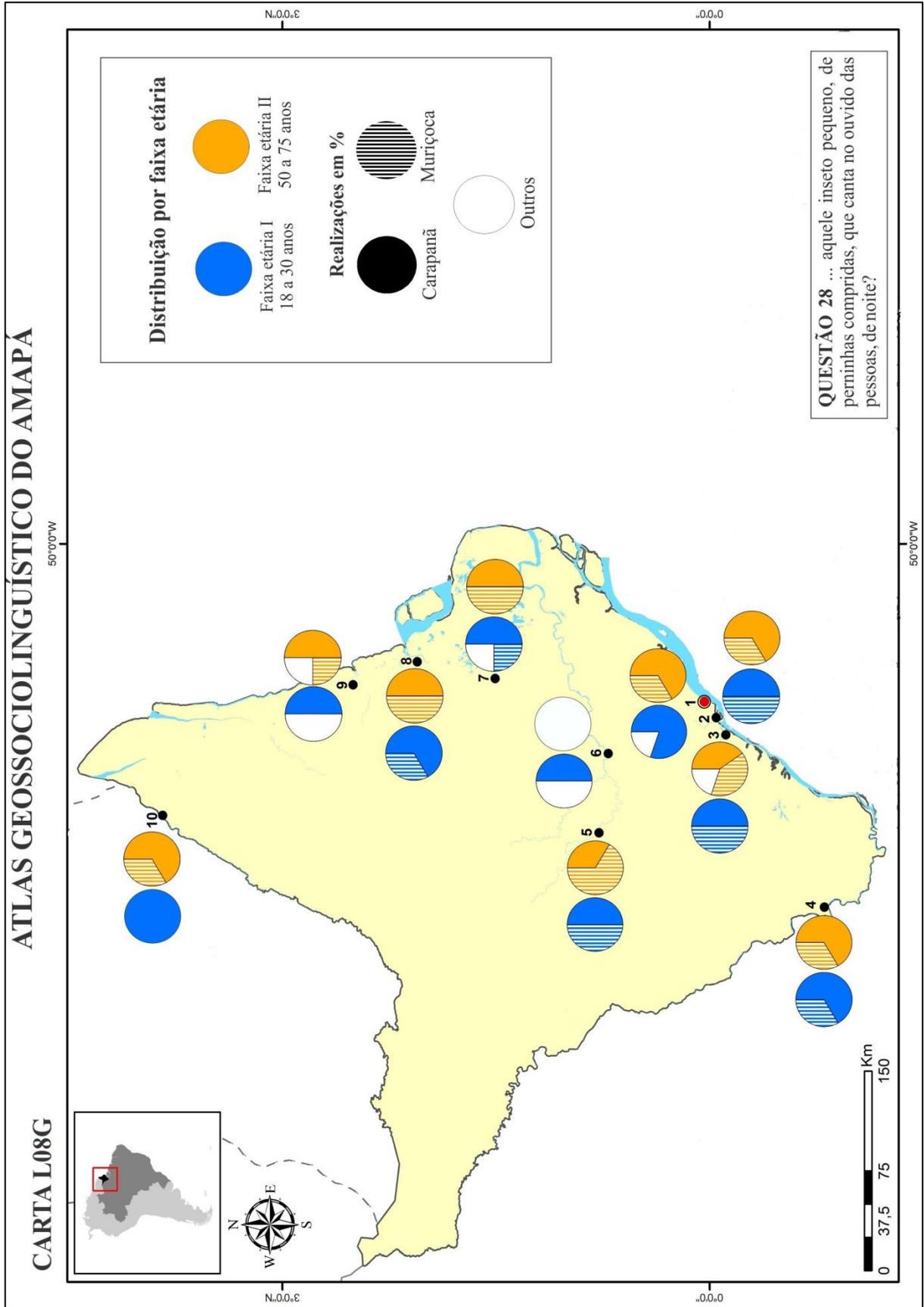
**Tabela 29** – Distribuição por variáveis sociais (*pernilongo*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Carapanã</i>	<b>64%</b>	<b>19</b>	<b>53%</b>	<b>17</b>	55%	17	61%	19
<i>Muriçoca</i>	<b>23%</b>	<b>7</b>	<b>41%</b>	<b>13</b>	29%	9	36%	11
<i>Mosquito</i>	10%	3	3%	1	10%	3	3%	1
<i>Maruim</i>	3%	1	-	-	3%	1	-	-
<i>Pium</i>	-	-	3%	1	3%	1	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com base nos dados da tabela acima, optou-se por cartografar somente as variantes *carapanã* e *muriçoca*, apresentando a variação diageracional na carta L08G.

Carta L08G – Item *pernilongo*



Fonte: elaborada pelo autor.

### e) Convívio e comportamento social

Para a análise social deste campo semântico, foram selecionados os itens lexicais: *pessoa pouco inteligente*, *prostituta* e *xará*. Conforme a tabela 30, o item que corresponde às variantes lexicais para designar uma *pessoa pouco inteligente* apresentou tendências para uma variação diageracional. As variantes lexicais *burra*, *rude* e *besta* foram as que mais se destacaram. A primeira e a terceira variante apresentaram maior frequência na fala dos informantes da faixa etária I, com 55% para *burra* e 20% para *besta*. Vale ressaltar que a variante *besta* só ocorreu na fala dos mais jovens. Já a variante *rude* mostra grande recorrência na fala de informantes da faixa etária II, com 67% de frequência. Em relação à variação diagenérica, os dados não mostram variabilidade representativa, pois tanto os homens quanto as mulheres se utilizam das mesmas variantes.

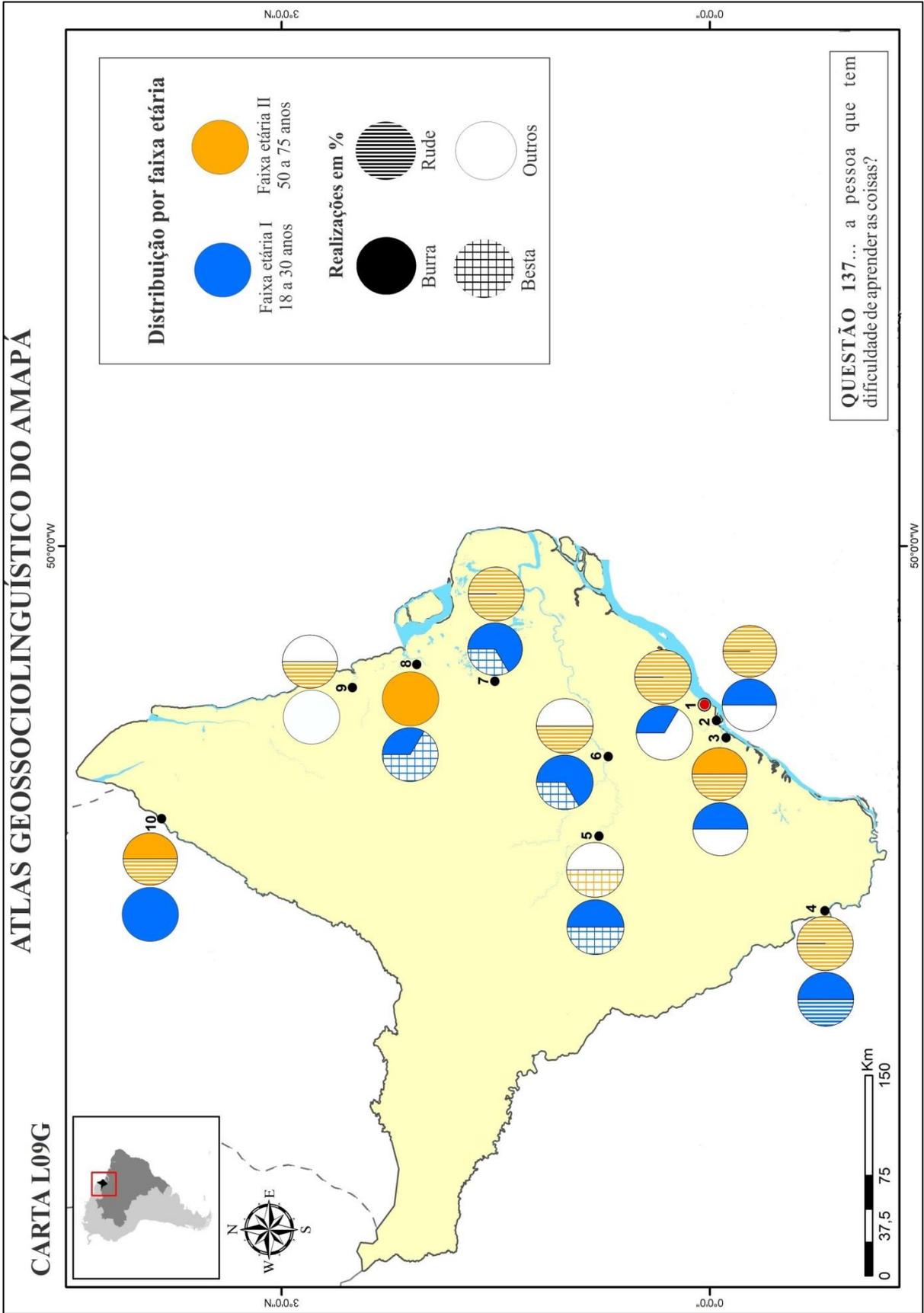
**Tabela 30** – Distribuição por variáveis sociais (*pessoa pouco inteligente*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Burra</i>	55%	11	28%	5	35%	7	50%	9
<i>Rude</i>	5%	1	67%	12	40%	8	28%	5
<i>Besta</i>	20%	4	-	-	10%	2	12%	2
<i>Analfabeto</i>	5%	1	-	-	5%	1	-	-
<i>Aro</i>	5%	1	-	-	-	-	5%	1
<i>Despercebido</i>	-	-	5%	1	-	-	5%	1
<i>Preguiçoso</i>	5%	1	-	-	5%	1	-	-
<i>Lento</i>	5%	1	-	-	5%	1	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

A carta L09G, apresentada abaixo, buscou mapear as variantes *burra*, *rude* e *besta* para mostrar a configuração da variação diageracional presente nos dados.

Carta L09G – Item *pessoa pouco inteligente*



Fonte: elaborada pelo autor.

O item *prostituta*, de acordo com a tabela 31, não configura explicitamente tendências para variação diageracional nem para a diagenérica, pois entre as 18 variantes listadas abaixo, percebe-se que há certa invariabilidade pelo número de ocorrências. Exceto a variante *prostituta* que aparece com 43% de frequência na fala dos informantes da faixa etária I e 36% na fala dos da faixa etária II. No entanto, quando verificado o número de ocorrências, percebe-se que a diferença entre os informantes das faixas etárias I e II são de apenas 5 ocorrências.

**Tabela 31** – Distribuição por variáveis sociais (*prostituta*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Prostituta</i>	43%	17	36%	12	44%	14	41%	15
<i>Putá</i>	15%	6	15%	5	13%	4	14%	5
<i>Mulher da vida</i>	10%	4	9%	3	9%	3	11%	4
<i>Quenga</i>	8%	3	9%	3	9%	3	5%	2
<i>Mulher Solteira</i>	-	-	9%	3	6%	2	-	-
<i>Perigete</i>	8%	3	-	-	-	-	5%	2
<i>Cachorra</i>	3%	1	-	-	-	-	3%	1
<i>Rapariga</i>	-	-	6%	2	3%	1	3%	1
<i>Babilônia</i>	-	-	3%	1	3%	1	-	-
<i>Depravada</i>	-	-	3%	1	-	-	3%	1
<i>Meretriz</i>	-	-	3%	1	-	-	3%	1
<i>Mulher de Programa</i>	3%	1	3%	1	-	-	5%	2
<i>Garota de Programa</i>	3%	1	-	-	-	-	3%	1
<i>Safada</i>	3%	1	-	-	3%	1	-	-
<i>Oferecida</i>	3%	1	-	-	3%	1	-	-
<i>Piranha</i>	3%	1	-	-	3%	1	-	-
<i>Ploque</i>	3%	1	-	-	3%	1	-	-
<i>Vagabunda</i>	-	-	3%	1	-	-	3%	1

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como não houve produtividade para a variação diageracional e diagenérica, optou-se por não cartografar os itens lexicais mencionados acima.

Em relação ao item *xará*, na tabela 32, os dados mostram tendências para uma variação diageracional no que diz respeito às variantes lexicais *xará* e *xêra*. A variante *xará* é mais frequente na fala dos informantes da faixa etária I com 88%, enquanto *xêra* se sobressai na fala dos informantes da faixa etária II, com 33%. Constata-se também que *xêra* não ocorre na fala de pessoas jovens, diferentemente de *xará* que aparece em ambas as faixas etárias. A variação diagenérica se mostra estável, não há predominância de item lexical na fala dos homens, nem na fala das mulheres.

**Tabela 32** – Distribuição por variáveis sociais (*xará*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Xará</i>	<b>88%</b>	<b>13</b>	<b>61%</b>	<b>11</b>	73%	11	72%	13
<i>Xêra</i>	-	-	<b>33%</b>	<b>6</b>	13%	2	22%	4
<i>Chegado</i>	6%	1	-	-	7%	1	-	-
<i>Conterrâneo</i>	-	-	6%	1	-	-	6%	1
<i>Sósia</i>	6%	1	-	-	7%	1	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para a cartografia lexical do item em questão, consideraram-se apenas as variantes *xará* e *xêra*, para mostrar a configuração da variação diageracional. Abaixo segue a carta L11G correspondente à variação diageracional.



No que tange ao item *cigarro de palha*, a análise social mostrou-se pertinente e relevante quanto à variação diageracional. De acordo com a tabela 33, as variantes que se destacaram foram *tabaco* e *porronca*. A primeira é mais usual na fala dos informantes da faixa etária II, com 44% de frequência. Já a segunda é mais usual na fala dos informantes da faixa etária I, com 52% de frequência. Para a variação diagenérica, os dados não apontam significância da variável sexo, mostrando também pouca variabilidade representativa em relação ao número de ocorrência das variantes lexicais.

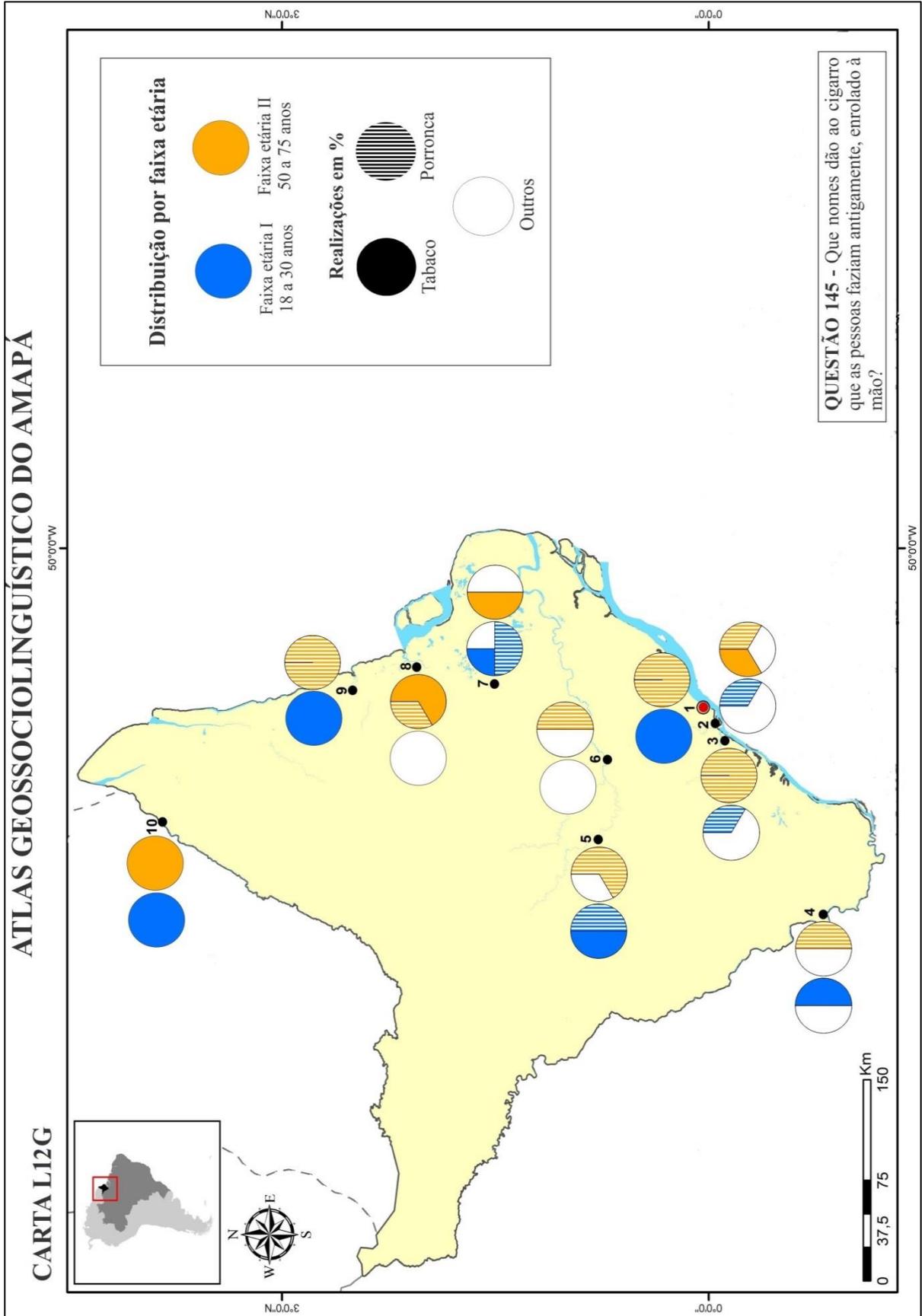
**Tabela 33** – Distribuição por variáveis sociais (*cigarro de palha*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Tabaco</i>	<b>44%</b>	<b>10</b>	<b>26%</b>	<b>6</b>	32%	7	39%	9
<i>Porronca</i>	<b>26%</b>	<b>6</b>	<b>52%</b>	<b>12</b>	41%	9	35%	8
<i>Charuto</i>	13%	3	18%	4	15%	3	17%	4
<i>Cigarro de palha</i>	13%	3	-	-	4%	1	9%	2
<i>Trevo</i>	4%	1	-	-	4%	1	-	-
<i>Ponta de borracha</i>	-	-	4%	1	4%	1	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para a carta L12G seguinte, foram cartografadas as variantes *tabaco* e *porronca* por apresentarem uma tendência à variação diageracional, quando comparadas à variação diagenérica.

Carta L12G – Item cigarro de palha



Fonte: Elaborada pelo autor.

## f) Jogos e diversões infantis

Para este campo semântico, foram selecionados os itens *cambalhota* e *papagaio de papel*. Conforme a tabela 34, o item *cambalhota* apresenta variação diagenérica em relação a três variantes lexicais: *carambela*, *cambalhota* e *mortal*. As duas primeiras se mostram frequentes nas falas dos informantes da faixa etária I, apesar de que as mesmas também são usadas por informantes da faixa etária II, no entanto, com menor incidência. Já a terceira, *mortal*, se destaca por ter sido registrada somente na fala dos informantes da faixa etária I. Para a variação diagenérica, não se observou variabilidade no uso das variantes lexicais, sejam elas realizadas por homens, sejam elas realizadas por mulheres.

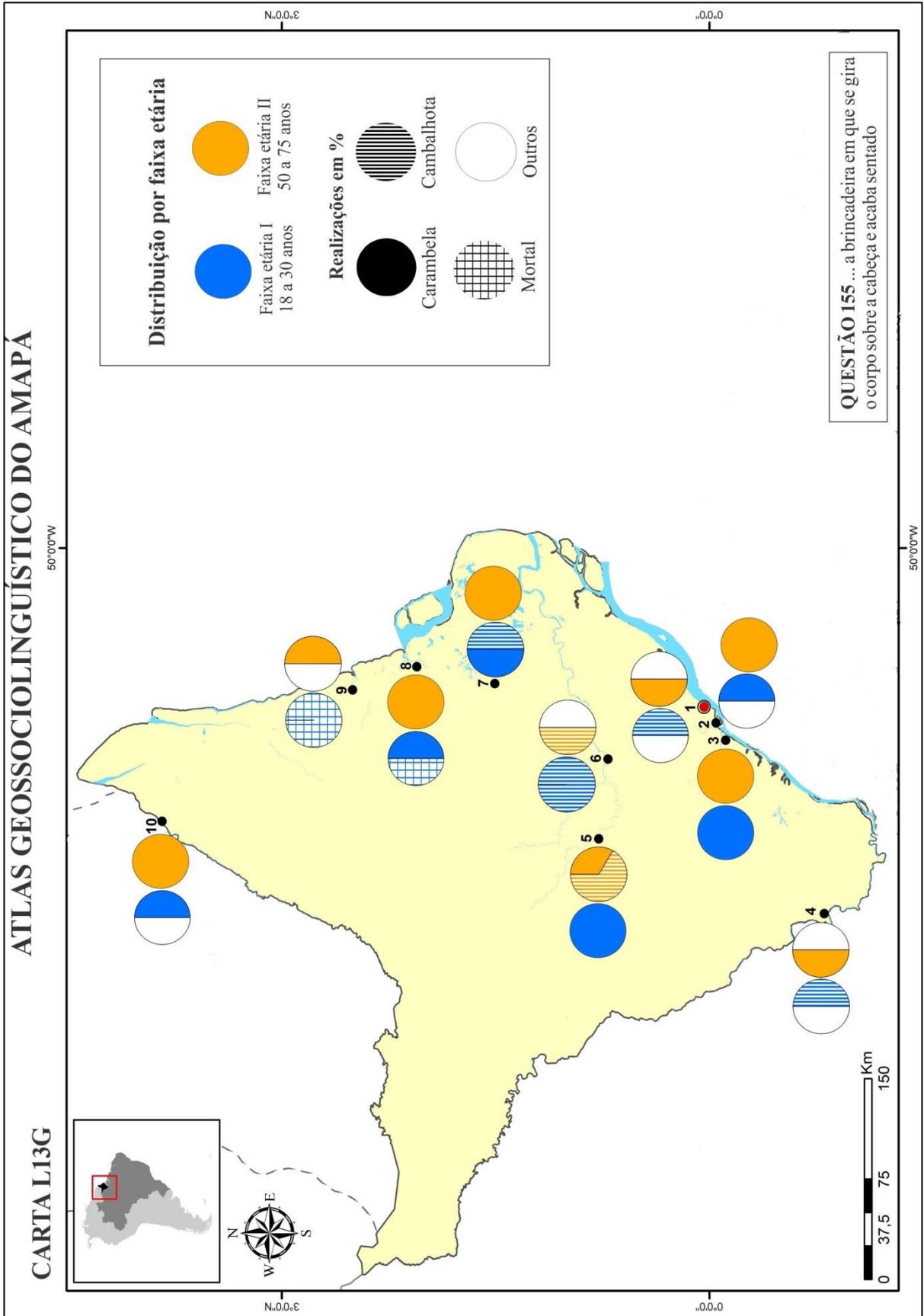
**Tabela 34** – Distribuição por variáveis sociais (*cambalhota*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30	50 - 75						
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Carambela</i>	35%	16	74%	14	48%	9	61%	11
<i>Cambalhota</i>	35%	6	16%	3	26%	5	22%	4
<i>Mortal</i>	24%	4	-	-	16%	3	11%	2
<i>Pirueta</i>	6%	1	5%	1	5%	1	6%	1
<i>Vira-vira</i>	-	-	5%	1	5%	1	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

A carta L13G, que será apresentada a seguir, mostra a distribuição das variantes lexicais por faixa etária. Procurou-se enfatizar a variação diageracional pela representatividade dos dados quando comparados aos da variação diagenérica.

Carta L13G – Item cambalhota



Fonte: Elaborada pelo autor.

Para o item *papagaio de papel*, constatou-se, como mostra a tabela 35, que as variantes lexicais *papagaio*, *pipa* e *rabiola* foram as que mais se destacaram na análise social, mostrando a configuração de uma variação diageracional. A variante *papagaio* ocorre com 40% de frequência na fala dos informantes de faixa etária I e 53% na fala dos da faixa etária II. *Pipa* ocorre com 30% de frequência na fala dos informantes da faixa etária I e 28% na fala dos da faixa etária II. Por ultimo, *rabiola* ocorre com 30% na fala dos informantes da faixa etária I e 6% na fala dos da faixa etária II. O interessante de se observar, nos dados referentes à faixa etária, é o número de ocorrência para a variante *rabiola*. Esta é mais frequente na fala dos informantes mais jovens quando comparada à fala dos informantes mais velhos. Em relação à variação diagenérica os dados revelam que tanto as mulheres quanto os homens utilizam as variantes *papagaio*, *pipa* e *rabiola* sem distinção significativa.

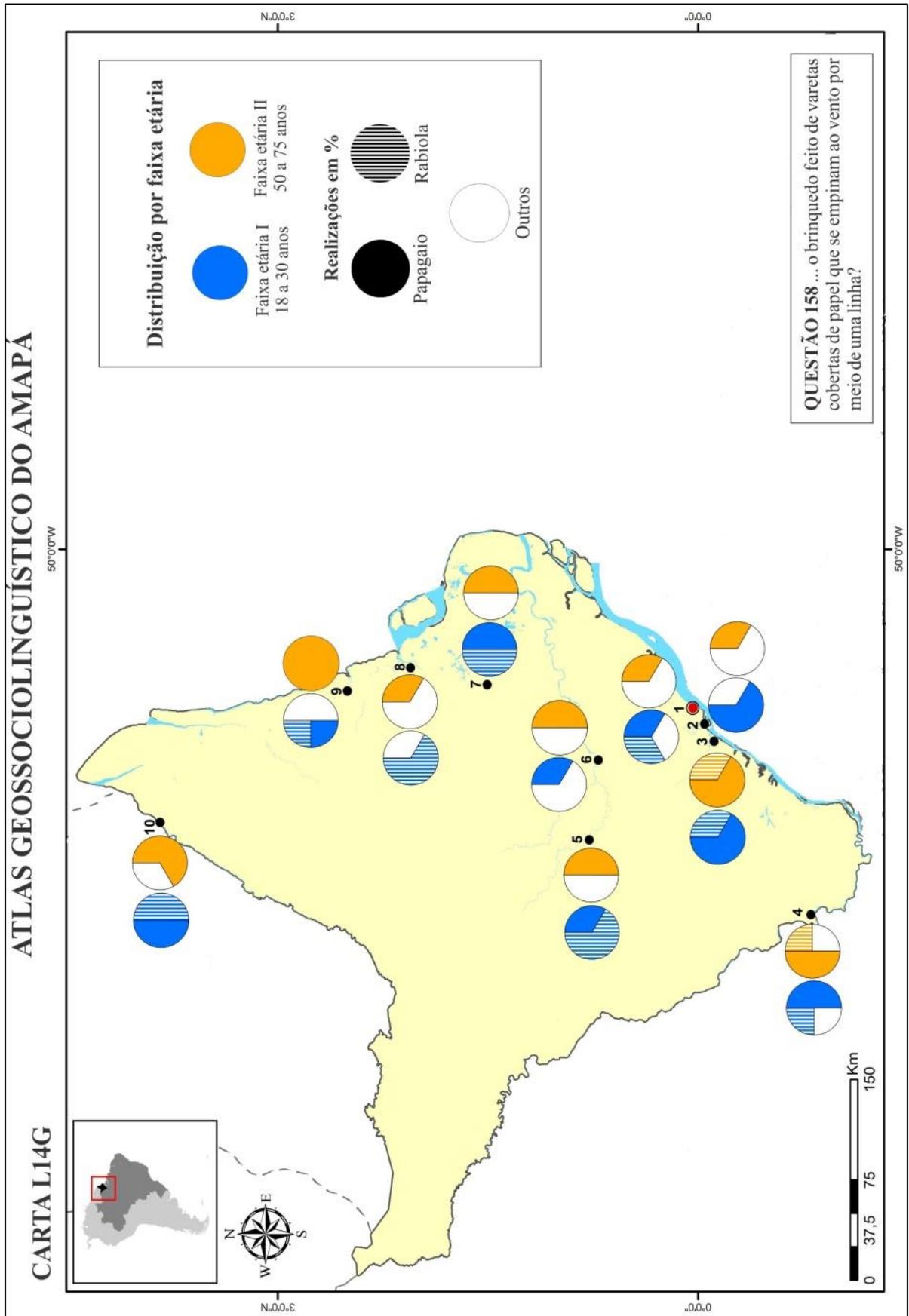
**Tabela 35** – Distribuição por variáveis sociais (*papagaio de papel*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Papagaio</i>	<b>40%</b>	<b>14</b>	<b>53%</b>	<b>17</b>	45%	17	46%	14
<i>Pipa</i>	<b>30%</b>	<b>11</b>	<b>28%</b>	<b>8</b>	21%	8	30%	9
<i>Rabiola</i>	<b>30%</b>	<b>11</b>	<b>6%</b>	<b>2</b>	21%	8	17%	5
<i>Curica</i>	-	-	6%	2	5%	2	7%	2
<i>Cangula</i>	-	-	6%	2	5%	2	-	-
<i>Suru</i>	-	-	3%	1	3%	1	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

A partir dos dados expostos na tabela acima, elaboramos a carta L14G seguinte para mostrar como se configurou a variação diageracional, considerando as variantes *papagaio*, *pipa* e *rabiola*, nos pontos pesquisados.

Carta L14G – Item papagaio de papel



Fonte: Elaborada pelo autor.

### g) Vestuário e acessórios

Para o campo semântico *vestuário e acessórios* foi selecionado o item *ruge*. Conforme a tabela 36, na análise social do item em questão, constatou-se que as variantes *compacto*, *ruge* e *blush* foram as que mais se destacaram. A variante *compacto* ocorre com 22% de frequência na fala dos informantes da faixa etária I e com 42% na fala dos informantes da faixa etária II. No caso de *ruge*, esta ocorre com 5% de frequência na fala dos informantes da faixa etária I e 42% nos da faixa etária II. Já *blush*, aparece com 50% na fala dos da faixa etária I e 8 % nos da faixa etária II. Assim, os dados sobre a variável faixa etária configuram uma variação diageracional, pois se constata que os informantes mais velhos preferem utilizar as variantes *compacto* e *ruge*, já os mais jovens empregam mais o termo *blush*. Em relação à variável sexo, a tabela 36 também mostra que as referidas variantes configuram ainda variação diagenérica, visto que *compacto* apresenta uma frequência de uso de 23% na fala dos homens e 28% na fala das mulheres; o item *ruge* ocorre com 35% na fala dos homens e 19% na fala das mulheres; e *blush* aparece com 18% para os homens e 34% para as mulheres. Logo, observa-se que *compacto* e *blush* são variantes predominantes na fala feminina.

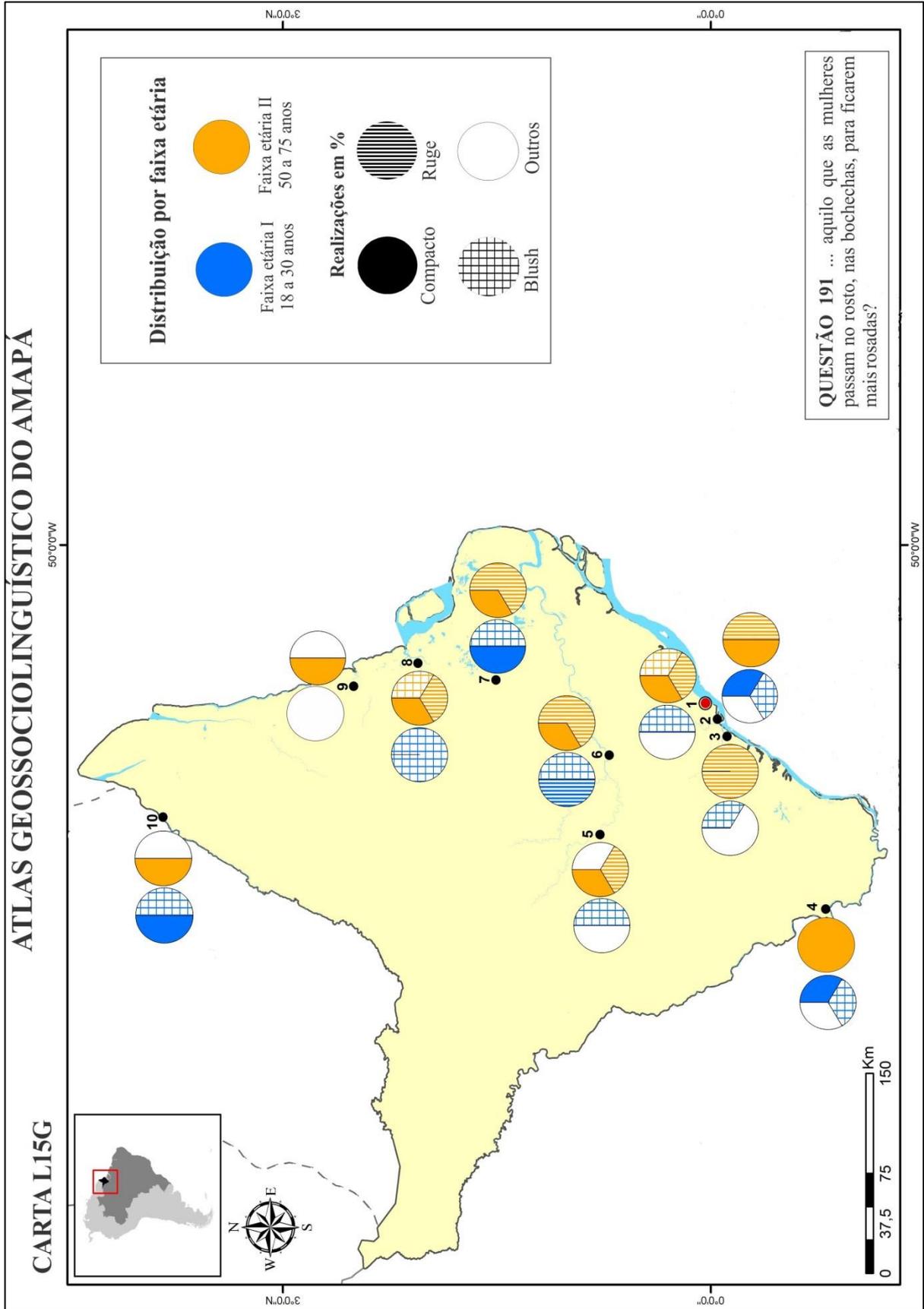
**Tabela 36** – Distribuição por variáveis sociais (*ruge*)

Variantes	Faixa etária				Sexo			
	I		II		Homem		Mulher	
	18 – 30		50 - 75					
	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%	ocor.
<i>Compacto</i>	22%	4	42%	10	23%	4	38%	10
<i>Ruge</i>	5%	1	42%	10	35%	6	19%	5
<i>Blush</i>	50%	9	8%	2	18%	3	34%	9
<i>Maquiagem</i>	18%	3	-	-	18%	3	5%	1
<i>Creme</i>	-	-	8%	2	6%	1	-	-
<i>Topázio</i>	5%	1	-	-	-	-	5%	1

Fonte: Elaborada pelo autor.

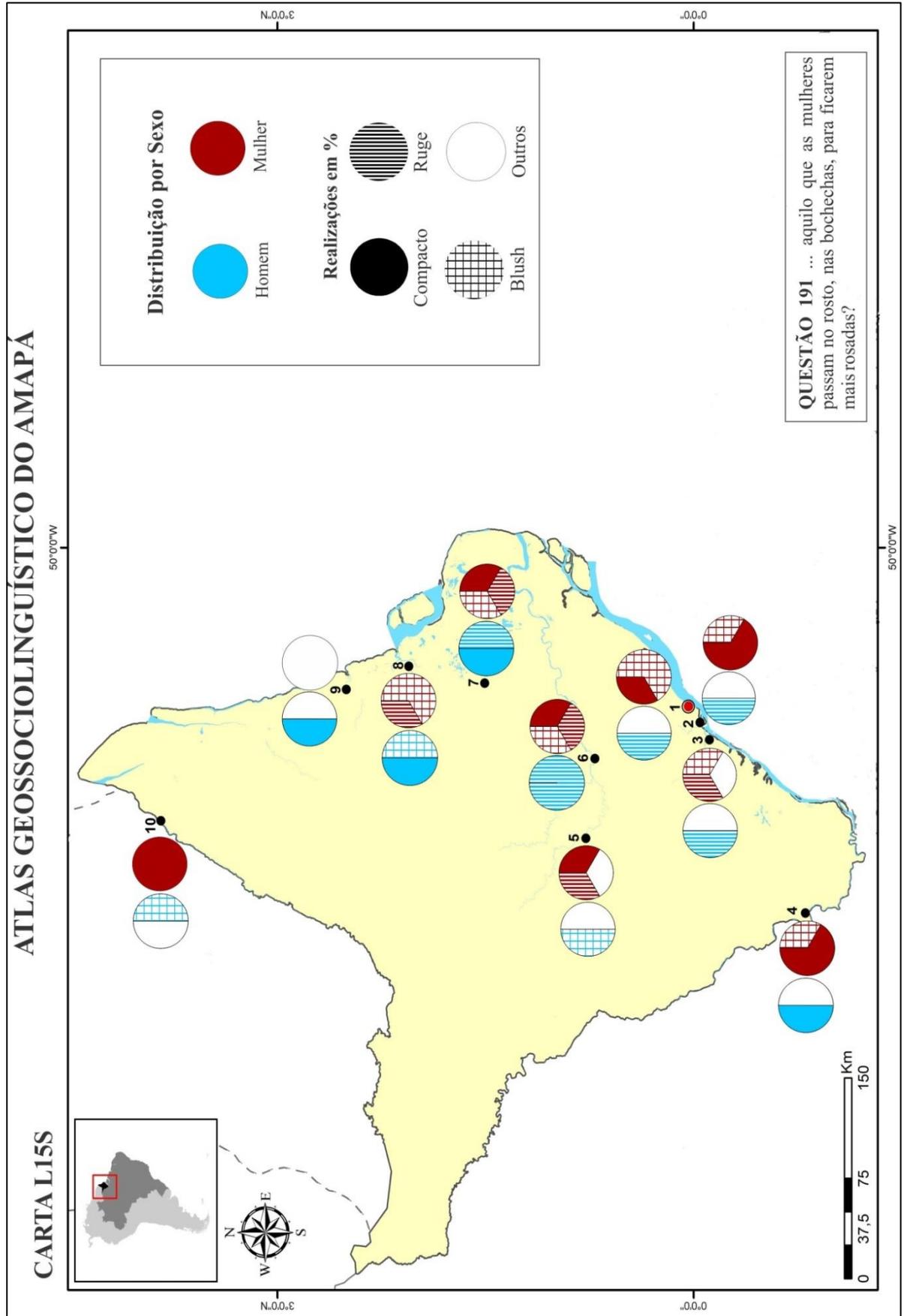
Para elucidar essa configuração das variáveis sociais (faixa etária e sexo), elaboraram-se duas cartas linguísticas, L15G e L15S mostradas a seguir; a primeira registra a variação diageracional e a segunda a variação diagenérica, considerando apenas as variantes mais produtivas: *compacto*, *ruge* e *blush*.

Carta L15G – Item *ruge*



Fonte: Elaborada pelo autor.

Carta L15S – Item *ruge*



Fonte: Elaborada pelo autor.

### 4.3 ANÁLISE COMPARATIVA: ALAP E ALiB

Na análise comparativa, consideraram-se os dados lexicais descritos e analisados para esta pesquisa e os resultados publicados no Atlas Linguístico do Brasil (vol. 2). Foram delimitados, dos 15 itens lexicais analisados aqui, apenas 11 itens lexicais, já que os mesmos se encontram no ALiB e apresentam produtividade lexical. A análise será feita considerando sete campos semânticos: *fenômenos atmosféricos, atividades agropastoris, fauna, comportamento e convívio social, jogos e diversões infantis e vestuário e acessórios*. Desse conjunto, foram selecionados os seguintes itens lexicais: *orvalho, neblina, ponta roxa no cacho da banana, galinha-d'angola, libélula, pernilongo, prostituta, cigarro de palha, cambalhota, papagaio de papel e ruge*.

Apresenta-se a seguir a análise comparativa dos dados lexicais referentes a 25 pontos de inquéritos do ALiB (que correspondem a 25 capitais brasileiras) e aos 10 pontos de inquéritos do ALAP (que correspondem a 10 municípios do Amapá). Optou-se pela elaboração de tabelas considerando a comparação das variantes lexicais encontradas na capital Macapá, e por ser o único ponto de pesquisa, até o momento, comum entre os dois atlas.

A seguir apresenta-se cada item lexical, listando as variantes mais frequentes encontradas no ALiB e ao lado serão destacadas apenas as variantes lexicais encontradas na capital Macapá. Do mesmo modo será feito com os dados do ALAP. Listam-se, primeiramente, as variantes lexicais mais frequentes no estado do Amapá e em seguida destacam-se apenas as variantes lexicais encontradas na capital Macapá.

#### **a) Fenômenos Atmosféricos**

No campo semântico *fenômenos atmosféricos* encontram-se dois itens lexicais *orvalho* e *neblina*. O item *orvalho*, conforme a tabela 37, é apresentado no ALiB com 05 variantes lexicais mais frequentes: *orvalho, sereno, neblina, garoa* e *neve*. Já em Macapá se destacam as variantes *sereno, orvalho* e *neblina*. Em comparação com os dados gerais do ALAP foram registradas 04 variantes: *sereno, neblina, neve* e *orvalho*. No que diz respeito ao ponto 01 (Macapá) têm-se as variantes *sereno, neblina, orvalho* e *vento norte*.

**Tabela 37** – Dados comparativos do item lexical *orvalho*

ALiB		ALAP	
ALiB	MACAPÁ	ALAP	MACAPÁ
<i>Orvalho</i>	<i>Sereno</i>	<i>Sereno</i>	<i>Sereno</i>
<i>Sereno</i>	<i>Orvalho</i>	<i>Neblina</i>	<i>Neblina</i>
<i>Neblina</i>	<i>Neblina</i>	<i>Neve</i>	<i>Orvalho</i>
<i>Garoa</i>	-	<i>Orvalho</i>	<i>Vento norte</i>
<i>Neve</i>	-	<i>Vento norte</i>	-
-	-	<i>Nevoada</i>	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Percebe-se que tanto nos dados do ALiB quanto nos do ALAP ocorrem as variantes *sereno*, *neblina* e *orvalho*, no entanto a variante *vento norte* só aparece nos dados do ALAP.

O item *neblina*, conforme a tabela 38, é apresentado no ALiB com 6 variantes mais frequentes: *neblina*, *cerração*, *neve*, *nevoeiro*, *fumaça* e *sereno*. Já em Macapá se destacam *neblina*, *sereno* e *neve*. Em comparação aos dados gerais do ALAP foram registradas as formas *neblina*, *neve* e *sereno*, como variantes mais frequentes. Já em Macapá se destacam apenas as variantes *neblina* e *neve*.

**Tabela 38** – Dados comparativos do item lexical *neblina*

ALiB		ALAP	
ALiB	MACAPÁ	ALAP	MACAPÁ
<i>Neblina</i>	<i>Neblina</i>	<i>Neblina</i>	<i>Neblina</i>
<i>Cerração</i>	<i>Sereno</i>	<i>Neve</i>	<i>Neve</i>
<i>Neve</i>	<i>Neve</i>	<i>Sereno</i>	-
<i>Nevoeiro</i>	-	<i>Fumaça</i>	-
<i>Fumaça</i>	-	<i>Nevoeiro</i>	-
<i>Sereno</i>	-	<i>Orvalho</i>	-
-	-	<i>Nuvem</i>	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Vale ressaltar que nos dados dos dois atlas foram registradas as mesmas variantes lexicais: *neblina*, *neve* e *sereno*. Cumpre dizer ainda que nos dados do ALAP/Macapá não foi registrada a variante *sereno*, como consta nos dados do ALiB/Macapá.

## b) Atividades agropastoris

No campo semântico *atividades agropastoris* foi selecionado o item *ponta roxa no cacho da banana*. Conforme a tabela 39, os dados do ALiB apresentam quatro variantes mais

frequentes para o referido item lexical: *mangará*, *umbigo*, *flor* e *coração*. Na capital Macapá, destacam-se *flor da banana*, *mangará* e *umbigo*. Em comparação com os dados gerais do ALAP foram registradas as seguintes variantes mais frequentes: *mangará*, *talo*, *umbigo*, *coração*, *mará*, *garco*, *magarata* e *broca*. Na capital, destacam-se *talo*, *coração*, *mará* e *garço*.

**Tabela 39** – Dados comparativos do item lexical *ponta roxa no cacho da banana*

ALiB		ALAP	
ALiB	MACAPÁ	ALAP	MACAPÁ
<i>Mangará</i>	<i>Flor da banana</i>	<i>Mangará</i>	<i>Talo</i>
<i>Umbigo</i>	<i>Mangará</i>	<i>Talo</i>	<i>Coração</i>
<i>Flor (da banana, bananeira)</i>	<i>Umbigo</i>	<i>Umbigo</i>	<i>Mará</i>
<i>Coração (da bananeira, do boi, do cacho)</i>	-	<i>Coração</i>	<i>Garço</i>
-	-	<i>Mará</i>	-
-	-	<i>Garço</i>	-
-	-	<i>Mangarata</i>	-
-	-	<i>Broca</i>	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme observa-se na tabela 39 entre os dois atlas foram registradas 03 variantes lexicais em comuns: *mangará*, *umbigo* e *coração*. Ressalta-se também que nos dados do ALAP/Macapá ocorrem 03 variantes que não aparecem nos dados do ALiB/Macapá: *talo*, *mará* e *garço*.

### c) Fauna

Para este campo semântico foram selecionados três itens lexicais: *galinha-d'angola*, *libélula* e *pernilongo*. Diante da tabela 40, o item *galinha-d'angola* é apresentado nos dados do ALiB com 05 variantes mais frequentes: *galinha-d'angola*, *tô-fraco*, *capote*, *guiné* e *picote*. Na capital Macapá, o referido item só aparece com três variantes: *picote*, *galinha d'angola* e *capote*. Já nos dados gerais do ALAP, têm-se o registro de sete variantes: *picote*, *galinha-d'angola*, *picota*, *capote*, *gajé*, *nuplim* e *nambú*. Deste total de variantes, três delas foram realizadas em Macapá: *picote*, *galinha-d'angola* e *capote*.

**Tabela 40** – Dados comparativos do item lexical *galinha-d'angola*

ALiB		ALAP	
ALiB	MACAPÁ	ALAP	MACAPÁ
<i>Galinha-d'angola</i>	<i>Picote</i>	<i>Picote</i>	<i>Picote</i>
<i>Tô-fraco</i>	<i>Galinha-d'angola</i>	<i>Galinha- d'angola</i>	<i>Galinha- d'angola</i>
<i>Capote</i>	<i>Capote</i>	<i>Picota</i>	<i>Capote</i>
<i>Guiné</i>	-	<i>Capote</i>	-
<i>Picote</i>	-	<i>Gajé</i>	-
<i>Outras</i>	-	<i>Nuplim</i>	-
-	-	<i>Nambú</i>	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como se pode perceber na tabela acima, foram encontradas, nos dados dos dois atlas, 03 variantes lexicais em comum: *picote*, *galinha-d'angola* e *capote*. Observa-se também que há variantes lexicais encontradas nos dados do ALiB que não foram registradas nos dados do ALAP e vice-versa, como é o caso das variantes: *tô-fraco*, *guiné*, *picota*, *gajé*, *nuplim* e *nambú*.

Em relação ao item *libélula*, como mostra a tabela 41, ele aparece nos dados do ALiB com seis variantes mais frequentes: *libélula*, *helicóptero*, *bate-bunda/lava-bunda/lava-cu*, *jacinta*, *zigue-zague* e *cigarra*. Na capital Macapá foram registradas somente as variantes *jacinta* e *cigarra*. Em comparação com os dados do ALAP, registraram-se quatro variantes mais frequentes: *jacinta*, *libélula*, *cigarra* e *jacina*, as quais também estão presentes na fala dos informantes de Macapá.

**Tabela 41** – Dados comparativos do item lexical *libélula*

ALiB		ALAP	
ALiB	MACAPÁ	ALAP	MACAPÁ
<i>Libélula</i>	<i>Jacinta</i>	<i>Jacinta</i>	<i>Jacinta</i>
<i>Helicóptero</i>	<i>Cigarra</i>	<i>Libélula</i>	<i>Libélula</i>
<i>Bate-bunda/lava-bunda /lava-cu</i>	-	<i>Cigarra</i>	<i>Cigarra</i>
<i>Jacinta</i>	-	<i>Jacina</i>	<i>Jacina</i>
<i>Zigue-zigue</i>	-	-	-
<i>Cigarra</i>	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Deste modo, encontram-se nos dois atlas 03 variantes lexicais em comum: *jacinta*, *libélula* e *cigarra*. Constata-se também que nos dados do ALAP/Macapá aparece a variante *jacina*, que não foi registrada nos dados do ALiB/Macapá.

Quanto ao item *pernilongo*, de acordo com a tabela 42, os dados do ALiB apresentam 05 variantes mais usadas: *pernilongo*, *mosquito*, *muriçoca*, *carapanã* e *praga*. Já em Macapá foram registradas apenas 03: *carapanã*, *muriçoca* e *pernilongo*. Em comparação com os dados gerais do ALAP e também na capital Macapá foram registradas 03 variantes: *carapanã*, *muriçoca* e *mosquito*.

**Tabela 42** – Dados comparativos do item lexical *pernilongo*

ALiB		ALAP	
ALiB	MACAPÁ	ALAP	MACAPÁ
<i>Pernilongo</i>	<i>Carapanã</i>	<i>Carapanã</i>	<i>Carapanã</i>
<i>Mosquito</i>	<i>Muriçoca</i>	<i>Muriçoca</i>	<i>Muriçoca</i>
<i>Muriçoca</i>	<i>Pernilongo</i>	<i>Mosquito</i>	<i>Mosquito</i>
<i>Carapanã</i>	-	-	-
<i>Praga</i>	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Comparando os dois atlas constatamos que as variantes *carapanã* e *muriçoca* estão presentes tanto nos dados do ALiB/Macapá quanto nos dados do ALAP/Macapá. Vale ressaltar que a variante *pernilongo* presente nos dados do ALiB, referente à capital Macapá, não foi registrada nos dados do ALAP.

#### **d) Convívio e comportamento social**

Para o campo semântico *convívio e comportamento social* foram selecionados dois itens lexicais: *prostituta* e *cigarro de palha*. O item *prostituta*, como mostra a tabela 43, apresenta nos dados gerais do ALiB 6 variantes lexicais mais frequentes: *prostituta*, *mulher* (várias denominações), *puta*, *rapariga*, *meretriz* e *rameira/rampeira*. Em relação à capital Macapá predominam as variantes *mulher da vida*, *mulher piranha*, *mulher da vida fácil*, *mulher galinha*, *prostituta*, *puta* e *rampeira*. Em comparação com os dados gerais do ALAP foram registradas 07 variantes mais frequentes: *prostituta*, *puta*, *mulher da vida*, *quenga*, *mulher solteira* e *periguete*. Nos dados referentes à capital Macapá foram registradas apenas 04 variantes: *prostituta*, *mulher da vida*, *quenga*, *mulher de programa* e *piranha*.

**Tabela 43** – Dados comparativos do item lexical *prostituta*

ALiB		ALAP	
ALiB	MACAPÁ	ALAP	MACAPÁ
<i>Prostituta</i>	<i>Mulher (da vida, piranha, da vida fácil, galinha)</i>	<i>Prostituta</i>	<i>Prostituta</i>
<i>Mulher (várias denominações)</i>	<i>Prostituta</i>	<i>Putá</i>	<i>Mulher da vida</i>
<i>Putá</i>	<i>Putá</i>	<i>Mulher da vida</i>	<i>Mulher de programa</i>
<i>Rapariga</i>	<i>Rampeira</i>	<i>Quenga</i>	<i>Piranha</i>
<i>Meretriz</i>	-	<i>Mulher solteira</i>	-
<i>Rameira/rampeira</i>	-	<i>Periguete</i>	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Diante do exposto na tabela acima, destaca-se que nos dados do ALAP/Macapá as variantes *prostituta*, *mulher da vida* e *piranha* também estão presentes nos dados do ALiB/Macapá. Ressalta-se que nos dados do ALiB/Macapá ocorre a variante *rampeira*, a qual não aparece nos dados do ALAP; por outro lado, nesses dados ocorre a variante *periguete* que não aparece nos dados do ALiB.

O próximo item a ser comparado é *cigarro de palha*. Conforme indicados na tabela 44, os dados gerais do ALiB apresentam 05 variantes mais frequentes: *cigarro de palha*, *cigarro de fumo*, *cigarro de tabaco*, *porronca* e *palheiro*. Em relação às variantes na capital Macapá, o ALiB mapeou a realização de 04 formas: *porronca*, *cigarro de tabaco*, *de palha* e *mata-rato*. Em comparação com os dados gerais do ALAP, foram registradas 04 variantes lexicais: *tabaco*, *porronca*, *charuto* e *cigarro de palha*. Em relação à capital Macapá aparecem somente 02 variantes: *tabaco* e *porronca*.

**Tabela 44** – Dados comparativos do item lexical *cigarro de palha*

ALiB		ALAP	
ALiB	MACAPÁ	ALAP	MACAPÁ
<i>Cigarro de palha</i>	<i>Porronca</i>	<i>Tabaco</i>	<i>Tabaco</i>
<i>Cigarro de fumo</i>	<i>Cigarro de tabaco</i>	<i>Porronca</i>	<i>Porronca</i>
<i>Cigarro de tabaco</i>	<i>Cigarro de palha</i>	<i>Charuto</i>	-
<i>Porronca</i>	<i>Mata-rato</i>	<i>Cigarro de palha</i>	-
<i>Palheiro</i>	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Assim, verifica-se que a variante *mata-rato* registrada nos dados do ALiB referente à Macapá, não ocorre em nenhum dos pontos pesquisados para o ALAP, assim como a variante *charuto* que está registrada no ALAP não aparece como frequente nos dados do ALiB.

### e) Jogos e diversões infantis

Neste campo semântico, concentram-se dois itens lexicais para análise comparativa: *cambalhota* e *papagaio de papel*. O item *cambalhota*, conforme a tabela 45, mostra que nos dados gerais do ALiB foram encontradas 06 variantes lexicais mais frequentes: *cambalhota*, *carambela*, *cambota*, *bunda-canastra*, *pirueta* e *mortal*. Já na capital Macapá, registram-se apenas três: *carambola*, *carambela* e *pirueta*. Em comparação com os dados gerais do ALAP foram registradas 04 variantes: *carambela*, *cambalhota*, *mortal* e *pirueta*. Por sua vez, nos dados do ALAP, referentes à Macapá, encontram-se quase todas as variantes, exceto *mortal* que não aparece.

**Tabela 45** – Dados comparativos do item lexical *cambalhota*

ALiB		ALAP	
ALiB	MACAPÁ	ALAP	MACAPÁ
<i>Cambalhota</i>	<i>Carambola</i>	<i>Carambela</i>	<i>Carambela</i>
<i>Carambela</i>	<i>Carambela</i>	<i>Cambalhota</i>	<i>Cambalhota</i>
<i>Cambota</i>	<i>Pirueta</i>	<i>Mortal</i>	<i>Pirueta</i>
<i>Bunda-canastra</i>	-	<i>Pirueta</i>	-
<i>Pirueta</i>	-	-	-
<i>Mortal</i>	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com base nos dados acima, percebe-se que as variantes registradas no ALiB/Macapá também estão presentes nos dados do ALAP/Macapá. Ressalta-se que no ALAP, a variante *carambola* foi considerada como variante fonética de *carambela*, como mostra a carta L11.

Para o item *papagaio de papel*, foram registradas 04 variantes mais frequentes nos dados gerais do ALiB: *papagaio*, *pipa*, *raia* e *pandorga*. Referente à capital Macapá, o ALiB registrou 05 variantes: *papagaio*, *pipa*, *cangula*, *curica* e *rabiola*. Já nos dados gerais do ALAP registraram-se 06 variantes: *papagaio*, *pipa*, *rabiola*, *curica*, *cangula* e *suru*. Em relação aos dados referentes à Macapá, têm-se *papagaio*, *pipa*, *rabiola* e *cangula*.

**Tabela 46** – Dados comparativos do item lexical *papagaio de papel*

ALiB		ALAP	
ALiB	MACAPÁ	ALAP	MACAPÁ
<i>Papagaio</i>	<i>Papagaio</i>	<i>Papagaio</i>	<i>Papagaio</i>
<i>Pipa</i>	<i>Pipa</i>	<i>Pipa</i>	<i>Pipa</i>
<i>Raia</i>	<i>Cangula</i>	<i>Rabiola</i>	<i>Rabiola</i>
<i>Pandorga</i>	<i>Curica</i>	<i>Curica</i>	<i>Cangula</i>
<i>Outras</i>	<i>Rabiola</i>	<i>Cangula</i>	-

-	-	<i>Suru</i>	-
---	---	-------------	---

Fonte: Elaborada pelo autor.

Diante do exposto vale dizer que em referência aos dados da capital Macapá, todas as variantes registradas no ALAP também estão contempladas no ALiB.

#### f) Vestuário e acessórios

Neste último campo semântico investigado, foi delimitado o item lexical *ruge*. Nos dados do ALiB, como mostra a tabela 47, foram registradas 03 variantes lexicais, sendo estas: *ruge*, *blush* e *carmin*. Em Macapá foram contempladas somente 02 delas: *ruge* e *blush*. No que concerne aos dados gerais do ALAP, registraram-se 06 variantes: *compacto*, *ruge*, *blush*, *maquiagem*, *creme* e *topázio*; na capital Macapá, dentre essas seis, ocorreram apenas 04 variantes: *compacto*, *ruge*, *blush* e *maquiagem*.

**Tabela 47** – Dados comparativos do item lexical *ruge*

ALiB		ALAP	
<i>ALiB</i>	<i>MACAPÁ</i>	<i>ALAP</i>	<i>MACAPÁ</i>
<i>Ruge</i>	<i>Ruge</i>	<i>Compacto</i>	<i>Compacto</i>
<i>Blush</i>	<i>Blush</i>	<i>Ruge</i>	<i>Ruge</i>
<i>Carmin</i>	-	<i>Blush</i>	<i>Blush</i>
-	-	<i>Maquiagem</i>	<i>Maquiagem</i>
-	-	<i>Creme</i>	-
-	-	<i>Topázio</i>	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Por meio da tabela 47, é possível identificar 02 variantes encontradas tanto nos dados do ALiB/Macapá quanto nos dados do ALAP: *ruge* e *blush*. A única variante que não ocorreu nos dados do ALAP foi *carmin*, no entanto, há algumas que aparecem no ALAP e não no ALiB/Macapá, como: *maquiagem*, *creme* e *topázio*.

Em suma, a análise comparativa nos mostra que a maioria das variantes lexicais registradas no ALiB, também estão presentes no ALAP, salvo algumas que aparecem no ALiB e não aparecem no ALAP e vice-versa. Tal comparação também nos leva a inferir que o uso de algumas variantes lexicais não estão restritas ao estado do Amapá, percebe-se que há um *contínuo lexical* que abrange o norte do Brasil; por exemplo, o uso de variantes como *porronca* aparece nos resultados do ALiB como um uso, marcadamente, registrado na região

norte, assim, não se trata de uma escolha lexical realizada somente em Macapá ou Belém, mas sim um *contínuo lexical* que demarca uma área geográfica, neste caso a região norte do Brasil.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi investigar a variação lexical do português brasileiro falado no Amapá, tendo como base o Atlas Geossociolinguístico do Amapá (ALAP). Tal objetivo foi alcançado por meio da descrição e do mapeamento dos itens lexicais previamente selecionados, em que os resultados foram apresentados a partir de três tipos de análises: espacial (geográfica), social e comparativa.

Na análise espacial ou geográfica, constatou-se que a maioria dos itens lexicais investigados são utilizados pelos informantes por meio de variadas denominações lexicais, ainda que se refiram ao mesmo item lexical, ratificando uma variabilidade lexical que ocorre em um mesmo espaço geográfico e que pode ser identificada em um mesmo informante. Cumpre dizer que nos casos em que houve a ocorrência de duas ou mais variantes em um mesmo espaço geográfico, sempre há a predominância de uma delas, como mostra a carta L01 em que as variantes *igarapé*, *lago* e *riacho* ocorrem nos pontos 01, 04, 07 e 08. No entanto, a variante predominante é *igarapé*.

Em relação à análise social verificou-se que a variação lexical no Amapá apresenta tendências a uma variação diageracional e diagenérica. Ressalta-se que a variável faixa etária foi a que mais se destacou, já que apresentou, na maioria dos itens lexicais investigados, um maior número de ocorrências para variação diageracional, demonstrando que os informantes da primeira faixa etária fazem uso de variantes lexicais distintas dos informantes da segunda faixa etária. Já em relação à variável sexo, esta apresentou pouca variabilidade, sugerindo assim que os homens e as mulheres estão fazendo as mesmas escolhas lexicais.

No último tipo de análise, comparamos 11 itens lexicais referentes ao Atlas Geossociolinguístico do Amapá (ALAP), com os dados já publicados no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), lembrando que para esta comparação foi considerada apenas a capital Macapá, ponto de pesquisa comum entre os dois atlas. Com a comparação entre os dados, conseguimos evidenciar que a maioria das ocorrências presentes no ALiB, também estão presentes no ALAP, salvo algumas variantes lexicais que aparecem no ALiB e não aparecem no ALAP e vice-versa, conforme se viu na tabela 44 referente ao item *cigarro de palha*, em que no ALiB/Macapá registra-se a variante *mata-rato*, no entanto, ela não ocorre nos dados do ALAP.

Desse modo e com base nos resultados apresentados aqui, ratificamos a ideia de que as cartas linguísticas, sob uma abordagem geossociolinguística, são ferramentas fundamentais na

observação e localização de usos linguísticos, pois nos permitem identificar e analisar a variação linguística de determinados espaços geográficos e sociais, além de possibilitar a correlação entre as variáveis sociais e o espaço geográfico, retratando a configuração, seja geográfica seja social, da variação lexical no estado do Amapá.

A descrição da língua falada no Amapá começa a dar os seus primeiros passos. Ainda há muito por fazer. Acredita-se que este estudo seja um dos primeiros, de cunho dialetal e geolinguístico - de abordagem geossociolinguístico -, realizado no Amapá. Com ele deseja-se que muitos outros apareçam para não só descrever, mas também levar ao conhecimento da comunidade acadêmica sobre o português brasileiro falado no Amapá, que ainda é pouco estudado. Espera-se também que o Atlas Geossociolinguístico do Amapá possa em breve ser publicado, a fim de que possa retratar o perfil linguístico do estado e chamar atenção da sociedade amapaense como um todo.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1996.
- ALMEIDA, E. M. **Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco**. 2009. 128 f. Mestrado (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- ALMEIDA, F. C. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ):** uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. 2008. 157 p. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ALTINO, F. C. **Atlas linguístico do Paraná II**. 2007. 693 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, [1920] 1976.
- ANDRADE, R. F. **Migração no Amapá: projeção espacial num contexto de crescimento populacional**. Belém: NAEA, 2005.
- ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. B. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: CNPq, Universidade Federal da Paraíba, 1984.
- AUGUSTO, V. **Atlas Semântico-Lexical de Goiás**. 2012. 3 v. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BESSA, J. R. F. (org.). **Atlas Linguístico do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BRANDÃO, S. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BRITO, R. de M. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas**. 2011. vol. I. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2011.
- CALLOU, D. **Quando dialetologia e sociolinguística se encontram**. Estudos Linguísticos e Literários. Salvador, n. 41, p. 33- 35, jan./jun. 2010, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2010.
- CARDOSO, S. **A história do Atlas Linguístico do Brasil**. In: CARDOSO, Suzana (et. al.). Atlas Linguístico do Brasil: introdução. Londrina: EDUEL, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EUFBA, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, S; MOTA, J. **Percursos da geolinguística no Brasil**. ALFAL, v. 29, n. 1. jun., 2013, p. 115-142.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: Atlas Linguístico do Brasil. Questionários. Londrina: UEL, 2001.

COSERIU, E. **La geografia lingüística**. Motevideo: Cuadernos del Instituto lingüístico latino-americano, 1965.

CRISTIANINI, A. C. **Atlas Semântico-lexical da região do Grande ABC**. 2007. 3. v. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CRUZ, M. L. C. **Atlas Linguístico do Amazonas**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. V. I e II.

CUBA, M. A. **Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso**. 2009. 2.v.. (Dissertação) Mestrado em Estudos de Linguagens. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2009.

DRUMMOND, J. A.; PEREIRA, M. A. P. **Amapá nos tempos do manganês: um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico – 1943-2000**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

DUBOIS, J. (*et al.*). **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ENCARNAÇÃO, M. R. T. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral norte de São Paulo**. 741 f. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERREIRA, C. (*et al.*). **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

GUEDES, R. **Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do Estado do Pará**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

GUY, G. **Rumos da sociodialetoлогия da América Latina**. *In*: Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística (2.: 2012 : Belém, PA). Diversidade linguística e políticas de ensino: anais. Coord. Abdelhak Razky, Marilúcia Barros de Oliveira, Alcides Fernandes de Lima. São Luís: EDUFMA, 2012. p. 44-60.

IORDAN, I. **Introdução à Linguística Românica**. Trad. Julia Dias Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

LABOV, W. **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos**. BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Caroline Rodrigues (trad.). São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, L. G. **Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara**. 2006. 2 v. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. (org.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011 [2002].

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008 [1934].

MIRANDA, V. C. **Glossário paraense**: coleção de vocabulários peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha de Marajó. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968.

MORAIS, J. D.; MORAIS, P. D. **O Amapá em perspectiva**: uma abordagem histórico-geográfica. Macapá: Gráfica J.M, 2005.

MOTA, J.; CARDOSO, S. **Sobre a Dialectologia no Brasil**. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.

MOUTON, P. G. **Geografía Lingüística y Dialectología hispánica**. In: ALVAR, M. (org.). Manual de dialectología hispánica. Barcelona: Ariel, 1996.

NASCENTES, A. **O Linguajar Carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

NUNES FILHO, E. **Formação histórica, econômica, social, política e cultural do Amapá**: descrição e análise do processo de formação histórica do Amapá. OLIVEIRA, Augusto; RODRIGUES, Randolfe (org.). In: Amazônia, Amapá: escritos de História. 1. Belém: Paka-Tatu, 2009.

OLIVEIRA, D. (org.). **Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PEREIRA, M. N. **Atlas Linguístico do Litoral Potiguar**. 2007. 2 vol.. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

POP, S. **La dialectologie**: aperçue historique et méthodes d'enquêtes linguistiques. Louvain: Chez l'auteur, 1950.

POTTIER, B. (*et al*). **Estruturas linguísticas do Português**. São Paulo: DIEL, 1972.

RADTKE, E; THUN, H. **Nuevos caminos de la geolingüística románica**. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Neue Wege der Romanischen Geolinguistik. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

\_\_\_\_\_. **La geolingüística como lingüística variacional general** (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). Congreso Internazionale Di Linguistica e Filologia Romanza, 21, 1995, Palermo. In: RUFFINO, Giovanni (org.). Atti. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

RAZKY, A. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

\_\_\_\_\_. (org.). **Estudos geossociolingüísticos do Pará**. Belém: Grafia, 2003.

REIS, R. C. P. **Atlas Linguístico do município de Ponta-Porã-MS**: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai. 2. v. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2006.

ROMANO, V. **Balço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão**. Entretextos. Londrina, v.13, n. 02, p. 203-242, jul./dez. 2013.

ROSSI, N. (*et al.*). **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro: Rio de Janeiro, 1963.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolinguística**: teoria y analisis. Madrid: Lavel, 1988.

TELES, A. R.; RIBEIRO, S. **A cartografia dos dados**. In: CARDOSO, Suzana (*et. al.*). Atlas Linguístico do Brasil: introdução. Londrina: EDUEL, 2014.

THUN, Harald. **Dialetologia Pluridimensional no Rio Prata**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

\_\_\_\_\_. **Dialetologia Pluridimensional**. Londrina-PR, UEL, 09 out. 2014. Entrevista cedida ao grupo de pesquisa GeoLinTerm.

\_\_\_\_\_. **La géographie linguistique romane à la fin du XXe siècle**. In: Congres International de Linguistique et de Philologie Romanes, 22, 1998, Bruxelles. ACTES. Tübingen: Niemeyer, 2000. p. 367-388.

ZÁGARI, M. (*et al.*). **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. V. 1.

**Especial TV UFBA**: Atlas Linguístico do Brasil. Produção: TV UFBA. Reportagem, 12'34". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H5thheru5U4>>. Acesso em dez. 2014.

**IBGE - ESTADO DO AMAPÁ**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ap#>>. Acesso em 10 de fev. 2015.

**IBGE - CIDADE AMAPÁ**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=160010&search=amapalamarca>>. Acesso em 10 de fev. 2015.

**IBGE - CIDADE CALÇOENE**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=160020&search=calcoene>>. Acesso em 10 de fev. 2015.

**IBGE - CIDADE LARANJAL DO JARÍ**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=160027&search=laranjal-do-jari>>. Acesso em 10 de fev. 2015.

**IBGE - CIDADE MACAPÁ**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=160030&search=macapa>>. Acesso em 10 de fev. 2015.

**IBGE - CIDADE MAZAGÃO**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=160040&search=mazagao>>. Acesso em 10 de fev. 2015.

**IBGE - CIDADE OIAPOQUE.** Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=160050&search=oiapoque>>

Acesso em 10 de fev. 2015.

**IBGE - CIDADE PEDRA BRANDA DO AMAPARÍ.** Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=160015&search=pedra-branca-do-amapari>>

Acesso em 10 de fev. 2015.

**IBGE - CIDADE PORTO GRANDE.** Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=160053&search=porto-grande>>

Acesso em 10 de fev. 2015.

**IBGE - CIDADE SANTANA.** Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=160060&search=santana>>

Acesso em 10 de fev. 2015.

**IBGE - CIDADE TARTARUGALZINHO.** Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=160070&search=tartarugalz>

[inho](http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=160070&search=tartarugalz)> Acesso em 10 de fev. 2015.

**SISTEMA RGB.** Disponível em: <<http://www.uff.br/cdme/matrix/matrix->

[html/matrix\\_color\\_cube/matrix\\_color\\_cube\\_br.html](http://www.uff.br/cdme/matrix/matrix-)> Acesso em 10 de fev. 2015.